

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

Sara Keller

**Um mapa da vida cultural no Rio Grande do Sul: análise do caderno
*Cultura, de Zero Hora***

Porto Alegre
2012

SARA KELLER

**Um mapa da vida cultural no Rio Grande do Sul: análise do caderno
*Cultura, de Zero Hora***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Informação.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Cida Golin

Porto Alegre
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

A banca examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação intitulada **Um mapa da vida cultural no Rio Grande do Sul: análise do caderno *Cultura, de Zero Hora***, elaborada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação e Informação no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof. Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt – PUCRS

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski – UFRGS

Profa. Dra. Marcia Benetti Machado – UFRGS

Porto Alegre, 29 de março de 2012

Para meus pais, Luiz e Claudia,
fundamentais em cada uma
das minhas conquistas.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, instituição na qual, com orgulho, construí minha trajetória acadêmica.

À Capes, pela bolsa de estudos que me permitiu dedicação exclusiva ao mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação e à Fabico, por terem proporcionado a continuidade dos meus estudos e o convívio com excelentes professores e colegas.

À minha orientadora Cida Golin, pelos anos de parceria e aprendizado. Pela paciência e dedicação com as quais conduziu esta dissertação, e pela generosidade em dividir seu conhecimento.

À professora Ana Cláudia Gruszynski, que com inteligência e bom humor sempre foi uma importante referência.

À professora Marcia Benetti Machado, pelas contribuições a esta pesquisa feitas em sala de aula e na banca de qualificação.

Ao editor do caderno *Cultura*, Luiz Antônio Araujo, pela ajuda e disponibilidade na execução deste estudo.

Aos colegas que conheci durante os anos de mestrado, que com amizade e companheirismo tornaram essa caminhada mais leve.

A grande lei da cultura é esta:
deixar que cada um se torne tudo aquilo
para que foi criado capaz de ser.

Thomas Carlyle

RESUMO

Esta dissertação busca compreender a representação da vida cultural local proposta pelo suplemento semanal *Cultura*, de *Zero Hora*, considerando que o jornalismo tem o poder de instituir valores, reforçar consensos e registrar tendências de uma época, e que o suplemento é um espaço que foge da lógica diária, concentrando supostamente o que de mais relevante acontece na área cultural. Para atingir os objetivos propostos, foram utilizadas análise de conteúdo e um *corpus* de 52 edições do caderno publicadas em 2010, totalizando 422 textos. Buscou-se identificar critérios de noticiabilidade, referências espaciais e temporais, temas, gêneros e colaboradores presentes no suplemento; apontar os valores que a publicação estabelece para definir o que é ser culto; e vislumbrar o mapa do sistema cultural proposto por ela. Também foi realizada uma entrevista em profundidade com seu atual editor, Luiz Antônio Araujo, a fim de melhor compreender o contexto de produção. Os resultados indicaram a predominância de atualidade, notoriedade e proximidade entre os valores-notícia; de textos opinativos entre os gêneros; de literatura e livros entre os temas, seguidos por música e história; e professores universitários, agentes culturais e jornalistas entre os colaboradores. No desenho da vida cultural delineado pelo *Cultura* são valorizados temas e discussões atuais e próximos do leitor, buscando uma identificação entre público e jornal. Um aspecto essencial da cobertura é o prestígio construído pelo caderno ao reafirmar a crença do campo em certos agentes notórios. Mesmo tendo apresentado uma predominância de assuntos internacionais, o veículo mostrou seguir a linha editorial de *Zero Hora* ao considerar a perspectiva local o norte da cobertura, já que a origem da maioria dos colaboradores é o RS. O caderno parte de um conceito de cultura que privilegia as manifestações artísticas tradicionais, enfatizando suas versões clássicas, ao mesmo tempo em que expande seu escopo acolhendo outros temas. Também funciona seguindo a lógica do consumo de produtos culturais, abundantes em um mercado de fluxo contínuo, relacionando-o ao aperfeiçoamento intelectual do leitor e à distinção que pode ser alcançada por meio dele. No *Cultura*, o jornalismo atua como espaço de mediação entre o público e o sistema cultural, aproximando leitor e campos especializados. Nesse processo atua a figura do editor que, ao julgar e hierarquizar temas e discussões, define o que o suplemento deixará para a história. Foram destacadas instâncias consagradoras como o saber legitimado, a crítica, a divulgação e o consumo, a criação e os agentes especializados.

Palavras-chave: jornalismo cultural. Suplemento cultural. *Cultura*. Caderno *Cultura*. *Zero Hora*.

ABSTRACT

This dissertation seeks to understand how local cultural life is represented in *Cultura*, *Zero Hora*'s weekly supplement, considering that journalism can establish values, reinforce consensus and register tendencies of a certain time, and also that supplements are a part of the newspaper that escape of the daily logic, supposedly concentrating the most important facts of the field. In order to reach the goals proposed by this research, Content Analysis (CA) was used with a *corpus* of the 52 editions of the supplement published in 2010, totalizing 422 texts. The intention was to identify news values, references of time and space, type of texts, subjects and authors; indicate values the supplement establishes to define what means to be cultured; and to catch a glimpse of the intended map of the cultural system. An in-depth interview was made with the current editor of the supplement, Luiz Antônio Araujo, in order to know better its production context. The results indicated the prevalence of present time; notoriety and proximity among the news values; of opinative texts among genres; of literature and books among themes, followed by music and history; and university professors, cultural agents and journalists among the recurrent authors. In the map of cultural life proposed by *Cultura* are valued current and close to the reader subjects and discussions, seeking to promote and identification between newspaper and its audience. An essential aspect of its coverage is the prestige the supplement built when reiterates the field's belief in certain notorious agents. Even though it has presented a predominance of international subjects, the supplement follows the editorial line of *Zero Hora* when considers local perspective as its coverage guide, once the major part of the authors is from RS. The supplement uses a culture concept that privileges subjects related to the traditional artistic expressions, emphasizing its classic versions, in the same time as expands its scope accepting others themes. The supplement follows the consumption's logic, abundant in a market of continuous flow, relating it to the reader's intellectual improvement and the distinction that can be reached through it. In *Cultura*, journalism works also as a mediator between public and the cultural system, approaching reader and specialized fields. In this process acts the central figure of the editor. When he judges and prioritizes subjects and discussions, defines what the supplement will leave for history. It was highlighted consecrated instances as the legitimized knowledge, criticism, disclosure and consumption, creation and specialized agents.

Keywords: cultural journalism. Cultural supplement. Culture. *Cultura* supplement. *Zero Hora*.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - *Zero Hora* de 13 de abril de 1967 trazia chamada para o primeiro *Caderno de Cultura*. Ao lado, capa da primeira edição do suplemento.....50
- Figura 2** - Chamada na capa do jornal de 11 de abril de 1967 indicava a intenção de ser um suplemento colecionável.....50
- Figura 3** - Capa da edição número 60 do *Caderno de Cultura*, de 11 de abril de 1970.
.....51
- Figura 4** - Diferentes momentos do *Guia*, de *Zero Hora*: 23 de junho de 1973; 14 de dezembro de 1974; 3 de junho de 1978; e 1.º de dezembro de 1979.52
- Figura 5** – Capas da *Revista ZH* e encarte *ZH feminina* de 24 de junho de 1973.....53
- Figura 6** - Três exemplos de capas da *Revista ZH*: 15 de dezembro de 1974; 18 de maio de 1975; e 15 de junho de 1980. Ao lado, uma edição *Caderno de Tevê* da mesma data.
.....53
- Figura 7** - Capa do jornal de 3 de outubro de 1981 anunciava a estreia do *ZH Cultura*. Ao lado, a capa da primeira edição do suplemento.....54
- Figura 8** - Capas do *ZH Cultura* de 31 de maio de 1981; de 9 de novembro de 1985, com publicidade; e de 9 de dezembro de 1989.....57
- Figura 9** - Cadernos *Cultura* antes da reforma gráfica, em 4 de outubro de 2008 e 2 de janeiro de 2010, e depois, em 5 de junho de 2010.....60
- Figura 10** – Linha do tempo demonstra as diferentes etapas por qual passou o caderno *Cultura*.....62

Figura 11 – Médico gaúcho opera criança com fissura labiopalatina no Congo. Ao lado, a legenda escolhida pelo caderno atenta para o gorro com o distintivo do Grêmio.

.....119

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1** – Valores-notícia mais frequentes no suplemento *Cultura* durante o ano de 2010, em números absolutos, de um total de 421 textos.....66
- Gráfico 2** – Ganchos jornalísticos identificados no suplemento semanal *Cultura* em 2010, em porcentagem e número absoluto, de um total de 422 textos.....67
- Gráfico 3** – Referências temporais mais frequentes no suplemento *Cultura* em 2010, em porcentagem e número absoluto, de um total de 420 textos.....68
- Gráfico 4** – Referências espaciais mais frequentes no suplemento *Cultura* em 2010, em porcentagem e número absoluto, de um total de 419 textos.....76
- Gráfico 5** – Gêneros mais frequentes no suplemento *Cultura* durante o ano de 2010, em porcentagem e número absoluto, de um total de 422 textos.....83
- Gráfico 6** – Temas mais frequentes no suplemento *Cultura* em 2010, em porcentagem e número absoluto, sobre um total de 420 textos.....86
- Gráfico 7** – Origem dos autores dos textos publicados em 2010 no caderno *Cultura*, levando em consideração seu local de atuação profissional. Porcentagens sobre os 319 textos assinados.....110

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Relação de autores com três ou mais textos publicados no caderno <i>Cultura</i> em 2010.....	103
--	-----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 RELAÇÕES ENTRE JORNALISMO E CULTURA.....	23
2.1 Mapas de interpretação da realidade.....	23
2.2 Os valores-notícia nas rotinas de produção.....	27
2.3 Um retrato do sistema cultural por meio do jornalismo.....	30
2.4 De que cultura estamos falando?	34
2.5 Breve percurso histórico pela gênese dos suplementos culturais.....	39
2.6 A lógica do suplemento.....	43
2.7 A cultura nas páginas de <i>Zero Hora</i>	47
3 O CADERNO <i>CULTURA</i>, DE <i>ZERO HORA</i>: VALORES-NOTÍCIA E REFERÊNCIAS TEMPORAIS E ESPACIAIS.....	63
3.1 Análise de conteúdo.....	63
3.2 Valores-notícia apurados: parâmetros de tempo e espaço.....	65
3.2.1 A prioridade do tempo: novidade, continuidade e efeméride.....	67
3.2.2 Notoriedade como critério de seleção.....	73
3.2.3 Proximidade geográfica ou cultural.....	74
3.2.4 A morte e a vida de sujeitos célebres.....	78
3.2.5 Valores ligados à negatividade: conflito, controvérsia, infração.....	80
3.2.6 Outros valores-notícia: relevância, notabilidade e inesperado.....	81
4 O CADERNO <i>CULTURA</i>, DE <i>ZERO HORA</i>: GÊNEROS, TEMAS E COLABORADORES.....	83
4.1 Os gêneros encontrados.....	83
4.2 Segmentos temáticos.....	86
4.2.1 A prevalência da literatura e do mercado editorial.....	87
4.2.2 Música e a ênfase no clássico.....	91
4.2.3 A perspectiva histórica como eixo editorial.....	92
4.2.4 Língua portuguesa e fotografia em colunas fixas.....	94
4.2.5 As artes e suas formas tradicionais de expressão.....	95
4.2.6 Conceito expandido: diversas manifestações da cultura.....	96

4.3 Índice de colaboradores.....	101
4.3.1 Os colunistas: saber consagrado pela vida acadêmica.....	104
4.3.2 Predominância dos jornalistas de <i>Zero Hora</i>	105
4.3.3 Conhecimento legítimo e institucionalizado: as universidades.....	106
4.3.4 Os agentes culturais.....	108
4.3.5 Geografia dos colaboradores.....	109
5 A CARTOGRAFIA DO SISTEMA DE CULTURA.....	111
5.1 Mapas para interpretar a movimentação cultural.....	111
5.1.1 A atualidade como âncora editorial.....	112
5.1.2 Notoriedade e construção do prestígio.....	114
5.1.3 Tensão entre o forâneo e o local: o mundo visto da aldeia.....	117
5.2 As culturas do <i>Cultura</i>	120
5.2.1 Guia de consumo em um mercado de fluxo contínuo.....	122
5.3 Mediação do jornalismo especializado: o editor e seus leitores.....	125
5.3.1 Julgamento e hierarquização: o que fica para a história.....	129
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
REFERÊNCIAS.....	137
ANEXOS.....	146
ANEXO A – Entrevista com Luiz Antônio Araujo.....	146
ANEXO B – Tabela completa de colaboradores do caderno <i>Cultura</i> em 2010.....	171

1 INTRODUÇÃO

Este estudo foi motivado inicialmente pelo interesse em conhecer mais sobre o jornalismo cultural e seu modo de expressão nos jornais que atuam hoje no Rio Grande do Sul. Um marco importante nessa trajetória foi a participação, em 2008, na pesquisa *Jornalismo e representação do sistema artístico-cultural nos anos 80: um estudo do jornal Diário do Sul (Porto Alegre, 1986-1988)*¹, desenvolvida na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Fazer parte da iniciativa proporcionou um contato maior com leituras e discussões relevantes sobre o jornalismo cultural, tendo sido fator determinante para fazer crescer o interesse pelo tema e pela pesquisa.

O envolvimento com o estudo do jornalismo dedicado à cultura nos fez perceber como o passado da imprensa no Rio Grande do Sul guarda experiências marcantes nessa editoria. Uma das mais significativas certamente foi a do *Caderno de Sábado*, suplemento semanal do *Correio do Povo* que circulou entre 1967 e 1981. A publicação serviu de referência para gerações de leitores, colocando-se como um espaço de formação intelectual. Para Carvalho (1996), o *Caderno de Sábado* se transformou em importante material de pesquisa por conter uma valiosa documentação da história, vida literária, política e econômica do estado. Ainda antes, a revista *Província de São Pedro*, da *Editora Globo*, trouxe ensaios, artigos e crônicas com viés mais literário. Circulando entre 1945 e 1957, o veículo idealizado por Moysés Vellinho teve a colaboração de nomes como Otto Maria Carpeaux e Guilhermino Cesar.

A partir dessa constatação foi inevitável o questionamento a respeito do espaço dedicado atualmente à cultura nos jornais que circulam no Rio Grande do Sul. Enquanto são encontrados facilmente cadernos diários em praticamente todos os principais jornais, a realidade é diferente quando se trata dos suplementos semanais, que possuem características próprias, mais ligados à reflexão e ao debate intelectual. Hoje o *Cultura*, de *Zero Hora*, é o único que assume esse papel, aproximando-se, em parte, das experiências históricas na área do jornalismo cultural. A gênese do caderno data de abril de 1967, quando ZH, ainda em sua primeira fase, lançou o número 1 do *Caderno de Cultura*. Depois do fim dessa experiência,

¹ A pesquisa, iniciada em 2007, foi coordenada pela professora Cida Golin. O estudo buscou discutir a relação entre a prática jornalística e a representação do sistema artístico-cultural a partir da análise dos elementos discursivos e gráficos da editoria de cultura do extinto jornal *Diário do Sul*, pertencente ao grupo Gazeta Mercantil, que circulou em Porto Alegre entre 1986 e 1988.

foi apenas em 1981 que um suplemento nos mesmos moldes retornaria à *Zero Hora*, dando início a uma nova etapa na trajetória da publicação, que foi evoluindo até chegar ao formato que conhecemos atualmente.

Ao tornar o *Cultura* objeto de pesquisa, procuramos problematizá-lo considerando que o jornalismo tem o poder de instituir valores, reforçar consensos e registrar tendências culturais de uma época, e que os suplementos são espaços que fogem da lógica diária de cobertura, concentrando supostamente o que de mais relevante acontece na área cultural. Partindo de tais premissas, indagamos como o caderno de ZH expressa parâmetros de compreensão da vida cultural local. Essa questão principal levou a alguns desdobramentos: quais são as principais ideias reforçadas pelo suplemento para construir esse entendimento?; que valores estabelece para definir o que é ser culto e o que não é?; que mapa do sistema de cultura é possível vislumbrar por meio do caderno?

O objetivo geral da pesquisa, portanto, é compreender a representação da vida cultural local proposta pelo suplemento *Cultura*. A partir dele, estabelecemos alguns objetivos específicos, listados abaixo:

- a) Identificar critérios de noticiabilidade, temas, gêneros e colaboradores, além de referências temporais e espaciais, a fim de apontar as principais ideias reforçadas pela publicação;
- b) Apontar quais valores estabelece para definir o que é ser culto, delineando a noção de cultura pressuposta pelo suplemento;
- c) Vislumbrar o mapa do sistema cultural proposto pelo caderno.

Para alcançá-los, decidimos utilizar uma combinação de métodos científicos. Além da pesquisa bibliográfica, contínua e constante ao longo de toda a pesquisa (STUMPF, 2009), usamos a análise de conteúdo, seguindo as fases propostas por Laurence Bardin (1977). O *corpus* foi composto por 52 edições de 2010, o que representa a totalidade dos cadernos veiculados naquele ano. Para cada texto contido na amostra foi criada uma tabela que, além de dados básicos de identificação, continha os tópicos Autor; Informações sobre o autor; Valores-notícia; Gancho; Gênero; Tempo; Lugar; e Tema, preenchidos de acordo com as informações encontradas. Ao todo, 422 textos foram analisados nesse percurso.

Visando complementar os resultados obtidos com a análise de conteúdo, realizamos uma entrevista em profundidade (HAGUETTE, 2003; DUARTE, 2009) com o atual editor do suplemento *Cultura*, Luiz Antônio Araujo, responsável pelas edições de 2010. O encontro aconteceu em 6 de janeiro de 2012, na redação de *Zero Hora*, e foi registrado com anotações e

com o uso de um gravador. Essa etapa mostrou-se especialmente importante em função da falta de trabalhos acadêmicos sobre nosso objeto e a consequente escassez de informações sobre os bastidores de sua produção. O encontro com o editor proporcionou um conhecimento maior sobre as características e especificidades da publicação, assim como as dinâmicas e as escolhas por trás dela.

No próximo capítulo, apresentamos os pilares teóricos que sustentam este trabalho, partindo do jornalismo como uma das instituições que atuam em nossa interpretação do mundo ao fornecer mapas de significado que ajudam a compreender e perceber a realidade social. Entre nossas preocupações teóricas também está a transformação de um fato em notícia, processo qual atuam critérios de noticiabilidade que permitem a rotinização do trabalho jornalístico. Nessa etapa ainda são discutidas questões relativas ao jornalismo cultural, como o retrato do sistema de cultura fornecido por ele e a apropriação que o segmento faz do termo cultura, resgatando brevemente a trajetória do conceito até chegar aos dias de hoje. Buscando um olhar direcionado sobre os suplementos culturais, propomos uma panorâmica histórica pela gênese desse tipo de publicação, destacando sua lógica particular e distinta dos cadernos diários. Por fim, resgatamos a história do caderno *Cultura*, lembrando como suas diferentes versões se transformaram no suplemento atual.

Nos dois capítulos seguintes, apresentamos os resultados alcançados com a análise de conteúdo realizada com a amostra de 52 edições do suplemento publicadas em 2010. Ali são descritos e comentados exemplos de textos presentes em nosso *corpus* de pesquisa. Dividimos esse momento em duas partes devido à sua grande extensão. Na primeira, são explorados os valores-notícia, assim como as referências temporais e espaciais encontradas nos textos. Na segunda, apresentamos os dados obtidos com a análise dos gêneros e temas mais recorrentes na publicação, os autores mais frequentes e seu local de atuação profissional. As informações que encontramos em nosso levantamento, aliadas a trechos do depoimento do editor, nos permitiram fazer inferências sobre a publicação de *Zero Hora*.

Já o quinto capítulo problematiza as principais ideias apresentadas pelo suplemento ao representar aquilo que de mais importante acontece na movimentação cultural, julgando e hierarquizando temas e discussões. Buscamos identificar as grandes características do *Cultura* para entender como ele estabelece parâmetros que atuam na compreensão, por parte do público, da vida cultural da região à qual se refere. Assim, buscamos montar um breve mapa do sistema de cultura local proposto pelo caderno.

Ao pensar a relevância de um estudo como este, lembramos que o *Cultura* faz parte de *Zero Hora*, maior jornal em circulação paga no estado do Rio Grande do Sul. A importância de um trabalho a seu respeito ainda está relacionada à própria posição do caderno dentro do jornal, um dos mais lidos pelo público². A longevidade do projeto de um suplemento cultural em ZH também aponta para a relevância do *Cultura* como objeto de pesquisa. Vimos que desde 1967 a ideia vem sendo aperfeiçoada, tendo passado por diferentes fases até chegar ao formato atual. Apesar desse tempo, até hoje não foi realizado estudo algum sobre o suplemento, apenas produções que de alguma forma dialogam com o tema, mas sem abordá-lo especificamente. Esse fator já torna este trabalho, ao menos, necessário: a ausência de estudos leva à falta de memória sobre o caderno. A dificuldade que tivemos para rastrear sua história, o que foi possível apenas por meio de visitas periódicas ao Centro de Documentação e Informação da RBS e ao Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, em Porto Alegre, mostra que, sem registros, seu passado pode acabar perdido.

Além disso, acreditamos que um estudo dedicado ao jornalismo cultural e seus suplementos auxilia na compreensão da dinâmica de movimentação cultural de uma comunidade. Essas publicações podem expressar modos de ser de uma sociedade por registrarem tendências, abrigarem a intelectualidade e mostrarem aquilo que se considera ser culto em determinado momento histórico. Se tomados como material de pesquisa, anos depois de sua circulação, os suplementos culturais podem fornecer informações sobre as discussões, pensamentos, temas, eventos, personagens e produtos de uma época. Hohlfeldt (1996) lembra que o jornalismo cultural tem a função da historicização, tornando-se fonte primária para futura consulta do leitor, e de lançamento e fixação de novas tendências e movimentos, articulando, dinamizando, documentando e avalizando criticamente a sociedade.

Como vimos, não há produção acadêmica que trate especificamente sobre o caderno *Cultura*. A publicação aparece, de forma indireta, em dois trabalhos de conclusão do curso de jornalismo defendidos na Fabico/UFRGS. O primeiro, de 2008, “Um intelectual na imprensa: uma análise da coluna Música, de Celso Loureiro Chaves, no caderno Cultura do jornal Zero Hora”, é de autoria de Ana Laura Colombo de Freitas. Eduardo Veras, editor do suplemento na época, chegou a ser entrevistado, fornecendo informações sobre a história do caderno e

² Dados do instituto Ipsos Marplan Pesquisas Ltda. sobre o índice de leitura dos cadernos, disponibilizados pelo grupo RBS, apontam que o *Cultura* perde apenas para o *TV+Show*, caderno dominical sobre televisão. A pesquisa, feita com um universo de 2.788.000 pessoas no mercado da Grande Porto Alegre entre janeiro e dezembro de 2010 indicou que 775 mil leem o jornal *Zero Hora*. Dessas, 424 mil leem o *TV+Show*, enquanto 414 mil afirmaram que leem o *Cultura*. O *Segundo Caderno*, suplemento cultural diário de *Zero Hora*, vem logo atrás, na terceira posição, com 401 mil leitores.

bastidores de produção. O segundo, “A língua ao rés-do-chão: estratégias cronísticas de Cláudio Moreno na coluna O Prazer das Palavras”, foi finalizado em 2011 por Pedro Schmidt Heberle, que estuda a coluna sobre língua portuguesa publicada quinzenalmente no *Cultura*.

Apesar de não existirem trabalhos acadêmicos que tomem o *Cultura* como objeto central, a pesquisa aqui proposta dialoga com outras dissertações e teses. Entre as que se preocupam em estudar suplementos culturais na área da Comunicação, destaca-se a dissertação de Everton Terres Cardoso, defendida em 2009 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM) da UFRGS, desenvolvida na mesma linha de pesquisa que este trabalho, Jornalismo e Processos Editoriais. Em “Enciclopédia para formar leitores: a cultura na gênese do Caderno de Sábado do Correio do Povo (Porto Alegre, 1967-1969)”, Cardoso preocupa-se em mapear itens que também procuramos identificar no *Cultura*, buscando saber o que era ser culto para o suplemento. Ele concluiu que o conceito estava ligado ao ideal enciclopédico e à formação de leitores. Seguimos seus passos à medida que nos preocupamos com o estudo de um suplemento relevante na história do jornalismo gaúcho, partindo dele para interpretar questões sobre a cultura de nossa sociedade.

Nesse sentido, mais um estudo relevante é a dissertação de Ana Laura Colombo de Freitas, defendida em 2011 no PPGCOM/UFRGS. Em “A formação do gosto musical na crítica jornalística de Herbert Caro no Correio do Povo (1968-1980): da torre de marfim ao rés do chão” ela busca compreender como Caro instiga o gosto pela música de concerto, pensando a crítica como espaço de mediação em sua coluna publicada no *Caderno de Sábado*, suplemento semanal de cultura do CP. Desenvolvida na mesma linha de pesquisa, resgata um capítulo importante do jornalismo cultural.

Há trabalhos sobre suplementos culturais que nos interessam por fazer o registro da história e das características de tais publicações. Entre os mais estudados está o *Suplemento Literário*, do *Estado de S. Paulo*, tema da dissertação de Elizabeth Lorenzotti, “Do artístico ao jornalístico: vida e morte de um Suplemento – Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo (1956 a 1974)”, defendida em 2002 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). O trabalho refaz a trajetória do caderno desde a sua fundação, em 1956, até seu encerramento, em 1974.

Outra publicação estudada é o *Folhetim*, da *Folha de S. Paulo*, que circulou entre 1977 e 1989. Uma das produções sobre ele é a tese de doutorado de Marco Antônio Chaga, “Folhetim – Rapsódia de uma década perdida”, defendida em 2001 no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizando um

fichamento dos doze anos de existência da publicação, o autor avalia sua importância principalmente na década de 80, analisando aspectos literários, históricos e políticos. Chaga retoma aspectos relativos à *Revista do Brasil*, de 1916, publicação de caráter enciclopédico, associando o *Folhetim* ao programa de temas nacionais estabelecido por Monteiro Lobato quando foi editor da revista. Mais um estudo que dialoga com nossa pesquisa é a tese de Isabel Travancas, defendida em 1998 no Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Nela, a autora traça um paralelo entre os cadernos de livros do *Jornal do Brasil* e *Folha de S. Paulo* (brasileiros) e *Le Monde* e *Libération* (franceses), pensando como se constituem as publicações nos dois países. Apesar de tratar especificamente sobre a questão do livro, a obra é importante por desvendar as características desses cadernos.

Existem ainda trabalhos sobre experiências regionais que devem ser lembrados, uma vez que estão relacionados com a proposta de se estudar o *Cultura*, veiculado em um jornal com forte apelo regional. Entre eles, todos pertencentes à área de Letras e afins, encontramos o de Sérgio Luiz Barreto C. C. Ayres, de 2009, “A cultura como ponto de partida de modernização. Uma análise do ‘suplemento cultural’ do jornal Cidade de Barbacena”, da Universidade Federal de São João Del Rei. O estudo faz um resgate do caderno, criado em 1984 por um grupo de intelectuais e artistas de Barbacena (MG). Outro foi o suplemento literário do Minas Gerais, jornal oficial daquele estado, criado em 1966 e tema de trabalhos como a dissertação de Viviane Monteiro Maroca. Em 2009, ela defendeu na Universidade Federal de Minas Gerais “Nos rastros dos novos: o fazer crítico e literário dos contistas do Suplemento Literário do ‘Minas Gerais’”, que se preocupou com a reflexão sobre o conto nos anos 1960 e 1970, enfocando a produção publicada pelo suplemento. No fim dos anos 1980, foi criado em Curitiba (PR) o jornal de temas culturais *O Nicolau*, editado durante onze anos (1987-1998), sob responsabilidade da Imprensa Oficial. O veículo foi tema da dissertação de Maria Lúcia Vieira, em 2000, “Nicolau: um jornal cultural”, desenvolvida na Universidade Federal do Paraná. Outro caso regional é o trabalho de Sílvio Luiz Melatti (2004) na UFSC, “Literatura em anexo: uma experiência de Jornalismo Cultural em Santa Catarina”, que analisa o suplemento *Anexo*, do jornal *A Notícia*, de Joinville (SC).

De forma geral, o jornalismo cultural tem sido tema de estudo para muitos pesquisadores, especialmente a partir da década de 1990. Uma das pesquisas dessa fase é a dissertação de Wilsa Carla Freire da Silva (1998), realizada na Universidade de São Paulo (USP), “Cultura em pauta: um estudo sobre o jornalismo cultural”. Nela, a autora busca

mostrar como se configurava o segmento nos principais jornais brasileiros daquele período, a partir da análise de cadernos culturais diários. É na primeira década deste século, contudo, que a produção acadêmica brasileira sobre jornalismo cultural cresce ainda mais. Alguns trabalhos que pretendem identificar características e tendências da área são a tese de Sérgio Luiz Gadini (2004), “Interesses cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro”, desenvolvida na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e que mapeia 20 jornais brasileiros; e a dissertação de Marcelo Januário (2005), na USP, que investiga as transformações no jornalismo cultural impresso de São Paulo nas duas últimas décadas do século XX. Os dois refletem sobre a relação do jornalismo com o mercado de bens culturais.

Uma instituição que promove a pesquisa e produção acadêmica na área do jornalismo cultural é a Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Lá é desenvolvida *Inventário da produção acadêmica sobre jornalismo cultural*, sob coordenação de José Salvador Faro, na linha Processos Comunicacionais Midiáticos. O estudo pretende identificar e analisar as teses e dissertações sobre jornalismo cultural produzidas nos programas de pós-graduação em Comunicação Social no Brasil, assim como os veículos trabalhados por elas³. Mais uma universidade que investe no estudo desse segmento é a UFSC, com a linha de pesquisa Fundamentos do Jornalismo. Sob coordenação de Daisi Vogel, *Intervenções culturais do jornalismo: arte, literatura e crítica* foi iniciada em 2006 e parte da indexação de periódicos brasileiros, focando-se no final da década de 1950 e tomando experiências de jornalismo cultural como lugar de circulação e sedimentação de discursos. Entre os recortes propostos que mais nos interessam está a recriação de cenários e cenas culturais, em temáticas que vão desde o jornalismo como projeto formador à constituição de dispositivos definidores de identidades.

Por fim, lembramos que, mesmo que o caderno *Cultura* ainda não tenha sido tema de pesquisa acadêmica, outros cadernos de ZH já o foram. Na área da Comunicação, o *Casa & Cia*, por exemplo, foi tema da dissertação de Fernando Duro da Silva, defendida em 2002 na Unisinos. Em “O habitar na mídia: um estudo do Caderno Casa & Cia do jornal Zero Hora” ele analisa o encarte para estudar as relações entre arquitetura e comunicação, levantando as estratégias usadas para atingir o público. O suplemento jovem *Patrola*, que não circula mais,

³ Ainda na Umesp, em 2010 foi concluído o projeto *Universo temático e editorial dos cadernos de cultura dos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo*, que analisou o conteúdo dessas publicações, identificando temas tratados e o grau de complexidade conceitual ou de padronização massiva com que foram abordados. Em 2006 foi finalizada *Jornalismo cultural: espaço público da produção intelectual*, que tinha entre seus objetivos mapear a produção do jornalismo cultural em seções, suplementos e publicações específicas da mídia impressa de São Paulo e desvendar suas condições de produção.

foi estudado por Rossana Cassanta Rossi, em “Patrolando Juventudes: o caderno Patrola ensinando jovens a consumir”, dissertação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS em 2007. A autora objetivou desconstruir os discursos sobre os modos de ser do jovem articulados ao consumo como prática social. Roberto Rafael Dias da Silva, em 2008, estudou as capas do caderno *Vestibular* em “Universitários s/a: estudantes universitários nas tramas de vestibular/ZH”, na Unisinos.

Assim, acreditamos que olhar para o caderno *Cultura* com preocupações científicas, tornando-o objeto de pesquisa, significa avançar na discussão sobre o jornalismo cultural que é realizado no Rio Grande do Sul. Ao pensar o presente desse segmento no estado, procuramos não esquecer o passado e experiências históricas que de alguma forma influenciaram a configuração atual desse campo especializado. Esperamos que este trabalho, além de colaborar com a reflexão a respeito do jornalismo cultural, seja um ponto de partida para outras pesquisas que se preocupem com o caderno *Cultura* e sua relação com a comunidade com a qual dialoga.

2 RELAÇÕES ENTRE JORNALISMO E CULTURA

Hoje é comum acompanhar nos jornais a cobertura de cultura e variedades em suplementos separados do primeiro caderno. No jornalismo diário, tais seções preocupam-se em informar o leitor sobre as novidades na agenda de eventos e espetáculos, em textos mais curtos e voltados principalmente para a prestação de serviço. Além desses encartes, algumas publicações oferecem um espaço semanal à editoria de cultura. Nele podem ser encontrados artigos mais densos, que fogem à lógica do instantâneo e que têm a possibilidade de aprofundar temas que não apareceriam em outro lugar dentro do jornal. Preocupados com a formação intelectual do leitor, trazem a colaboração de profissionais de variadas áreas, extrapolando a esfera jornalística.

Esses suplementos tiveram seu auge no Brasil a partir das décadas de 1950 e 1960. Hoje, são produtos escassos na imprensa: no Rio Grande do Sul, apenas o jornal *Zero Hora* mantém um caderno semanal de cultura que se aproxima, parcialmente, daqueles publicados em meados do século passado. É o *Cultura*, cuja história começa a ser escrita em 1967, com nome e formato diferentes do atual, ainda na primeira fase de ZH.

Ao se apresentarem como espaços diferenciados, nos quais estaria publicado aquilo que de mais importante o público deveria saber, esses suplementos colocam-se como guias de bom gosto e distinção, tecendo um jogo intrincado entre jornal, leitor e colaboradores. Embora afastados da lógica diária de produção, são produtos jornalísticos e devem ser vistos a partir da perspectiva teórica dessa área específica do conhecimento.

2.1 Mapas de interpretação da realidade

Ao lado de estruturas sociais como a família e a escola, o jornalismo é uma das instituições que influencia nossa interpretação do mundo. Ele fornece modelos que, ao serem absorvidos, nos auxiliam no processo de percepção e entendimento da realidade. De fato, o jornalismo carrega, como um dos pilares que o sustenta, o ideal iluminista de levar esclarecimento aos seus leitores (MORETZSOHN, 2007). Tal objetivo é percebido já no

século XVII, quando começam a circular os primeiros jornais, que nascem com o intuito de levar a informação até os cidadãos.

Esse ideal está ligado à perspectiva que compreende o jornalismo como uma forma de conhecimento, do modo como o entende Meditsch (2002), baseado em Robert Park. Na primeira década do século XX, Park (2008) foi o primeiro a caracterizar assim as próprias notícias. Relacionando *acquaintance with*, um conhecimento não sistemático, intuitivo e de senso comum, com *knowledge about*, formal, racional e sistemático, ele localiza a notícia entre os dois, em um *continuum* no qual estariam todas as formas de conhecimento. Ao partilharmos dessa ideia, acreditamos ainda que o jornalismo é uma das instituições que ajuda a compor a realidade social. Os profissionais dessa área, conforme Alsina (1996), têm um papel socialmente legitimado e institucionalizado para construir a realidade como pública e socialmente relevante, habilidade realizada dentro dos meios de comunicação.

Em função disso, sabe-se que a teoria segundo a qual as notícias seriam um espelho fiel da realidade não é admissível: na verdade, o processo se dá de modo mais complexo⁴. Assim, neste trabalho, apoiamo-nos nas teorias construtivistas do jornalismo. Surgido a partir da década de 1970, após os estudos terem evoluído de modo a considerar a importância da ação pessoal, das organizações e da ação política na formulação das notícias, tal paradigma as compreende como construção social. Suas duas correntes, estruturalista e interacionista, negam a Teoria do Espelho, acreditando que as notícias resultam de “processos complexos de interação entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade organizacional [...]” (TRAQUINA, 2005, p.173). Para Hall et al. (1993), os *media* não simplesmente relatam de modo transparente acontecimentos naturalmente noticiáveis. As notícias seriam o produto final de um processo complicado que tem início na escolha sistemática de fatos, seguindo um conjunto de categorias socialmente construídas.

Outro fator que deve ser considerado é que as notícias – mesmo tendo que apresentar, necessariamente, referência no real, como lembrado por Fonseca (2010) – são narrativas escritas a partir de uma determinada perspectiva, a do jornalista que as conta, e não a própria realidade. Para Tuchman (1993b), os relatos noticiosos são histórias, e referir-se a eles dessa maneira significa entender que são uma realidade construída, possuidora de sua própria

⁴ A primeira teoria que surgiu para explicar porque as notícias são como são, conforme Traquina (2005), foi a Teoria do Espelho. Para ela, as notícias são de tal maneira porque a realidade assim as determina; e o jornalista seria um comunicador desinteressado que não se deixa influenciar em sua busca pela verdade.

validade interna. Bird e Dardenne (1993) são outros estudiosos que acreditam que considerar notícias como narrativas não é o mesmo que dizer que elas são fictícias.

Essas histórias, contadas através da imprensa, tomam grandes proporções ao serem transmitidas a um público vasto e heterogêneo, sendo um dos elementos que trabalham no processo de produção de sentidos sobre o mundo e que atuam na organização de um imaginário coletivo. O modo como o jornalista escolhe construir a narrativa, excluindo ou acentuando determinados aspectos dos fatos, faz parte do enquadramento escolhido por ele, que ao escrever se dirige a alguém. Essa relação é explorada por Charaudeau (2007), para quem o jornalismo é baseado em um contrato de comunicação com seu leitor. Nele cinco elementos principais são destacados: os sujeitos inscritos (quem fala a quem); a finalidade (para que algo é dito); um domínio de saber (o que é dito); as condições em que algo é dito; e os modos como se diz.

Um dos pontos centrais da relação entre jornalista e leitor é que, quando alguém toma contato com um texto jornalístico, pressupõe que aquele discurso seja verdadeiro. Dessa forma, o jornalismo busca e cultiva um capital simbólico fundamental para a sua existência: a credibilidade. Podemos evocar Pierre Bourdieu para compreender melhor a crença do público no discurso jornalístico. O sociólogo francês trabalha com o conceito de poder simbólico, que seria “esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2009, p.7-8). Influenciando nossa visão do mundo, o poder simbólico só pode ser exercido se for reconhecido: as palavras apenas teriam poder a partir da crença na sua legitimidade e na daquele que as pronuncia, assim como ocorre no jornalismo. Pode-se dizer, então, que essa ideia perpassa a relação com o público, uma vez que esta está baseada na crença sobre a verdade do relato. É por isso que os profissionais lutam tanto para conquistar credibilidade, e mais ainda para mantê-la.

Franciscato (2005) lembra que o jornalismo, como instituição, conquistou historicamente uma legitimidade social para produzir a um público amplo e diversificado uma reconstrução discursiva do mundo. Um dos meios usados pelos repórteres para imprimir credibilidade às matérias é o uso de fontes que, com conhecimentos específicos de determinado campo ou pela posição privilegiada em relação a uma ocorrência, emprestam confiabilidade ao texto jornalístico. Tuchman (1993a) aponta o uso das aspas como uma das estratégias usadas para conferir objetividade a esses relatos, como se o narrador se ausentasse

da discussão e deixasse os fatos falarem por si. Quando devidamente identificadas, as fontes conferem ao texto um efeito de verdade (CHARAUDEAU, 2007).

Fontes, jornalistas e público, portanto, são agentes centrais na prática jornalística. No processo de transformação de uma ocorrência em acontecimento público, Molotch e Lester (1993, p.38) destacam justamente essas três agências: os promotores de notícias (*news promoters*), que identificam um fato como especial, seriam as fontes de informação; os *news assemblers*, profissionais do campo jornalístico, que “transformam um perceptível conjunto finito de ocorrências promovidas em acontecimentos públicos através de publicação ou radiofusão”; e os consumidores de notícias (*news consumers*), o público ou audiência.

É para esse grupo que o discurso jornalístico precisa fazer sentido, e para isso é necessário que os acontecimentos sejam identificados e contextualizados, enquadrando-se no que Stuart Hall et al. (1993) chamam de “mapas culturais”. A ideia é que, para que sejam compreensíveis, os fatos devam ser relacionados com identificações sociais e culturais já conhecidas pelo público. Se os jornalistas não dispusessem desses mapas, que pressupõem a natureza consensual da sociedade (TRAQUINA, 2005), “não poderiam dar sentido aos acontecimentos invulgares, inesperados e imprevisíveis que constituem o conteúdo básico do que é noticiável” (HALL et al., 1993, p.226). Ao utilizarem valores comuns, esses quadros interpretativos guiam o leitor na percepção da realidade e se transformam em uma das bases de nosso conhecimento cultural.

Charaudeau (2007, p.67) também se refere aos mapas de significados quando evoca o que chama de “quadro de referência” ao qual os indivíduos se reportam ao iniciar uma comunicação. Ele pergunta como as pessoas “atribuiriam valor a seus atos de linguagem, como construiriam sentido, se não existisse um lugar ao qual referir as falas que emitem, um lugar cujos dados permitisse avaliar o teor de cada fala?”

Seguindo as propostas desses estudiosos, acreditamos que a interpretação da realidade será influenciada também pelo modo como o jornalismo se apropria de identificações e significados originados dos supostos consensos para dar sentido às coisas, sendo uma das instituições que nos ajuda a organizar o mundo a partir de um esquema elaborado pelas notícias. Para Gomis (1991), a função do jornalismo seria essa: interpretar a realidade social para que possamos entendê-la, adaptar-se a ela e modificá-la. Bird e Dardenne (1993, p.266) reconhecem que as notícias são uma forma de dar ordem à desordem, oferecendo não apenas o fato, mas “tranquilidade e familiaridade em experiências comunitárias compartilhadas”.

Tais questões serão retomadas por Benetti (2010), quando afirma que o poder do jornalismo está na repetição e no reforço de ideias, ajudando a definir determinados valores contemporâneos, como é o mundo e como agir nele. Assim, o jornalismo poderia ser visto como índice de um presente social e dos valores hegemônicos de uma época. Esses valores estariam inseridos no próprio processo de produção das notícias. Ao fazer o registro da sociedade, no caso do jornalismo cultural, servem como ferramenta para compreender a movimentação de uma comunidade, fornecendo um retrato sobre o que se pensa, se discute e se produz criativamente. Um dos elementos que auxiliam nessa função, reforçando ideias e determinando parâmetros de compreensão do mundo real, são os critérios de noticiabilidade. Eles ajudam a definir que um fato, e não outro, seja noticiado.

2.2 Os valores-notícia nas rotinas de produção

No mundo inteiro e a todo instante, tomam forma fatos que serão noticiados pelos meios de comunicação. A muitos deles não teríamos acesso se não fosse a mediação do jornalismo. Porém, antes de chegarem ao conhecimento do público, passam por um processo de seleção operado pelos profissionais da imprensa. David Manning White (1993) foi um dos estudiosos que se preocupou em compreender o que leva o jornalista a escolher alguns fatos, e não outros, para destacar. Ele seria o *gatekeeper*, personagem com função de selecionar quais ocorrências têm capacidade de passar pelos “portões”, sendo assim noticiadas. Esse processo, conforme Gomis (1991), sofre influência de fatores como o espaço disponível no veículo e o tempo em que a notícia chega às mãos do jornalista.

É a instauração de rotinas produtivas no fazer jornalístico que permite que ele seja realizado de forma eficiente, cumprindo os prazos impostos pelas organizações e padronizando as escolhas. No processo de rotinização, dois conceitos são fundamentais: noticiabilidade e valor-notícia. Ambos são trabalhados por Mauro Wolf (2008), que considera o primeiro como parte dos processos que padronizam e tornam rotineiras as práticas de produção. De acordo com ele,

a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informação enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de

acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias.
(WOLF, 2008, p.196)

Para o autor, os valores-notícia seriam componentes da noticiabilidade, critérios que podem se alterar com o tempo, que funcionam de modo complementar e que são difundidos durante todo o processo de produção. Já Traquina (2008) compreende os critérios de noticiabilidade como o conjunto de valores-notícia que determinam o quanto um acontecimento tem potencial de ser transformado em notícia.

Os dois termos muitas vezes são usados como sinônimos, mas têm diferenças que devem ser ressaltadas. A partir do contato com a literatura, entendemos que os valores-notícia são um dos elementos que compõem a noticiabilidade e que se referem ao fato em si, suas características. Ao estudar o tema, Gislene Silva (2005, p.96) mostra tal diferenciação quando conceitua noticiabilidade como

todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relações com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais.

Segundo essa definição, com a qual concordamos, noticiabilidade envolve outros fatores de organização do trabalho jornalístico, e não apenas as características intrínsecas aos fatos. Gomis (1991) lembra que não são todos eles que servem como notícia, nem tanto em razão de suas próprias características, mas pelas necessidades técnicas dos meios, sua estrutura de trabalho e suas limitações para captar a realidade. Essa separação aparece também na proposta de Wolf (2008), que faz a distinção entre valores de seleção e de construção. Os critérios de seleção ainda são divididos em substantivos e contextuais, relativos ao produto, ao público e à concorrência. Os primeiros estão ligados à avaliação da importância e do interesse; os segundos dizem respeito ao contexto de sua produção. Os valores-notícia de construção são qualidades do acontecimento que podem ser incluídas na narrativa, servindo de referência para o texto e indicando o que deve ser realçado ou omitido⁵. Traquina (2008) também destaca os valores-notícia seguindo essa distinção. Conforme a classificação do autor português, que utilizaremos como referência neste trabalho, entre os critérios substantivos de seleção estão a **morte**, que seria um valor-notícia fundamental para

⁵ Traquina (2008) cita como valores-notícia de construção a simplificação, a amplificação, a relevância, a personalização, a dramatização e a consonância.

os jornalistas; a **notoriedade**, ou seja, a celebridade ou importância hierárquica dos indivíduos envolvidos no acontecimento; a **proximidade**, que pode ser geográfica ou cultural; a **relevância**, ligada ao impacto que determinado acontecimento tem sobre a vida das pessoas; a **novidade** do fato, que os jornalistas colocam como questão central; o **tempo**, na forma de atualidade, na possibilidade de uma data específica servir de gancho na retomada de um acontecimento no passado (efeméride), e quando um assunto (e os temas ligados a ele) ganha noticiabilidade e assim permanece com o passar do tempo. Outros valores identificados são a **notabilidade**, a qualidade de ser visível, tangível, o que envolve questões como a quantidade de pessoas envolvidas, a anormalidade do acontecimento, o insólito, a falha (como os acidentes), o excesso e a escassez; o **inesperado**, aquilo que surpreende a expectativa da comunidade jornalística; o **conflito** ou a **controvérsia**, a violência física ou simbólica; a **infração**, ou seja, a transgressão das regras, como as notícias sobre crimes; por fim, este valor está ligado ao escândalo⁶.

Os valores-notícia, portanto, variam de autor para autor. Conforme Bourdieu (1997), os jornalistas, de acordo com sua visão de mundo, sua formação, suas disposições e pela própria lógica da profissão, selecionam na realidade aspectos particulares que são levados ao público. Assim, eles ajudam a definir o que vemos e o que não vemos exposto nos meios de comunicação. “Os jornalistas têm ‘óculos’ especiais a partir dos quais vêem certas coisas e não outras; e vêem de certa maneira as coisas que vêem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado” (BOURDIEU, 1997, p.25). Ao realizar essa escolha, o jornalismo faz com que tomemos contato com acontecimentos que não podemos presenciar, assumindo a posição de mostrar o que devemos saber. Sem a visibilidade conferida por ele, uma ocorrência pode passar despercebida; é como se não existisse. Nesse percurso, os critérios de noticiabilidade, resultado do partilhamento e consenso de valores, não deixam de ser um recurso redutor da classificação da realidade, pois acentuam aspectos isolados de um fato (FRANCISCATO, 2005).

Os valores-notícia são considerados essenciais na socialização profissional, prática e ideológica dos jornalistas por Hall et al. (1993). Transformando fatos em notícias, fazem com que os acontecimentos se tornem visíveis para um grande número de pessoas. Em segmentos

⁶ Já quanto aos critérios contextuais de seleção, Traquina (2008) destaca a **disponibilidade**, a facilidade com que é possível fazer a cobertura do acontecimento; o **equilíbrio**, relacionado à quantidade de notícias já dadas sobre determinado acontecimento ou assunto em um curto espaço de tempo; a **visualidade**, a existência de elementos visuais como fotografias ou filmes – importante principalmente para o jornalismo televisivo; a **concorrência**, possibilidade de se conseguir o “furo” ou exclusividade; e por fim, o **dia noticioso**: a interferência da existência, naquele dia, de outros fatos com mais ou menos valor-notícia.

como o jornalismo cultural, a visibilidade dada a uma obra ou produto é essencial para seu sucesso e importante como um vislumbre do retrato do sistema cultural de uma sociedade.

2.3 Um retrato do sistema cultural por meio do jornalismo

Atuando como mediador entre o público e o sistema da arte e da cultura, o jornalismo aproxima leitores de temas que de outra forma ficariam restritos a um pequeno grupo. Entre todos os fatos, destaca apenas alguns, fazendo um recorte da realidade social e organizando-a em um instantâneo compartilhado. Ao compartilhar no presente a experiência do tempo, relaciona acontecimentos a mapas culturais que possibilitam sua compreensão pelo público. Registrando discussões e acontecimentos, o jornalismo interpreta o sistema e fornece um quadro para entender a movimentação da sociedade, ajudando a definir consensos sobre a cultura de uma época.

Esses consensos partem dos próprios agentes e instituições presentes na área cultural. Pierre Bourdieu (2009), na busca por compreender o campo da arte, lista os responsáveis pela criação de valores nesse campo. Tais elementos, que considera índices de autonomia, regulam a economia dos bens culturais e ajudam a entender tal sistema. São eles: 1) locais de exposição, como galerias e museus; 2) instâncias de consagração (como academias e salões), 3) instâncias de reprodução de produtores e consumidores (como as escolas de Belas-Artes); e 4) os agentes especializados (como comerciantes, críticos, historiadores de arte, colecionadores). Essas instituições atuam no funcionamento da economia de bens culturais e são lugares de reprodução da crença na arte e no artista legitimados.

Uma das instâncias que ajudam a ditar as regras do campo, como apontado por Bourdieu (2009), são os críticos culturais. Aqui podemos aproximar-nos da discussão proposta por Fábio Pereira (2011) ao estudar *jornalistas-intelectuais*, profissionais das redações que exercem outras atividades, engajando-se, por exemplo, na produção de obras artísticas ou literárias ou até mesmo no exercício da política. Segundo o autor, os críticos têm um importante papel no desenvolvimento do campo cultural. Eles ajudam a estabelecer critérios de reconhecimento ao tomar contato com definições estéticas de uma época e interiorizar as regras para a realização do trabalho artístico. Podem, assim, julgar a qualidade e a legitimidade de uma obra.

A crítica é também sistematizada por Rubim (2008), quando descreve as instâncias envolvidas no campo de produção cultural. Seriam elas: 1) criação, invenção, inovação; 2) divulgação, transmissão e difusão; 3) troca, intercâmbio e cooperação; 4) preservação e conservação; 5) análise, crítica, estudo, investigação, pesquisa e reflexão; 6) consumo; e 7) organização. Tais sistematizações atuam na compreensão da vida cultural de uma sociedade, que se estrutura a partir da articulação entre zonas de competência – cada uma responsável por um momento de movimentação – por onde estão espalhados os agentes do campo.

Esses agentes buscam na mídia a visibilidade, já que o jornalismo age transformando discursos de áreas específicas do conhecimento, fechados e dirigidos a um público especializado, em textos mais acessíveis. O mesmo acontece com códigos artísticos, que são decifrados pelo jornalismo cultural e que assim se aproximam do leitor comum. Munido do capital simbólico da credibilidade, o jornalismo exerce o papel de guia ao apontar e hierarquizar, entre os eventos que acontecem na área, aqueles que valeriam a pena ser conhecidos. Dessa forma, exerce um poder de consagração, assim como outras instituições legitimadoras. Ganhar espaço em veículos de comunicação transforma-se em um dos índices utilizados para aferir o sucesso de um artista, obra ou produto.

No campo artístico, principalmente, a divulgação de uma obra chega a ser obrigatória para sua própria existência: “a mediação jornalística torna-se crucial no sistema ao garantir a visibilidade das ofertas, produzir a sedução, criar a necessidade desses objetos e sustentar a palavra dos críticos” (GOLIN; CARDOSO, 2010, p.195). Através do que Bourdieu (2004) chama de exclusão simbólica, o jornalismo pode não reconhecer determinadas obras e/ou artistas como legítimos, não se preocupar com sua divulgação e assim fazer com que não sejam conhecidos do grande público. Essa omissão pode ainda acontecer dentro do próprio campo de produção cultural, que possui suas ferramentas de consagração (museus, bienais, galerias etc.) da arte e que, em conjunto com outros agentes do campo, podem conferir visibilidade a um produto ou artista, ou ainda fazê-lo cair no esquecimento.

Ao operar essa escolha, o jornalismo oferece ao público um instantâneo concentrado sobre o sistema, propondo ao leitor uma totalidade que até então estava dispersa. Nas páginas diárias do jornal, uma pequena parte do circuito é representada, e funciona como se contemplasse o todo. Como o mercado da cultura oferece produtos em fluxo contínuo e a oferta é muito maior que a demanda por eles, o jornalismo opera selecionando fatos e conectando o consumidor com o bem cultural ou com o artista/autor por trás dele. Nesse processo, os produtores são fontes que fornecem informações à imprensa seguindo seus

próprios interesses, escolhendo e editando as informações que disponibilizam. Conforme Gomis (1991), os fatos que serão transformados em notícia não se apresentam sozinhos aos jornalistas; são escolhidos e isolados dos processos pelos interessados em que eles sejam conhecidos. Mais tarde, essas serão as fontes consultadas. Para Golin et al. (2010), o desejo de legitimidade e notabilidade das fontes passa por um processo de enquadramento que segue os critérios de noticiabilidade próprios das organizações.

Os fatos divulgados (na maioria das vezes, até provocados) pelas pessoas interessadas em sua repercussão e aproveitados pelas editorias de cultura geralmente estão atrelados às zonas de produção, circulação e divulgação de bens, sendo apresentados a partir de uma perspectiva predominantemente positiva. São eventos previsíveis, como lançamentos de livros ou exposições, entrevistas coletivas, shows e espetáculos. Dessa forma, alguns valores que costumam determinar a noticiabilidade de um fato em outras editorias tradicionais quase não são registrados ou aparecem de forma muito isolada na parte cultural, como o conflito, a controvérsia e a infração. Enquanto isso, outros são mais destacados, como a notoriedade dos agentes envolvidos, a morte de pessoas ilustres, a proximidade dos eventos e a novidade.

Isso pode ser aplicado especialmente aos cadernos que noticiam diariamente os fatos culturais, pois possuem uma cobertura voltada para a informação, ancorada na atualidade e na prestação de serviços, mais do que no debate de ideias (SILVA, 1998). De acordo com Gadini (2009), o espaço destinado à cultura nos principais jornais diários do país apresenta hoje uma estrutura formada, basicamente, por matérias jornalísticas (notícias, reportagem, entrevistas e eventuais breves notas); crítica cultural, com textos em forma de artigo, ensaio ou crônica; coluna social; serviço e roteiro; programação ou guia de televisão e variedades. Nos cadernos diários nota-se ainda mais claramente a intenção de divulgar esses produtos culturais, numa estratégia ligada ao mercado de consumo.

Na verdade, o jornalismo nada mais faz do que acompanhar uma tendência da própria sociedade, na qual o mercado e o lucro ocupam posições fundamentais, permeando todas as esferas. Ligada a isso está a proposta de Hall (1997), que percebe a centralidade não apenas do consumo, mas da própria cultura, além da expansão de tudo o que está relacionado a ela, como outro aspecto marcante da atualidade. A cultura mediará todas as relações, mostrando-se um elemento fulcral no modo como estamos atrelados, por meio do consumo, às tendências e modas mundiais. Esse lugar central ocupado pela cultura em nossa sociedade é identificado também pelo filósofo francês da hipermodernidade⁷, Gilles Lipovestky. Ele acredita que a

⁷ O termo hipermodernidade será explicado no próximo item deste trabalho.

cultura, hoje, atingiu um peso e uma centralidade inéditos, tanto na vida econômica como nos debates nacionais e internacionais (LIPOVETSKY; SERROY, 2011).

O fato é que a cultura, especialmente quando relacionada ao espaço dedicado a ela no jornalismo contemporâneo, também sujeito à lógica mercantil, torna-se um grande negócio, com investimentos, geração de empregos, empresas que disputam um mercado e uma profissionalização cada vez maior (VARGAS, 2004). Nesse contexto, a própria notícia é vista como mercadoria, tendo por fim principal a geração de lucro. A dinâmica do mercado obriga editores a acompanharem o ritmo dos lançamentos, “que determina boa parte dos temas e das principais matérias publicadas pelos cadernos” (GADINI, 2009, p.282).

O fluxo da economia acaba determinando a lógica noticiosa, e isso compreende, segundo Fonseca (2008), uma nova relação entre empresa e veículo, na qual os interesses da empresa vêm sempre primeiro: seus conteúdos são concebidos como produto e seus leitores, como consumidores. No conglomerado de mídia, o jornal transforma-se “plenamente mercadoria”, ao contrário do passado, quando estava inserido numa lógica empresarial, também ligada ao mercado, mas sobretudo aos desejos do dono, na qual o valor de uso prevalecia sobre o valor de troca: era “quase mercadoria”. Atualmente, os leitores são clientes a quem se deve agradar para não perder; e as notícias, feitas para atender suas necessidades e as demandas do próprio mercado. O índice de vendas e a audiência passam a ser cruciais para aferir a qualidade de um jornal. No Rio Grande do Sul, Fonseca (2008) considera a RBS como empresa que evoluiu para um conglomerado nos moldes de uma indústria cultural. Esse caráter do grupo midiático se afirma nos anos 1980, quando atinge a hegemonia no mercado de mídia do estado em praticamente todos os segmentos, passando a ser administrada com orientação à racionalização de custos e maximização de lucros (FONSECA, 2008).

O caminho trilhado pelo indivíduo até o “ser culto”, sob essa perspectiva, passa pelo jornalismo, aspecto ligado ao seu caráter iluminista de formação e esclarecimento, mas também pelo consumo: os jornais sugerem que ler um livro, ouvir um disco, participar de um curso ou de um evento devem fazer parte da formação individual do leitor. A noção de cultura, porém, nem sempre esteve tão atrelada ao mercado. A evolução do vocábulo passou por diversas fases, que serão retomadas a seguir.

2.4 De que cultura estamos falando?

O jornalismo cultural tradicionalmente apropria-se de um conceito de cultura que a relaciona às artes e ao trabalho intelectual. Os suplementos culturais acompanham esse recorte, privilegiando temas ligados a expressões artísticas tradicionais como literatura, cinema, teatro, música, artes visuais, entre outros, e à produção intelectual, que pode abranger discussões de cunho social e antropológico, especialmente no caso dos cadernos semanais. Rivera (1995), justamente, aponta duas concepções no jornalismo dedicado à cultura: uma que restringe o campo às produções das “belas letras” e “belas artes”, e outra que amplia o conceito, sobretudo a partir da expansão das perspectivas da antropologia cultural.

Não é mesmo fácil apontar um significado para o vocábulo cultura, considerado um dos mais complexos (EAGLETON, 2005). Raymond Williams (2003, p.91) é um dos estudiosos que se preocupou com sua definição. Ele identificou três sentidos do termo: a) o substantivo independente e abstrato que designa um processo geral de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético; b) o substantivo independente que indica um modo de vida determinado, de um povo, uma época, de um grupo ou da humanidade em geral; e c) o substantivo independente e abstrato que descreve as práticas e obras da atividade intelectual do homem e, especialmente, a artística. Este seria o uso mais difundido hoje. O sentido artístico “coexiste, muitas vezes desconfortavelmente, com o uso antropológico e o amplo uso sociológico para indicar ‘modo de vida global’ de determinado povo ou de algum outro grupo social” (WILLIAMS, 1992, p.11). A visão artística da cultura é bastante recorrente no jornalismo cultural. Está ligada à concepção clássica de que fala Thompson (1995), ao explicar os tipos básicos de sentido atribuídos à palavra⁸. A *concepção clássica* teria surgido como resultado de um processo histórico, no qual o vocábulo estaria ligado ao desenvolvimento intelectual ou espiritual.

Ao retomar a trajetória do termo, devemos lembrar que, em um primeiro momento, cultura surgiu como um substantivo de processo, conforme Williams (2003). Sua origem está

⁸ A *concepção descritiva* está mais próxima de um caráter antropológico, compreendendo a cultura como o conjunto de crenças, costumes, formas de conhecimento, arte etc. que os indivíduos adquirem enquanto membros de uma sociedade e que caracterizam tal grupo, diferenciando sociedades de diferentes épocas e diferentes lugares. A *concepção simbólica* surge com L. A. White a partir da década de 1940. Os seres humanos conferem sentido a construções não-linguísticas, como ações, objetos de arte etc. Tal concepção enfatiza a noção dada às explicações dos significados que são conferidos pelos humanos às formas simbólicas. Por fim, a *concepção estrutural* é proposta por Thompson (1995, p.181) como “uma concepção que dê ênfase *tanto* ao caráter simbólico dos fenômenos culturais *como* ao fato de tais fenômenos estarem sempre inseridos em contextos sociais estruturados”.

no latim *colere*, ligada ao cultivo ou cuidado com a terra. Até hoje, no dicionário, o verbete aponta para sete significados, sendo o primeiro deles “ação, processo ou efeito de cultivar a terra; lavra, cultivo”⁹. A partir do século XVI o sentido se amplia, passando ao processo de desenvolvimento humano: não se refere mais apenas ao cultivo de grãos, mas ao cultivo da mente (THOMPSON, 1995). Assim, a palavra, que antes designava um processo puramente material, foi transferida para questões do espírito (EAGLETON, 2005).

Inglaterra e França foram os primeiros que a utilizaram como substantivo independente. Em francês, o substantivo “cultura” surge no século XVIII, mesmo momento de “civilização”. Naquela época, ocorreram na Europa movimentos que trouxeram transformações sociais profundas, entre eles as revoluções Industrial¹⁰ e Francesa (1789-1799)¹¹. Na base dos ideais revolucionários franceses estava o Iluminismo, pregando o pensamento racional em oposição à religião e ao misticismo. A razão seria o valor supremo, e todos os aspectos da cultura, subordinados a ela (BORNHEIM, 1985).

Várias regiões da Europa, nesse momento, ainda viviam sob forte influência da França, como a Alemanha. Cultura então era sinônimo de civilização, no sentido de um processo de conversão em civilizado; e como descrição do processo de desenvolvimento humano (WILLIAMS, 2003). Reações ao classicismo francês, a favor dos valores germânicos (BORNHEIM, 1985), foram sendo delineadas e concentraram pensadores como Goethe e Herder¹². Resultado dessas manifestações, o Romantismo toma forma a partir de 1797, contrário ao Iluminismo: valorizava a irracionalidade (construção a partir do caos) e os sentimentos, caminho para a salvação do homem. Propôs um nacionalismo concreto, perpassado pela noção de unidade¹³ (NUNES, 1985), algo recorrente no pensamento romântico.

⁹ CULTURA. In: Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

¹⁰ Com início na Inglaterra em meados do século XVIII, a Revolução Industrial se expandiu pelo mundo durante os anos seguintes, e foi responsável pela gradual incorporação da tecnologia aos modos produtivos, antes ligados ao artesanato. Ao substituir a mão humana pela máquina, estabeleceu novas relações entre capital e trabalho e, ao mesmo tempo em que diminuiu os custos de produção e aumentou sua velocidade, causou desemprego.

¹¹ A Revolução Francesa deu fim ao Antigo Regime, momento marcado pelo absolutismo e pelos privilégios concedidos ao clero e à nobreza, segmentos mantidos à custa dos impostos pagos pelo Terceiro Estado, formado pelos trabalhadores, camponeses e burgueses, e que estava na base da pirâmide social. A França passava por dificuldades econômicas decorrentes das péssimas colheitas e da crise agrícola, do desemprego e da má distribuição das riquezas. Enquanto os mais pobres buscavam melhores condições de vida, a burguesia reivindicava poderes políticos e maiores liberdades econômicas.

¹² Johann Gottfried Von Herder, inclusive, foi o pioneiro a utilizar a palavra cultura no plural, provocando uma mudança decisiva no seu uso: se referia às culturas específicas de diferentes nações e períodos, mas também às culturas específicas dentro de uma mesma nação (WILLIAMS, 2003; EAGLETON, 2005).

¹³ A questão da unidade é um dos aspectos fundamentais do pensamento romântico. Bornheim (1985) lembra que a aspiração à unidade não é algo exclusivo dele, e já estava presente na Revolução Francesa e em sua meta de alcançar um Estado racional e uno. Enquanto na França a unidade realizou-se em sentido político, na

Para Schiller, um dos intelectuais do Romantismo, a arte, imbuída de uma missão pedagógica, fazia parte da trajetória rumo à unidade. Colocada em um lugar sublime, à parte da vida cotidiana, era considerada um meio de aperfeiçoamento do homem. O movimento ainda enfatizou o artista como indivíduo genial, que ordena o caos criativo, de onde nasce sua obra. A personalização e a centralidade do discurso no artista, característica frequente no jornalismo cultural, não deixa de estar relacionada de algum modo ao pensamento romântico.

Defendendo ideais desse movimento, a burguesia alemã ascendente postou-se contra os modos e costumes franceses, diferenciando os termos *Zivilization*, relacionado com a polidez e o refinamento das maneiras, e *Kultur*, que se referia a produtos intelectuais, artísticos e espirituais nos quais se perceberia a individualidade e a criatividade. Para Eagleton (2005, p.22), civilização refere-se a uma questão de espírito cordial e maneiras agradáveis, enquanto cultura seria um termo mais solene, espiritual, crítico e de altos princípios: “se a primeira é prototipicamente francesa, a segunda é estereotipadamente germânica”. *Kultur* salientava as diferenças nacionais, fazendo referência ao patrimônio imaterial de uma nação. Ao lembrar o conceito de cultura mais difundido hoje, Williams (2003) afirma que o termo significa o conjunto de manifestações como a música, a literatura, a pintura, a escultura, o teatro, o cinema etc., atividades que definem a abrangência de um Ministério da Cultura, por exemplo, e que podem compreender temas como a filosofia, o saber acadêmico e a história. De fato, cultura pode ser entendida como o grupo de valores, crenças e costumes de um povo. Ela não é apenas aquilo de que vivemos, e sim para o que vivemos (EAGLETON, 2005).

Com o passar do tempo, especialmente a partir da segunda metade do século XX, após o fim da Segunda Guerra Mundial, a produção cultural foi ganhando cada vez mais contornos mercadológicos, acompanhando a expansão das indústrias culturais e sendo explicitamente relacionada ao consumo. Eagleton (2005, p.175) afirma que o que colocou a cultura de modo mais imediato na agenda atual foi justamente a indústria cultural, “o fato de que, num desenvolvimento histórico de pós-guerra, a cultura ficou agora totalmente integrada no processo geral de produção de mercadoria”.

A economia, assim, seria um dos pilares da cultura que, cada vez mais, aparece inevitavelmente ligada ao consumo. A importância da aquisição material no mundo globalizado, para Canclini (1995), tomou a proporção da noção de cidadania. Sob sua

Alemanha “essa mesma exigência impor-se-á no campo da cultura, manifestar-se-á na filosofia, na ciência, na arte, na poesia: em todos os aspectos da cultura busca-se sempre a fusão numa unidade superior; persegue-se, portanto, uma concepção una da realidade” (BORNHEIM, 1985, p.91). A obra de arte seria uma das manifestações da unidade.

perspectiva, o consumo de bens materiais e dos meios de comunicação, hoje, seria a resposta para muitas das inquietações próprias dos cidadãos, mais do que as regras da democracia ou a participação em espaços públicos. Na verdade, essas relações acompanham uma lógica maior, na qual a esfera econômica perpassa todos os setores. A cultura, que nas últimas décadas passou a ser vista como um aspecto constitutivo da vida social assim como processos econômicos, instituições sociais e produção de bens e serviços (HALL, 1997), não escapa a essa conjuntura, chegando a confundir-se com o mercado.

Gilles Lipovetsky nos ajuda a compreender essa nova configuração social. Podemos, nessa discussão, aproximar-nos de alguns de seus conceitos para entender a época em que vivemos, chamada por ele de hipermodernidade. Lipovetsky utiliza o termo hiper ao referir-se à sociedade contemporânea, marcada pela lógica do extremo, da urgência, elevada à potência superlativa. Estamos sempre buscando mais: mais rentabilidade, desempenho, flexibilidade, inovação; nossas necessidades precisam ser imediatamente supridas, buscamos incessantemente o bem-estar, o conforto, o lazer (LIPOVETSKY; CHARLES, 2004).

O estado da cultura que acompanha a hipermodernidade seria a cultura-mundo. Estaríamos vivendo em um novo momento, em que inexistente a separação da esfera cultural e da economia, presente em todas nossas atividades.

A cultura que caracteriza a época hipermoderna não é mais o conjunto das normas sociais herdadas do passado e da tradição (a cultura no sentido antropológico), nem mesmo o “pequeno mundo” das artes e das letras (a alta cultura); ela se tornou um setor econômico em plena expansão, a tal ponto considerável que se chega a falar, não sem razão, de “capitalismo cultural”. A cultura-mundo designa o sistema econômico-cultural do hipercapitalismo globalizado. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p.68)

Mais amplamente ainda, o capitalismo se volta cada vez mais para o que, em grande parte, até então lhe escapava, ou seja, a cultura. Eis-nos no momento em que a esfera comercial se torna hegemônica, em que as forças de mercado invadem a quase totalidade dos aspectos da existência humana: convivência, comunicação, viagens, artes, atividades lúdicas, cozinha, música, tempo livre, patrimônio. Depois do capitalismo industrial, impõe-se um capitalismo cultural, transformando áreas inteiras da vida em experiências mercantilizadas. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p.111)

A hipermodernidade, assim, faria parte da fase atual do consumo, marcada pelo hiperconsumo – cada vez mais presente, que absorve e integra grandes parcelas da vida social e que faz com que as pessoas comprem, antes de mais nada, para sentir prazer. A posição fundamental ocupada pelo consumo ainda traz outra consequência, segundo Lipovetsky e Serroy (2011). Em meio a uma oferta exagerada de bens culturais, que dispõe de milhares de

livros, filmes e músicas todos os anos, com uma segmentação cada vez maior dos mercados e uma rápida renovação dos produtos, o consumidor sente-se perdido. Em seu tempo livre, cada vez mais mediado pela aquisição de mercadorias (FEATHERSTONE, 1995), precisa de alguém que lhe indique o que consumir.

Assim, podemos pensar no papel do jornalismo cultural em meio ao que Lipovetsky e Serroy (2011) denominam hiperescolha: dar ordem ao caos da oferta, selecionando aquilo que merece ser conhecido e consumido em meio a tantos produtos. Especialmente nos suplementos culturais semanais, que se pretendem espaços distintivos e nos quais apenas o melhor da cultura estaria publicado, o jornalismo tem a função de selecionar, entre tantos produtos, aqueles que valem a pena. É como se o jornalista pegasse o leitor pela mão e mostrasse a ele qual o melhor caminho para o aprimoramento de sua formação intelectual. Caminho que está atrelado ao poder de compra, fundamental para estabelecer e comunicar diferenças em uma sociedade em que não há superioridade de sangue ou títulos de nobreza (CANCLINI, 1995, 2008).

Néstor Canclini (1995, 2008) argumenta que o consumo hoje chega a influenciar na construção das identidades, antes forjadas por elementos como a literatura, o folclore e as artes, que constituíam signos de identificação. A nova configuração social, aliada ao avanço da tecnologia e dos meios de comunicação, faz mesmo repensarmos o ideal de uma unidade cultural. Eagleton (2005) acredita que a cultura modifica a ideia de unificação exaltada pelo Romantismo, um mito que não mais sobreviveria ao multiculturalismo. Na verdade, vivemos em um tempo no qual se identificam dois caminhos: enquanto as particularidades regionais são apagadas pela globalização, muitas dessas diferenças voltam a se manifestar com a valorização do local.

De fato, as consequências dessa revolução cultural podem não ser uniformes ou fáceis de serem previstas, pois a cultura global precisa da diferença para prosperar (HALL, 1997). Depois da padronização e da formação de uma identidade mundial, começam a surgir reações em seu contrário – muitas vezes elas próprias ligadas ao consumo, transformadas em outros produtos culturais para o mercado mundial, segundo o autor, como as comidas étnicas. Encontra-se, assim, a preservação e a valorização das diferenças em uma sociedade globalizada. Lipovetsky e Serroy (2011, p.17) acompanham essa perspectiva ao afirmar que, ao mesmo tempo em que vivemos um processo de homogeneização cultural, vemos também aumentar as hibridizações entre o global e o local e as reivindicações particularistas: “[...] é preciso observar que, longe de fazer declinar as questões culturais, o mundo tecnomercantil

contribui para relançá-las por meio da problemática das identidades coletivas, das ‘raízes’, do patrimônio, das línguas nacionais, do religioso e dos sentidos”.

Voltando-se para nosso contexto geográfico, destacamos a discussão sobre a identidade regional presente no trabalho de Ângela Felippi (2008), que estuda a construção da identidade gaúcha nas páginas de *Zero Hora*. Ela relaciona essas alterações às identidades culturais: ao mesmo tempo em que se tem uma padronização que gera uma identidade global, vive-se um momento de reavivamento das culturas locais. É mesmo comum que os meios de comunicação reflitam essa tendência ao localismo. Em *Zero Hora*, jornal a que pertence o caderno *Cultura*, esse é um dos mais importantes critérios de noticiabilidade (FELIPPI, 2008). Essa lógica é adotada não apenas pelo primeiro caderno, mas também pela editoria de cultura. Ao mesmo tempo em que pretende trabalhar, além de assuntos regionais, acontecimentos relativos a outros lugares do Brasil e do mundo, a abordagem é quase sempre feita a partir do olhar local, regionalizado e fisicamente próximo do leitor.

Conhecer esses diferentes sentidos e o percurso percorrido pelo vocábulo cultura nos ajuda a compreender melhor a apropriação que é feita do termo pelo jornalismo cultural, que ainda hoje apresenta resquícios dos ideais iluminista e romântico. Para os suplementos desse segmento especializado, de modo geral, ser culto pressupõe um bom conhecimento sobre as expressões artísticas. É tomar contato com arte, literatura, teatro, cinema, música, e informar-se sobre as questões do pensamento, privilegiando a produção intelectual. Para alguns cadernos significa ainda abrir-se para questões universais, tendo por base as raízes e a cultura na qual o jornal está inserido, dando espaço para as manifestações e valores típicos dessa sociedade. Passamos agora a conhecer mais sobre o caminho traçado pelos suplementos culturais até chegarem ao formato que conhecemos hoje.

2.5 Breve percurso histórico pela gênese dos suplementos culturais

A criação dos suplementos de cultura no Brasil, como publicações separadas do primeiro caderno dos jornais, remonta a meados do século XIX, quando o jornalismo cultural começou a ganhar força no país. Podemos encontrar a gênese desses cadernos nos espaços denominados rodapés, comuns nos jornais da época. Neles os leitores podiam encontrar textos leves e ligados ao mundo literário, como poemas, contos, crônicas e comentários sobre outras

manifestações artísticas, concentrando os artigos que não entravam no corpo principal do jornal (SILVA, 1998).

Com o tempo, essas seções foram sendo dominadas pela publicação de romances em série, os folhetins – nome que mais tarde se estenderia ao próprio espaço disposto ao pé da página. Elas ainda passaram a apresentar crônicas de política e costumes, além de críticas culturais. Sodré (1983, p.297) afirma que, na época, as colaborações literárias que aparecem separadas na paginação dos jornais “constituem matéria à parte, pois o jornal não pretende mais ser, todo ele, literário. Surgem seções de crítica em rodapé, e o esboço do que, mais tarde, serão os famigerados suplementos literários”.

É na passagem do século XIX para o XX, durante a Primeira República no Brasil (1889-1930), que a imprensa se tornou efetivamente um segmento empresarial, exigindo uma organização segundo os moldes capitalistas e passando a priorizar o caráter informativo em detrimento do opinativo, predominante até então (ROMANCINI; LAGO, 2007). Técnicas como a reportagem e a entrevista passaram a ser cada vez mais valorizadas, enquanto o folhetim começou a decair. Surgiram tecnologias mais modernas de impressão, beneficiando, além dos jornais diários, as revistas ilustradas, que puderam explorar melhor o uso da fotografia e da cor. Para Miceli (2001), seus conteúdos eram uma mistura de crônicas, humor, críticas literárias, teatrais e de arte, coluna de moda, entrevistas e reportagens, um pouco de ensaios e estudos sociais. Com o tempo, as revistas foram sofrendo um processo de especialização: enquanto algumas se voltaram para assuntos mundanos, outras tiveram um viés mais crítico¹⁴. Nesse período, no Rio Grande do Sul também se destacaram publicações culturais, entre elas a *Revista do Globo*¹⁵. Entre 1929 e 1967, tratou de temas como cinema, literatura, vida de artistas, sociedade de Porto Alegre, política, humorismo etc. Um de seus editores foi Erico Verissimo, que a dirigiu entre 1932 e 1936, quando já alcançava destaque nacional como escritor e tradutor.

¹⁴ A *Revista do Brasil*, de 1916, foi uma delas. Monteiro Lobato foi editor da publicação a partir de 1919. Ele pretendia esclarecer os leitores sobre o sentido de nacionalidade e o significado de ser brasileiro, estruturando uma enciclopédia de temas nacionais que preenchesse as lacunas da história política, social e cultural do país (CHAGA, 2001).

¹⁵ Posterior a ela, a *Província de São Pedro* publicou, entre 1945 e 1957, textos como ensaios, artigos e crônicas de temas literários. Apesar de valorizar assuntos e escritores rio-grandenses, abrigou a colaboração de escritores nacionais e estrangeiros e assuntos da literatura brasileira e universal. A imprensa gaúcha ainda teve outros títulos marcantes, como o *Almanaque do Globo*, de 1917; a *Revista Madrugada*, de 1926, iniciativa de intelectuais modernistas e que teve apenas cinco números; a *Quixote* (1947), lançada pelo grupo homônimo formado por estudantes de Direito da UFRGS, que priorizava produções ensaísticas e se estendeu até 1952; a *Horizonte* (1949), criada para divulgar novas ideias e autores, ligada ao Partido Comunista Brasileiro; e a *Crucial*, de 1951, que também teve só cinco edições.

Muitas dessas publicações ainda circulavam nos anos 1950, quando começaria o apogeu dos suplementos literários no Brasil. Esse momento foi de efervescência cultural no país. Ana Paula Goulart Ribeiro (2007) descreve o cenário cultural da época, que presenciou o surgimento da Bossa Nova, na música; do Cinema Novo, no cinema; de popularização do teatro; de nomes como Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade na área literária; e de movimentos artísticos como o concretismo e o neoconcretismo. Ainda no final dos anos 1940 foram fundados o Museu de Arte de São Paulo e o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

O ambiente propício às discussões e à produção intelectual foi importante para o surgimento dos suplementos, publicações que refletiram a livre expressão de ideias e o desenvolvimento da criatividade nas mais variadas áreas (ABREU, 1996). O período foi de mudanças significativas para a própria imprensa brasileira, influenciada pelo jornalismo norte-americano. Também foi o momento do surgimento de diários importantes como a *Última Hora* (1951) e a *Tribuna da Imprensa* (1949), que introduziram inovações gráficas na cobertura jornalística. Ao mesmo tempo, outros veículos se empenharam em realizar reformas que foram modelo para os demais diários brasileiros, como fez o *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro¹⁶. Para Barbosa (2007), esse é o momento em que o processo paulatino de autonomização do campo jornalístico em relação ao literário é acentuado.

É o início também da autonomia do espaço da cultura dentro dos jornais, com o aparecimento de cadernos separados, conforme Gadini (2009). No Rio de Janeiro, o *Jornal do Brasil* criou, em 1956, por meio de Reinaldo Jardim, o *Suplemento Dominical*, dirigido ao público feminino, misturando receitas culinárias e poesias. Com a vinda de nomes como Mário Faustino, Ferreira Gullar e Oliveira Bastos, foi dado início ao suplemento literário, que ficaria conhecido como *SDJB* e no qual se abordariam temas de arte e literatura.

Dois anos após o lançamento do *SDJB* foi criado o *Caderno B*, um dos pioneiros do atual formato do jornalismo no Brasil ao separar a cobertura de artes, cultura e variedades em um caderno diferente do primeiro (GADINI, 2009). Em 1962, ele passa a ser diário, enquanto o *SDJB*, que saía aos domingos, começa a circular aos sábados.

¹⁶ Além da formulação de uma nova equipe, a reforma do JB comportou um aumento de páginas no jornal. A redação passou a ser organizada por setores, que mais tarde seriam chamados de editorias. Criou-se a chefia de reportagem e o *copy-desk*, foram compradas máquinas de escrever e introduzida uma lauda marcada para a contagem de texto (RIBEIRO, 2007). Uma fotografia começou a ser publicada na primeira página e o jornal assumiu uma linha de crítica em relação ao governo de Juscelino Kubitschek. Conforme Ferreira (1996), a reformulação do JB veio a consolidar-se no início da década de 1960, com a entrada do jornalista Alberto Dines.

Nesse momento aparecem suplementos culturais em quase todos os grandes jornais brasileiros. Os que não ofereciam tais cadernos mantinham seções específicas para os temas da cultura. Em seu estudo sobre suplementos literários nos anos 1950, Alzira Abreu (1996) identifica três tipos: os que estavam voltados para a divulgação de ideias e temas que tiveram predominância em décadas anteriores, mais ligados ao passado e à tradição (como os suplementos do *Jornal do Comercio*, *A Manhã*, *Diário de Notícias*, *O Jornal*, *O Estado de Minas*); os que abriam espaço para os movimentos de vanguarda em diversos setores das artes (*Correio da Manhã*, *O Estado de S. Paulo*, *Diário Carioca*, *Jornal do Brasil*); e os que tinham uma orientação mais de informação do que necessariamente de divulgação de ideias (*Folha da Manhã* e *O Globo*).

Em São Paulo, um dos suplementos mais bem-sucedidos e lembrados até hoje foi o *Suplemento Literário* (1956-1974) do jornal *O Estado de S. Paulo*, considerado o modelo de todos os que vieram depois dele (LORENZOTTI, 2007). Durante dez anos foi dirigido pelo crítico teatral Décio Almeida Prado, sucedido pelo jornalista Nilo Scalzo. O caderno tinha pretensões mais artísticas do que jornalísticas. “[...] o Suplemento quase não será jornalístico, nem no alto, nem no baixo sentido do termo. Não visa substituir ou estabelecer concorrência com as seções mantidas pelo jornal [...]” (LORENZOTTI, 2007, p.47), diria Décio Almeida Prado em texto publicado na primeira edição, prosseguindo: “Nosso objetivo é a literatura, não a vida literária”. O *Suplemento* foi lugar de reunião de alguns dos mais importantes nomes da intelectualidade brasileira, como Sérgio Buarque do Holanda, Florestan Fernandes, Cecília Meirelles, João Cabral de Melo Neto, Brito Broca, Lourival Gomes Machado, entre outros, além do próprio Almeida Prado e de Antonio Candido.

Em 1958 o jornal *Folha da Manhã*, hoje *Folha de S. Paulo*, criou o suplemento *Ilustrada* que, junto com o *Caderno B*, foi um dos primeiros do Brasil a circular diariamente (GADINI, 2009). A *Ilustrada* trazia temas de arte, cultura, programação de TV, teatro e televisão, vida social, passatempo etc., escopo que cresceu durante a década de 1960. Aos sábados ainda saía no jornal uma página chamada *Vida Literária*. Em 1970, a *Folha* lançou o caderno semanal de cultura, criado pelo jornalista Tarso de Castro; em 1977, surge o *Folhetim*, que circulou até 1989. Segundo Chaga (2001), o primeiro ano da publicação pode ser associado a uma tentativa de reviver o sucesso de *O Pasquim* junto ao público, tanto que uma parte da sua equipe foi contratada para ficar à frente dos 35 primeiros números do *Folhetim*, procurando mesclar o político, as variedades e o cultural. Criados à parte do primeiro caderno do jornal, os suplementos culturais apresentam uma lógica distinta do jornalismo diário, que apresentaremos a seguir.

2.6 A lógica do suplemento

Um primeiro ponto a se destacar sobre os suplementos de cultura é que eles não são imprescindíveis a nenhum jornal, mesmo conferindo distinção tanto para seus leitores quanto para a própria publicação que os edita. Sua lógica suplementar indica que são um espaço do qual o periódico não depende para estar completo. Como cadernos especiais, separados do conteúdo do primeiro, são um algo a mais que é oferecido ao público.

Complemento é parte de um todo, o todo estará incompleto se faltar o complemento. *Suplemento* é algo que se acrescenta a um todo. Portanto, sem o suplemento o todo continua completo. Ele apenas ficou privado de algo a mais; no caso, um bônus que é dado ao leitor. (SANTIAGO, 2004, p.161-162)

No Brasil, essas publicações são editadas aos sábados ou domingos, dias associados ao lazer, o momento de descanso depois da semana de trabalho. Com textos longos e tratamento mais aprofundado dos temas, são a companhia para o leitor aproveitar o fim de semana de forma culta e inteligente. Abreu (1996), quando estuda os cadernos literários da década de 1950, percebe que essa iniciativa indicava a intenção de divulgar a literatura e a arte, uma vez que as edições dominicais são normalmente as mais lidas.

Outra característica dos suplementos é que eles apresentam pouca ou nenhuma publicidade, e dessa forma não trazem grande retorno financeiro ao jornal. Já nos anos 1950, esses cadernos sofriam com a falta de recursos: no período, alguns tiveram vida bastante irregular, aparecendo a cada semana, quinzenalmente etc., de acordo com as dificuldades que atingiam a imprensa (ABREU, 1996). Mesmo não gerando receita significativa, os jornais continuam a editá-los, pois significam mais do que retorno financeiro; trazem prestígio para os jornais e status para os colaboradores que escrevem neles. Travancas (2001, p.36) destaca que são comuns casos de publicações que sejam até deficitárias, mas que são mantidas porque sua relação custo-benefício não é medida apenas financeiramente: “é como se o jornal se valorizasse com a valorização do leitor”. O jornal, mesmo que seu objetivo final seja o lucro, renunciaria a tais metas, encarnando a nobre missão de formar intelectualmente seu público.

Essa relação ganha contornos ainda mais complexos ao envolver outras instâncias no jogo pela distinção: o jornal obtém prestígio ao manter um suplemento cultural; quem escreve nesses cadernos, da mesma maneira, alcança visibilidade e reconhecimento com sua colaboração; e a leitura dos suplementos não deixa de representar status, bom gosto e aperfeiçoamento da capacidade intelectual. O interesse pelos temas da arte está ligado à reflexão de Pierre Bourdieu (2008), quando estuda a formação do gosto nas diferentes classes sociais e sua ligação com o poder. Esse julgamento seria uma manifestação de discernimento que, reconciliada com a sensibilidade, definiria o homem em sua acepção plena. De acordo com o autor, o gosto de cada classe pelos bens culturais representa um símbolo de poder e elemento de distinção uma das outras. Ao ler um suplemento que trata dos temas da arte e da cultura legitimadas, o leitor expressa seu bom gosto, distinguindo-se dos demais.

O contato com esses assuntos e com as próprias obras e produtos está envolvido no aperfeiçoamento da competência artística do leitor, permitindo um aprimoramento de sua interpretação. Em um mercado de múltiplas ofertas, o fluxo constante de mercadorias torna ainda mais importante o gosto, o julgamento e o capital cultural acumulado por indivíduos ou grupos. Eles assim ficam capacitados para compreender e classificar adequadamente novas mercadorias e o modo de usá-las (FEATHERSTONE, 1995). Essa competência, conforme indica estudo de Douglas e Isherwood¹⁷, associada a um nível mais alto de renda, é necessária para se atingir o topo da classe de consumo, além de demandar investimento em aquisição de capital cultural ao longo da vida e na manutenção de atividades consumistas.

A busca pela distinção que acompanha a leitura dos cadernos culturais é apenas uma das características de sua relação com o público. Segundo Silva (1998), os leitores dos suplementos semanais de cultura de hoje mantêm o mesmo perfil de décadas anteriores, com a diferença de que foi acrescido um perfil mais jovem, que deseja se inteirar sobre assuntos aprofundados. A relação seria diferente entre os leitores das publicações diárias, mais apressados, que se informam rapidamente sobre os temas culturais.

A vinculação entre os suplementos literários e o público, formado por leitores bastante fiéis a ponto de colecionarem as edições, pode adquirir contornos até mesmo fetichistas, conforme Everton Cardoso (2009). O *Correio do Povo*, nos anos 1960, publicava semestralmente um índice com todos os textos publicados no seu suplemento *Caderno de Sábado*, “posicionando-se como uma enciclopédia de saberes a serem acessados no futuro; um lugar em que o leitor poderia ‘formar-se’ em termos de conhecimentos relativos a cultura”

¹⁷ Citado por Featherstone (1995).

(CARDOSO, 2009, p.35). Recordando experiências do passado, Dimas (1996) relembra sua relação com o *Suplemento Literário*, criado em 1956 pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. Durante sua juventude em Assis, cidade do interior paulista, ele esperava com ansiedade o trem de sábado pela manhã, que trazia o jornal. Estudante de Letras naquela cidade, ele considerava a espera um ritual “ansioso e ingênuo”. “De um lado, porque poderíamos testar nosso conhecimento incipiente; de outro, porque disputaríamos entre nós quem veria seu professor favorito nas páginas daquela semana” (DIMAS, 1996, p.38).

Mais um ponto importante sobre os suplementos culturais são seus colaboradores, que participam com o envio de textos e colunas. Historicamente colocados como arena de divulgação do saber e circulação de ideias, neles se manifestam intelectuais de diversas áreas. Como os suplementos se relacionam com o tempo de uma maneira distinta do jornalismo diário, sem a pressão contínua do fechamento, a lógica do instantâneo perde força e seus textos podem ser mais longos, com mais tempo para produção e reflexão. Para Silva (1998), os cadernos semanais podem ser chamados de literários porque neles predominam ensaios críticos e artigos de filósofos, críticos literários e especialistas. Os temas são variados, podendo passar por política, futebol, ciência e cinema, por exemplo. Seu estilo é próximo das revistas, com matéria de capa e chamadas para o interior do caderno.

Um de seus objetivos é formar a opinião do leitor. Nesse processo atuam, além dos jornalistas, que podem ser fixos dos cadernos, de outras seções do jornal ou ainda de outros veículos, “intelectuais no mais amplo sentido da palavra. Professores, universitários, acadêmicos, escritores, cientistas sociais, filósofos, psicanalistas, artistas plásticos e até políticos” (TRAVANCAS, 2001, p.39). A relação que se estabelece entre o jornal e seus colaboradores é uma troca: ao mesmo tempo em que ganham visibilidade por terem textos publicados, eles conferem legitimidade à publicação por carregaram consigo saberes específicos desses campos. Bourdieu (1997) chamará de intelectuais-jornalistas as pessoas situadas entre o fazer jornalístico e os campos especializados que são constantemente chamadas a opinar na imprensa e que acabam trazendo para cada campo poderes adquiridos no outro. Nem todos os colaboradores se encaixam nessa categoria, mas os suplementos tornam-se espaços de tensão entre a função de jornalista e de especialista (TUBAU, 1982).

Ao dar espaço para pensadores de diversas áreas, o jornalismo cultural coloca-se como um espaço jornalístico diferenciado, que Faro (2006) considera como “espaço público da produção intelectual”. Essas aparições, que ajudam a fazer do jornalismo um espaço de sociabilidade intelectual, segundo Pereira (2011), não se limitam ao espaço da redação: a

própria prática da profissão faz com que jornalistas tenham contato frequente com pessoas dos meios acadêmico, artístico e cultural, formando relações institucionalizadas e que podem evoluir para coleguismo ou até amizade. O trânsito de pensadores de diversos campos nos suplementos culturais é percebido desde os anos 1950, quando tais cadernos formavam redes de sociabilidade para muitos intelectuais, sendo importantes na estruturação desse campo, ao lado de cafés, salões, revistas literárias e editoras (ABREU, 1996).

Affonso Romano de Sant'Anna (2001, p.39) enumerou as características comuns aos suplementos culturais nessa época e nos anos 1960. Todos eles, segundo o autor, 1) eram editados por escritores e não por jornalistas; 2) publicavam poemas e contos; 3) publicavam críticas e ensaios e não resenhas; 4) centravam-se sobretudo na literatura brasileira; 5) apoiavam-se basicamente em textos e não abriam, como hoje, tanto espaço para fotos e ilustrações. Essas regras tiveram algumas exceções, como o *Caderno de Sábado*, do *Correio do Povo*, que, por exemplo, era editado por um homem da imprensa, Paulo Fontoura Gastal, e constantemente ilustrava suas páginas com reproduções de obras de arte. A partir dessas qualidades, entende-se que esses cadernos têm a característica de mesclar gêneros típicos do jornalismo com outros mais próximos da prática literária. Neles, as definições do jornalismo ficam mais difusas, e podem-se encontrar, ao lado de reportagens, notas e artigos opinativos, textos de ficção como contos e poemas.

Desde o apogeu até hoje, essas publicações acompanharam as mudanças do mercado e do próprio jornalismo, que foi cada vez mais valorizando a informação e a notícia ao invés da opinião, processo aliado a uma crescente profissionalização nas redações, no qual intelectuais de outras áreas foram sendo substituídos por jornalistas profissionais. Para Sant'Anna (2001), os cadernos de cultura foram se transformando em veículos de divulgação do mercado editorial, perspectiva acompanhada por Abreu (1996). As relações sociais na editoria, sempre marcada pelo encontro de jornalistas e intelectuais de outras áreas, adquirem novos contornos, especialmente nos suplementos semanais, espaços de valorização da crítica e das discussões aprofundadas.

Mesmo assim, esses cadernos hoje ainda cultivam uma imagem de espaços diferenciados, que oferecem ao leitor textos de teor intelectual mais elevado. Ao retomar publicações importantes no jornalismo cultural gaúcho, Bentancur (2000) lembra que os suplementos de cultura semanais dos jornais causam uma pequena inversão na lógica do jornalismo diário, que produz textos para o consumo imediato e que depois são esquecidos. Eles tentam “criar, dentro dos templos erigidos à memória do passageiro, algo de permanente”

(p.10). Dentre os jornais gaúchos atuais, o autor cita *Zero Hora* como o único a cultivar um caderno nesses moldes. É o *Cultura*, cuja história abordaremos a seguir.

2.7 A cultura nas páginas de *Zero Hora*

Para compreender o caminho trilhado pelo caderno *Cultura* desde sua estreia até os dias de hoje, é importante conhecer a trajetória do jornal *Zero Hora*, do qual a publicação faz parte. Estudando a história da imprensa no Rio Grande do Sul, Francisco Rüdiger (2003) identifica dois grandes momentos. O primeiro, que se registrou de meados do século XIX até os anos 1930, é lembrado pelo jornalismo político-partidário. O segundo, desenvolvido a partir do início do século XX, quando surgem as primeiras empresas jornalísticas no estado, e que segue até os dias atuais, é marcado pelo jornalismo informativo e pela indústria cultural. O surgimento da Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS) e de *Zero Hora* como principal veículo impresso do conglomerado de mídia enquadra-se na segunda fase. Na verdade, ZH nasce fora do grupo RBS. O jornal existe com esse nome desde 1964, quando foi criado por Ary de Carvalho após o fechamento do *Última Hora*. Desde 1967, Maurício Sirotsky e seu irmão Jayme detinham 50% das ações de *Zero Hora*, mas foi apenas em 21 de abril de 1970 que a dupla adquiriu o restante, após uma crise financeira que se abateu sobre a empresa com a construção da sede da avenida Ipiranga, em Porto Alegre, e com a compra de uma nova rotativa, em 1969 (SCHIRMER, 2002).

A trajetória de Maurício Sirotsky Sobrinho havia iniciado ainda antes, em Passo Fundo, no norte do Rio Grande do Sul, onde cresceu e atuou como locutor do serviço de alto-falantes da praça central da cidade. Segundo Lauro Schirmer (2002), é em 1957 que, em Porto Alegre, ele passa a dirigir a Rádio Sociedade Gaúcha, de 1927, adquirindo-a em conjunto com Arnaldo Ballvé, Frederico Arnaldo Ballvé, Nestor Rizzo e Manuel Arroxelas Galvão. É o início do que viria a ser o grupo RBS. Mais tarde, em 1962, entrou no ar a TV Gaúcha, Canal 12, atualmente RBS TV. “Com a incorporação de *Zero Hora*, o grupo se completa e a empresa se consolida como um conglomerado de comunicação de âmbito regional” (FONSECA, 2008).

Ao tentar explicar a ascensão do grupo RBS, Rüdiger (2003) destaca que o conglomerado investiu em novos métodos de administração, renovação tecnológica e mercadológica, ao

contrário de seus concorrentes, que mantiveram uma gestão empresarial nos moldes do início do século. Para Virginia Fonseca (2008, p.131), o caráter de indústria cultural do grupo RBS se estabelece a partir dos anos 1980, “quando seus veículos passam a ser hegemônicos em praticamente todos os segmentos de mídia, e quando a empresa passa a ser administrada segundo as concepções mais modernas de gestão empresarial, orientadas pela ideia de racionalização dos custos e maximização de lucros”. *Zero Hora* é um dos oito jornais pertencentes ao grupo, distribuídos no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Conforme informações disponíveis no site da RBS¹⁸, a publicação tem mais de 60 colunistas e 24 cadernos segmentados. Além de investir em veículos de comunicação na televisão, no rádio, na mídia impressa e na internet, o grupo possui empreendimentos nos ramos fonográfico, editorial e gráfico, entre outros. Também atua por meio da Fundação Mauricio Sirotsky Sobrinho, voltada para ações de responsabilidade social.

A RBS está presente na movimentação da vida cultural do Rio Grande do Sul e de sua área de atuação de um modo geral. Muitas das ações implantadas pelo grupo no cenário da cultura acabam sendo pauta dos seus próprios veículos. Além de realizações no campo do entretenimento, como shows e espetáculos, segundo o site da empresa, a RBS apóia, em nível de divulgação, eventos como a Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, a Bienal do Mercosul e a Feira do Livro de Porto Alegre. Ainda viabiliza, por meio de convênios e parcerias, a execução de iniciativas como o prêmio *Fato Literário* (destinado a personalidades e iniciativas de destaque no cenário local) e o projeto *Histórias Curtas* (que financia filmes curtas-metragens, depois exibidos pela RBS TV). Outros exemplos de iniciativas na área da cultura são o Clube do Assinante ZH, criado em 1988, que oferece aos assinantes de *Zero Hora* descontos no valor dos ingressos de shows, peças teatrais e outros eventos culturais. O grupo RBS ainda é um dos parceiros da Braskem¹⁹ na realização do ciclo de palestras *Fronteiras do Pensamento*, que traz a Porto Alegre conferencistas nacionais e internacionais, intelectuais de variadas áreas, para discutir temas da atualidade.

Como veremos no próximo capítulo, muitos desses eventos serão pautas do *Cultura*, um dos cadernos segmentados publicados por *Zero Hora*. A ideia de editar um suplemento cultural em ZH é antiga, tendo surgido ainda na primeira fase do periódico, antes de passar ao total comando da família Sirotsky. As informações históricas sobre a criação do suplemento aqui apresentadas, bem como as imagens publicadas, foram recolhidas pela pesquisadora a

¹⁸ Disponível em www.gruporbs.com.br. Acesso em 02/03/2012.

¹⁹ Empresado setor químico e petroquímico, considerada a maior produtora de resinas termoplásticas do continente americano.

partir de visitas ao Centro de Documentação e Informação da RBS e ao arquivo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, em Porto Alegre.

O primeiro número do então chamado *Caderno de Cultura*, de *Zero Hora*, foi lançado em abril de 1967. A publicação visava reunir textos de personalidades expoentes no cenário cultural gaúcho, mesmo que, nesse momento, o jornal ainda não tivesse a força que possui hoje. Seu grande concorrente era o tradicional *Correio do Povo*, fundado em 1895 e que havia se tornado o principal jornal do estado.

O *Correio do Povo*, como lembra Cardoso (2009), sempre se preocupou em valorizar as atividades artísticas e culturais. Desde o princípio do jornal, quando publicava romances-folhetins como *Os Farrapos*, de Oliveira Bello, passando pelos rodapés e os primeiros suplementos culturais até chegar ao *Caderno de Sábado*, o diário teve uma relação bastante próxima com o jornalismo de cultura e variedades. Foi em setembro de 1967 que a Caldas Júnior lançou no CP seu *Caderno de Sábado*, nos moldes das publicações semelhantes do centro do país. Embora o tenha feito alguns meses depois de ZH, seu suplemento ficou na história da imprensa local como uma das bem sucedidas experiências de jornalismo cultural. Pelas páginas da publicação semanal passaram personalidades de destaque como Clarice Lispector, Mario Quintana, Paulo Hecker Filho e Guilhermino Cesar. Para Cardoso (2009), o suplemento colocou-se como agente de formação de seus leitores, oferecendo temas ligados à noção de cultura como formação individual; mais que isso, constituiu-se numa enciclopédia variada que deu ao público uma ideia da produção cultural local, nacional e mundial.

Antecipando-se ao *Correio do Povo* e seguindo a tendência de outros jornais brasileiros, *Zero Hora* lança, em 13 de abril de 1967, uma quinta-feira, o seu *Caderno de Cultura*. O primeiro número trazia os textos “Visita a um museu”, de Erico Verissimo; “A Igreja depois do Concílio”, de D. Vicente Scherer; “O futuro da França”, de Pilla Vares; “Os rumos do teatro gaúcho”, de Sidney Schestaski; e “Crítica literária”, de Guilhermino Cesar. A partir de sua segunda edição o caderno passou a ser publicado aos sábados. A intenção era que saísse duas vezes ao mês. Guilhermino Cesar era o supervisor. Sidney Schestaski e Marcos Faerman assinavam a direção editorial.



Figura 1 - *Zero Hora* de 13 de abril de 1967 trazia chamada para o primeiro *Caderno de Cultura*. Ao lado, capa da primeira edição do suplemento.

Embora criado mais de dez anos depois de publicações como o *Suplemento Dominical*, do *Jornal do Brasil*, ou o *Suplemento Literário*, do *Estado de S. Paulo*, o encarte de ZH tinha características semelhantes, como a colaboração de intelectuais, artigos opinativos e o apelo à relação de fidelidade com o leitor, que pode ser percebida com uma chamada publicada na capa do jornal do dia 11 de abril de 1967, dois dias antes de o caderno entrar em circulação.



Figura 2 - Chamada na capa do jornal de 11 de abril de 1967 indicava a intenção de ser um suplemento colecionável.

A proposta de uma publicação colecionável seguia a linha dos folhetins e rodapés, que propunham ao público que recortasse as tiras e guardasse as histórias. Colecionar as edições dos suplementos é uma prática comum a alguns leitores, pois possibilita o fácil retorno aos cadernos para uma consulta futura.

O *Caderno de Cultura* de ZH continuou até os anos 1970. Em 11 de abril daquele ano circulou o número 60 do suplemento, que fecharia esse ciclo, trazendo textos como “‘O balcão’ por quem o conhece bem”, sobre o espetáculo teatral de Jean Genet, em cartaz em São Paulo, de autoria do diretor da peça, Victor Garcia, com uma crítica de Sábato Magaldi; “Antes de tudo, teatro é corpo...”, de Alain Schifres, com tradução de José Ronaldo Faleiro, sobre o grupo teatral norte-americano Living Theatre; “Literatura invenção da realidade”, de João Gilberto Noll; e contos de Sérgio Renato Rosa e Carlos Carvalho. Nesse número, Paulo Amorim assinava a supervisão do caderno, enquanto Mario Antonio Pereira era responsável pela direção editorial e Eraldo Bueno, pelo planejamento gráfico. Depois dessa edição, haveria um hiato de onze anos até que outra publicação com as mesmas características voltasse a circular em ZH.



Figura 3 - Capa da edição número 60 do *Caderno de Cultura*, de 11 de abril de 1970.

Mesmo quando o *Caderno de Cultura* deixou de circular, *Zero Hora* continuava publicando, diariamente, páginas dedicadas à cultura e às variedades. O espaço trazia temas como artes, cinema, passatempos, curiosidades, quadrinhos, livros, colunismo social, horóscopo e até a seção “Correio do coração”, com conselhos amorosos. Vê-se, portanto, que

o perfil era bem diferente dos suplementos semanais de cultura. O roteiro de boates, restaurantes, bares e a programação de televisão e cinema também era publicado. Essas páginas evoluíram mais tarde para um encarte denominado *ZH Variedades*, que chegou a contar com colunas assinadas por Ibrahim Sued, Paulo Gasparotto, Kenny Braga, Luiz Carlos Lisboa, Goida e Célia Ribeiro. Anos depois, esse encarte deu lugar ao *Segundo Caderno*, nome que o suplemento cultural diário de *Zero Hora* mantém até os dias de hoje.

O *ZH Variedades*, aos sábados, ganhava uma edição especial denominada *Guia*, que foi por algum tempo o espaço dedicado à cultura naquele dia. O *Guia* tinha ênfase no serviço, oferecendo a programação de cinema, TV, bares e restaurantes, além de trazer informações sobre teatro, galerias de artes plásticas, música – como discos mais vendidos, músicas mais ouvidas –, e também passatempo, tirinhas, horóscopo e culinária. A publicação abria espaço para matérias mais elaboradas, e chegou a apresentar textos sobre cinema, música e quadrinhos, entre outros assuntos.



Figura 4 - Diferentes momentos do *Guia*, de *Zero Hora*: 23 de junho de 1973; 14 de dezembro de 1974; 3 de junho de 1978; e 1.º de dezembro de 1979.

Os temas culturais ainda tinham espaço em publicações de fim de semana, como o *Caderno D*, dominical, com reportagens e textos mais aprofundados sobre diversos assuntos. Vida longa teve a *Revista ZH*, que durante um período foi publicada aos domingos, junto com o *Caderno D*, mas que depois passou para os sábados e mais tarde voltou aos domingos. A *Revista ZH*, normalmente com mais de 20 páginas, podia trazer contos, textos sobre música, livros, dramaturgia, perfis de personalidades, viagens, roteiro com a programação de lazer e ainda temas considerados mais femininos, como supermercado, pediatria, beleza, moda,

culinária, decoração, sociedade, novelas etc. Essas páginas femininas também ganhavam um encarte próprio mais tarde, o *ZH feminina*, que circulava junto com a *Revista ZH*.



Figura 5 – Capas da *Revista ZH* e encarte *ZH feminina* de 24 de junho de 1973.

A *Revista ZH* tinha uma pauta eclética, que podia ir desde a história dos brinquedos, por exemplo, até a paixão e morte de Jesus Cristo, passando por literatura, a história e o turismo do México, a sobrevivência do teatro infantil, artesanato, a vida de personalidades como Marlon Brando e Roman Polanski, até uma série de crônicas e reportagens de Fernando Sabino. No início da década de 1980, quando a *Revista ZH* já estava circulando novamente aos domingos, *Zero Hora* lançou um caderno específico sobre televisão, o *Caderno de Tevé*, com as novidades sobre as telenovelas e os atores e atrizes brasileiros.



Figura 6 - Três exemplos de capas da *Revista ZH*: 15 de dezembro de 1974; 18 de maio de 1975; e 15 de junho de 1980. Ao lado, uma edição *Caderno de Tevé* da mesma data.

Somente no início da década de 1980 surgiu um novo suplemento para preencher a lacuna deixada por seu antecessor, o *Caderno de Cultura*. Em 3 de outubro de 1981, junto com o *Guia*, que já circulava há algum tempo, saiu o primeiro número do *ZH Cultura*. Na sessão “Informe Especial” foi publicado um texto de apresentação do novo veículo, destacando seu caráter abrangente, que buscava refletir desde as artes e a literatura até as ciências humanas. “A proposta, portanto, não é fechada e elitista, fato tão comum nos suplementos literários”, segundo o texto. Lauro Schirmer era o diretor editor do jornal e Carlos Fehlberg, o editor chefe²⁰.

É interessante notar que o *ZH Cultura* nasce com a promessa de não ser “fechado e elitista” como os outros suplementos literários. A afirmação talvez tenha sido uma referência ao próprio *Caderno de Sábado*, seu contemporâneo mais próximo, que ficou conhecido por seu caráter enciclopédico (CARDOSO, 2009). O novo caderno de ZH surgiu com uma proposta diferenciada, ratificada no editorial publicado em seu primeiro número.



Figura 7 – A capa do jornal de 3 de outubro de 1981 anunciava a estreia do *ZH Cultura*. Ao lado, a capa da primeira edição do suplemento.

²⁰ Em janeiro daquele mesmo ano, o *Caderno de Sábado* do CP pararia de circular em razão da crise financeira que se abateu sobre a Caldas Júnior. Um novo suplemento de cultura foi lançado em agosto, o *Letras & Livros*, que perdurou até 1984, quando o jornal fechou temporariamente, mas a publicação não conseguiu ocupar completamente o lugar do anterior na memória dos leitores (CARDOSO, 2009).

A primeira edição do *ZH Cultura*, que deveria sair no primeiro sábado de cada mês, trazia na capa os cem anos que o pintor espanhol Pablo Picasso completaria se estivesse vivo. Diferente do que acontece hoje, quando os cadernos de *Zero Hora* não trazem editoriais falando de si, o suplemento publicou na primeira página um editorial apresentando-se e explicando seus propósitos. Abaixo dele, um índice indicava todos os textos que estavam distribuídos nas 16 páginas da edição, assinada por Eleonora Rizzo e Luiz Pilla Vares. O planejamento gráfico era de Eraldo Bueno e a arte, de Rekern e Marco Aurélio. O caderno não tinha publicidade, mas apresentava, no espaço dedicado aos livros, a lista de mais vendidos em Porto Alegre, no eixo Rio de Janeiro/São Paulo, Nova Iorque (EUA) e Paris (França). Reproduzimos, aqui, o editorial do número 1 do *ZH Cultura*, que explicita as pretensões do novo suplemento:

Nossos propósitos

ZH-Cultura vem preencher uma lacuna. Com efeito, faltava em nosso Estado um veículo em que se pudesse pensar a nossa cultura e **onde se manifestasse os representantes da intelectualidade rio-grandense em seus mais diversos aspectos**, de forma livre, democrática. Na realidade, não se pode pensar em uma verdadeira cultura sem o clima que caracteriza a democracia, ou seja, o mais absoluto respeito pelas idéias, sejam elas quais forem desde que venham expostas com o rigor e a profundidade necessária. Nessa medida, ZH-Cultura, cuja publicação iniciamos hoje, **não pretende ser um veículo acadêmico, pretensioso e, portanto, estéril**. Ao contrário, nosso propósito é o de abordar a cultura de maneira dinâmica, viva, atuante. Isso não significa, por outro lado, dessacralizar o saber, pois este é a característica do homem. No entanto, entendemos que a cultura deve ser entendida de forma atuante, voltada sempre para o desenvolvimento da comunidade, **o que exclui desde logo a reflexão elitista**.

Desta forma, pretendemos, diante das imensas possibilidades do jornalismo contemporâneo, levar às centenas de milhares de leitores de Zero Hora, matérias de conteúdo nitidamente cultural, buscando, assim conciliar a informação quotidiana com reflexões mais duradouras. **Cultura, para nós, não é privilégio de grupos ou classes. Nosso propósito não é o de nos dirigirmos a um público especial, mas a todos os leitores, sem exceção**. Certamente, não apresentaremos concessões, pois acreditamos que a sublime tentação do saber existe em todos os homens e quanto mais se voltarem para a cultura, mais condições terá o país de efetivamente se desenvolver globalmente. Queremos auxiliar também o lado espiritual do desenvolvimento.

Finalmente, se é verdade que **procuramos pensar nossas raízes**, através de depoimentos, reportagem e ensaios, **não ficaremos presos às nossas fronteiras, pois a cultura é universal**. E ainda mais universal nos dias que correm, quando a evolução dos meios de comunicação social fizeram do mundo que Marshall McLuhan denominou de “aldeia global”. Essa aldeia é o nosso habitat e é sobre ele que vamos nos debruçar, **sem preconceitos de qualquer espécie**. (grifos nossos)

O editorial alega que o caderno não renunciará à profundidade dos textos e à qualidade das discussões, mas que mesmo assim pretende atingir todos os leitores, sem preconceitos, demonstrando um perfil aberto se comparado a suplementos mais fechados em propostas acadêmicas e que visavam um público de alto nível intelectual. Ao fazer uma declaração como essa, ZH faz parecer que sua gama de leitores de fato abrange toda a audiência dos jornais, mas na verdade sabemos que seu público já é composto por um segmento especial. Não são os mesmos leitores dos jornais populares, por exemplo, e *Zero Hora* sabe disso. Outra referência interessante apresentada pelo editorial é à cultura local (ao dizer que dará espaço para a “intelectualidade rio-grandense” e que procurará “pensar nossas raízes”), que seria valorizada, mas sem ater-se apenas às fronteiras do estado, buscando um caráter mais universal, característica percebida em fases posteriores do suplemento.

Um aspecto da cultura regional aparece, por exemplo, na edição do dia 31 de outubro de 1981. Apesar da intenção de sair uma vez ao mês, o segundo número do caderno, assim como o primeiro, foi publicado em outubro. A escolha pelo dia 31, ao invés do primeiro sábado de novembro, foi explicada ao leitor no editorial daquela edição. A exceção se deu em função de Feira do Livro de Porto Alegre, tradicional evento da capital, que já se tornara “uma instituição da cidade”, conforme o texto, que ressaltava ainda o compromisso da publicação com a realidade cultural rio-grandense, sem deixar de se abrir para o mundo.

Ao longo de sua vida, o *ZH Cultura* teve textos assinados por importantes figuras do cenário cultural gaúcho. O exemplar do dia 9 de novembro de 1985, por exemplo, de número 51, tinha a contribuição de Evelyn Berg, jornalista e diretora do Museu de Arte do Rio Grande do Sul naquele momento; Zilá Bernd, professora universitária; Tânia Carvalhal, crítica literária; Arthur Nestrowski e Herbert Caro, críticos musicais, além de Afrânio Coutinho e do próprio Luiz Pilla Vares, que ainda assinava a edição do caderno, mas agora ao lado de Liberato Vieira da Cunha e Danilo Ucha. Esse último, nesse número, era responsável por uma reportagem sobre a feira do livro de Frankfurt, na Alemanha, como enviado especial. A edição contava também com um conto inédito de Simões Lopes Neto e uma página inteira dedicada ao Calendário Cultural Zero Hora, com eventos e a programação nos segmentos Museus, Livros, Música Erudita, Música Popular, Cinema, Fotografia e Cartazes, Teatro, Dança, Audiovisual e Artes Plásticas. O *ZH Cultura* ainda apresentou capas com as matérias “Os 150 anos de Émile Zola e Tchaikovsky”, de 12 de maio de 1990, ou “O romance de Noll em debate”, de 14 de junho de 1989, que inclusive apareceram como chamada na capa do jornal, algo que se repetia com frequência.



Figura 8 - Capas do ZH Cultura de 31 de maio de 1981; de 9 de novembro de 1985, com publicidade; e de 9 de dezembro de 1989.

O ZH Cultura circulou até 1991. No ano seguinte, 1992, novas mudanças foram anunciadas, e surgiu o caderno *Cultura*, nome que permanece até hoje, como parte integrante do *Segundo Caderno*. Uma mudança significativa foi que ele passou a ser publicado semanalmente. O projeto ficou sob o comando dos jornalistas Luiz Zini Pires e Juarez Fonseca.

Há dois meses, os jornalistas Luiz Zini Pires, 36 anos, gaúcho de São Francisco de Paula, e Juarez Fonseca, 45, gaúcho de Canguçu, foram incumbidos de uma tarefa bastante sedutora para dois profissionais particularmente fascinados pelo mundo das artes: recriar, agora como encarte semanal do Segundo Caderno, o suplemento *Cultura*, que Zero Hora publicou entre 1981 e 1991 no segundo sábado de cada mês. Recentemente transferido da editoria de Esporte para o comando do Segundo Caderno, Zini atirou-se ao projeto com o entusiasmo de quem está prestes a fazer um gol de letra. Encarregado de materializá-lo, Juarez, que reúne entre vários atributos profundos conhecimentos de música, dispensou-se de partituras: ele mantinha havia tempos o projeto na gaveta, convencido de que o jornal não demoraria a incorporá-lo às edições normais.

O *Cultura* renasce nesta edição, **para circular todos os sábados** – e renasce invocando as bênçãos dos autores que, na opinião de 40 especialistas no assunto, escreveram os dez melhores romances da literatura do Rio Grande do Sul. A relação, liderada por Erico Veríssimo com seu esplêndido *O Tempo e o Vento*, configura um irresistível itinerário para leitores interessados na imaginação como forma de viagem.

A enquete, **que reafirma a vocação gaúcha de todas as ramificações editoriais de Zero Hora**, enriquece um universo de temas cuja diversidade sublinha o **traço cosmopolita igualmente exibido pelo**

Cultura nesta nova fase. Mais que um novo caderno, os leitores ganham, a partir de hoje, um **conjunto de páginas concebido de modo a contribuir, a cada semana, para sua formação intelectual.** Zini e Juarez têm bons motivos para considerar especialmente agradável este sábado de maio. (NUNES, 1992, p.4, grifos nossos)

Nesse texto do então chefe de redação Augusto Nunes publicado na seção Carta ao Leitor do jornal *Zero Hora* no dia 16 de maio de 1992 podemos notar uma característica do caderno mantida até os dias atuais: o forte acento na literatura e nos livros de um modo geral. O tema será recorrente nas pautas do suplemento em suas edições mais recentes, e pôde ser visto na primeira edição do *Cultura*, que abre com uma pesquisa sobre os maiores romances da literatura rio-grandense, valorizando a cultura local por meio do épico regional e confirmando uma das propostas declaradas pelo seu antecessor. Ao mesmo tempo em que reforça o acento no local, a publicação novamente destaca seu desejo de ser cosmopolita, tensionando as duas perspectivas. Passando a sair semanalmente, ela novamente se coloca como ferramenta para o aprimoramento intelectual do leitor, afirmando sua intenção formativa, de contribuir com o debate.

A parte gráfica também já aparece aqui em destaque, como veremos em outros momentos, mostrando que conteúdo e forma são elementos relevantes para o veículo. Nesse sentido, o ano de 1998 foi importante para definir a feição atual do suplemento, pois em fevereiro foi realizada uma reforma gráfica que o redesenhou e o colocou muito próximo do formato que vigorou até maio de 2010, quando uma reconfiguração transformou mais uma vez suas características gráficas. A primeira edição como o novo rosto, de 21 de fevereiro de 1998, com oito páginas e editada por Luiz Antônio Araujo, foi temática sobre os 150 anos do livro *Manifesto Comunista*, de Karl Marx e Friederich Engels, publicado pela primeira vez em 21 de fevereiro de 1848. Duas semanas após as inovações chegarem às casas dos leitores de ZH, o então diretor de redação do jornal, Marcelo Rech, publicou, na seção Opinião, uma Carta ao Leitor na qual explicava as mudanças e explicitava algumas diretrizes editoriais do caderno. O texto, na íntegra, está reproduzido a seguir:

Desde a semana passada, os leitores de Zero Hora estão convivendo com um novo caderno Cultura. Publicado aos sábados, **o caderno sofreu uma cirurgia profunda em seu desenho, que o tornou mais arejado, mais fácil de ler e, sobretudo, mais arrojado.** A nova arquitetura de páginas do Cultura foi concebida pelo editor de Arte de ZH, Luís Adolfo Lino de Souza, que conciliou um desenho clássico e elegante, adequado ao denso conteúdo dos textos, a um visual moderno e ousado.

Sem recorrer a grafismos supérfluos que estorvam a leitura, **o redesenho do Cultura o impulsiona para o patamar das mais avançadas**

publicações do gênero no jornalismo mundial. Para delimitar a mudança, foi estabelecido que **a essência do caderno – a leitura de fôlego e o livre trânsito de idéias – deveria conviver em sintonia com a atratividade gráfica.** Na contramão de jornais que desmilingüam os textos por julgar que seus leitores não têm capacidade de absorver informação de densidade, o novo projeto gráfico preservou a mesma extensão de artigos e reportagens do desenho anterior.

O *Cultura* é hoje virtualmente a **única válvula de escape na imprensa diária do Estado para apresentar controvérsias e mergulhar nas grandes questões do pensamento mundial.** Ele reflete a vitalidade da força intelectual gaúcha, traz à luz para mais de 1 milhão de leitores temas e biografias que, de outro modo, seriam relegados a nichos de discussão, abre espaço para o rico embate de idéias e propicia, sem preconceitos, discriminações ou ranços de qualquer espécie, que produtores de cultura conhecidos apenas em círculos restritos sejam descobertos pelo grande público. “Os leitores enxergam o caderno como um palco de debates, no qual desejam ver contempladas as visões sobre determinadas questões e obras”, diz o editor de *Cultura*, Luiz Antônio Araújo, um santa-mariense de 30 anos que até setembro do ano passado era subeditor de ZH Digital, a versão de ZH na Internet.

Foi com o espírito de renovação permanente, subordinado a valores imutáveis, como a ética e a qualidade da informação, que a equipe incumbida de realizar os novos contornos do caderno lançou-se à missão de reestruturá-lo. “O novo desenho exige mais criatividade dos jornalistas e oferece mais qualidade ao leitor”, salienta Araújo, responsável pelo doce desafio de alinhar os grandes temas da cultura mundial e local com as tendências gráficas do jornalismo. “O leitor pode se preparar para receber edições surpreendentes a cada semana”, diz o editor. O resultado, como já se verifica há duas semanas, pode ser conferido todo o sábado em ZH. (RECH, 1998, p.18, grifos nossos)

O texto de Marcelo Rech apresenta coerência com relação às propostas anteriores dos suplementos culturais de *Zero Hora*. Novamente podemos notar a intenção de atingir um grande grupo de leitores, fazendo a ponte entre os temas da cultura e o público – não somente o especializado. Manteve-se a ideia de publicar textos mais densos, que expressassem assuntos e discussões relevantes, postando-se como o único veículo da imprensa gaúcha com esse propósito. O projeto gráfico do jornal é bastante explorado, indicando a intenção de combinar um design facilitador da leitura com textos mais longos. Essa configuração foi mantida no caderno ao longo de 12 anos, sendo um dos projetos gráficos mais longevos de *Zero Hora*.

Nesse período, o *Cultura* continuou publicando textos diferenciados daqueles encontrados no jornalismo diário, como artigos, ensaios e entrevistas em profundidade. É uma publicação que trata de temas históricos, de literatura, das Ciências Sociais, psicanálise e inclusive comunicação, sendo editado com a ajuda de colaboradores – críticos, pesquisadores, professores universitários etc. –, lembra Fonseca (2008). Com menos espaço para publicidade que outros suplementos, o *Cultura* mostra-se “um caderno, portanto, de pouco potencial publicitário, mantido seguramente por seu baixo custo de produção e para agradar o público

formador de opinião (autores e leitores)” (FONSECA, 2008, p.275). Mesmo mantendo sua linha editorial, uma nova reforma gráfica ocorreu em maio de 2010, instaurando características que ainda se mantêm. A comparação entre as capas anteriores e posteriores a esse período indicam mudanças aplicadas ao suplemento:



Figura 9 - Cadernos *Cultura* antes da reforma gráfica, em 4 de outubro de 2008 e 2 de janeiro de 2010, e depois, em 5 de junho de 2010.

Hoje a publicação possui oito páginas, coloridas. Depois de ter se afastado por um período da edição do *Cultura*, Luiz Antônio Araujo voltou ao posto em 2009. Formado em jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria, além de editor do *Cultura*, ele é repórter especial e já passou pelas editorias de Capa, Geral, Digital e Política, na qual permaneceu por dez anos como editor. O caderno *Cultura* possui quatro colunistas fixos: o músico e professor Celso Loureiro Chaves, que escreve sobre música; o professor Claudio Moreno, que trata sobre língua portuguesa; o fotógrafo Ricardo Chaves, com sua coluna sobre fotografia; e o escritor e professor Luís Augusto Fischer, que aborda temas variados, com ênfase na literatura. Recentemente, em 14 de janeiro de 2012, o caderno estreou o folhetim *Você sabe de onde eu venho*, assinado pelo escritor Tabajara Ruas, que será publicado semanalmente na contracapa durante o ano.

As mudanças instauradas em 2010 deixaram o visual mais semelhante ao de uma revista, com chamadas na capa para matérias no interior do caderno, inclusive com indicação de página. A reforma estreou em 14 de maio. Um dia antes, sexta-feira, o texto “O novo visual do caderno

Cultura” foi publicado no Blog do Editor ²¹, hospedado no portal de internet de Zerohora.com, comentando o novo arranjo e, mais uma vez, explicitando as mudanças no suplemento.

Ao longo de 12 anos, o caderno **Cultura** de Zero Hora exibiu um dos mais elegantes projetos gráficos do jornalismo gaúcho. Aos poucos, os inovadores recursos utilizados para organizar textos e fotos foram se incorporando ao cotidiano. Por isso, neste sábado, ZH vai surpreender os leitores apresentando um **novo visual para o Cultura**.

A estreia da reforma gráfica neste sábado também será marcada pela criação de um blog e Twitter do caderno, ambos hospedados no site do Segundo Caderno, em www.zerohora.com.

[...]

Tradição na valorização do texto

A produção de textos, que vai de grandes reportagens à literatura, de comportamento à música erudita, permanece como a principal característica do *Cultura*. E para valorizar ainda mais a linha editorial, a reforma gráfica buscou recursos específicos: títulos menores, capitulares diferentes e espaços em branco foram criados para contrapor ao estilo mais potente e colorido dos demais cadernos do jornal, facilitando a leitura. As imagens também poderão ser melhor apreciadas no novo formato, que busca ainda aprimorar a edição e abordagem dos temas.

— O *Cultura* é o espaço da palavra e da letra. Por isso, o projeto gráfico é mais simples e claro. Com um leitor bem específico, o caderno vai buscar um aspecto geral próximo do livro — explica um dos autores do projeto, o editor de Arte, Luiz Adolfo.

[...]

Nesse texto em que se fala sobre o caderno, assim como em outros apresentados anteriormente, novamente se destaca a parte gráfica. Em uma publicação como o *Cultura*, em que predomina o texto em detrimento da imagem, um dos desafios é tornar a leitura mais atraente para o público. O atual editor do suplemento, Luiz Antônio Araujo, explica algumas inovações trazidas com a reforma de 2010.

O *Cultura* hoje [...] é o único espaço do jornal em que se publicam textos de setenta centímetros num único conjunto de texto. E isso é assim porque ele é um caderno de ideias, ele é um caderno de texto. Nós pensamos muito no projeto gráfico em função disso. E a reforma gráfica de 2010, mantendo essa presidência do texto sobre o conjunto do caderno, procurou valorizar a imagem, criar uma brincadeira com a legenda, aproximando o caderno da linguagem dos livros, especialmente dos livros de fotos, de arte, que é ter uma legenda deslocada. Ela deu destaque para o nome do colaborador que assina o texto e teve um redesenho da capa que permite que a gente tenha várias chamadas. São coisas que foram novas do ponto de vista do *Cultura* [...]. (ARAÚJO, 2012)

²¹ Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/editor/2010/05/14/o-novo-visual-do-cultura/?topo=13,1,1,1,13>. Acesso em 19/05/2010.

Com as informações até aqui apresentadas percebe-se que a trajetória do suplemento semanal de cultura de *Zero Hora* é longa, e dividida em fases distintas. Uma linha do tempo demonstrando cada uma das etapas por qual passou o caderno pode auxiliar na compreensão de sua história.

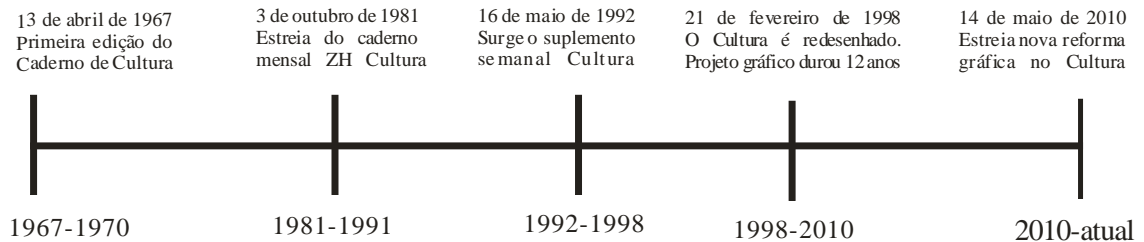


Figura 10 – Linha do tempo demonstra as diferentes etapas por qual passou o caderno *Cultura*.

Entender esse percurso ajuda a compreender a visão da cultura e do mundo proposta por este suplemento, e portanto o modo como retrata a sociedade no qual está inserido. Com a pretensão de ser um espaço de debates e de circulação de ideias, que se debruça sobre as questões do pensamento mundial a partir de uma perspectiva regional, sua leitura fornece indícios que ajudam a perceber a interpretação de um veículo de comunicação hegemônico sobre a movimentação cultural. A partir de agora, vamos conhecer e analisar como o caderno *Cultura* expressa em suas páginas parâmetros para compreensão da vida cultural local.

3 O CADERNO *CULTURA*, DE ZERO HORA: VALORES-NOTÍCIA E REFERÊNCIAS TEMPORAIS E ESPACIAIS

A partir de agora, apresentaremos os resultados alcançados com a análise de conteúdo (AC) feita com o suplemento semanal *Cultura* ao longo de um ano completo de sua publicação no jornal *Zero Hora*, buscando identificar características que ajudem a responder nossas questões de pesquisa. O principal objetivo é compreender a representação da vida cultural local proposta pelo caderno. Nesse sentido, preocupamo-nos em descobrir quais são as principais ideias reforçadas pelo suplemento de ZH para construir o entendimento da vida cultural local, além dos valores que estabelece para definir o que é ser culto e qual retrato do sistema cultural podemos vislumbrar por meio dele. Dividimos esse momento em duas partes devido à sua grande extensão. Na primeira, que iniciamos agora, trabalharemos com os valores-notícia e as referências espaciais e temporais encontradas.

3.1 Análise de conteúdo

A AC analisa mensagens cumprindo requisitos de sistematicidade e confiabilidade (FONSECA JÚNIOR, 2009), sendo eficiente para a realização de um trabalho que pretende partir de informações identificadas com a leitura de textos para posteriormente fazer inferências a seu respeito. Laurence Bardin (1977, p.38) considera a AC como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Desenvolvida nas ciências sociais empíricas visando especialmente materiais impressos (BAUER, 2008), a AC mostra-se adequada para o estudo e compreensão de experiências jornalísticas.

Ao refletir sobre a análise de conteúdo no jornalismo, Herscovitz (2008) destaca que uma de suas virtudes é permitir observar tendências a partir de uma grande quantidade de informação distribuída por um largo espaço temporal. Nos textos do caderno *Cultura* buscamos encontrar essas marcas para identificar parâmetros de compreensão da vida cultural da região de abrangência da publicação. Bardin (1977) chega a comparar o analista a um arqueólogo que trabalha com vestígios: os documentos que pode descobrir ou suscitar. Esses

vestígios seriam a manifestação de estados, dados ou fenômenos. Quando aliada ao jornalismo, a técnica pode ser definida como método de pesquisa de textos, sons e imagens encontrados na mídia e que têm “o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação” (HERSCOVITZ, 2008, p.127). É sistemática, porque deve ser aplicada da mesma forma em todo o conteúdo analisado, e objetiva, pois as mesmas categorias, se usadas por diferentes pessoas, deveriam permitir alcançar os mesmo resultados.

O processo de AC pode ser dividido em três fases, de acordo com a proposta de Bardin (1977): pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A primeira é a de organização, de preparação para a análise dos dados. Abrange a leitura flutuante, primeiro contato com os textos; a escolha dos documentos; a formulação de hipóteses e objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final. A segunda fase, exploratória, envolve a prática da pesquisa, a administração das decisões tomadas na fase anterior. Na terceira, os resultados passam por tratamento e são mais bem visualizados e compreendidos. Uma vez disponíveis, o pesquisador pode propor inferências e fazer interpretações conforme seus objetivos.

No caso deste trabalho, partimos da intimidade adquirida com o suplemento *Cultura* antes e depois da decisão de torná-lo objeto de pesquisa, tomando contato com o material para decidir questões pertinentes ao andamento do estudo. Estabelecido o *corpus*, colocamos em prática as decisões tomadas na etapa anterior e partimos, assim, para a efetiva análise das edições recolhidas em 2010. Depois de identificar e sistematizar as características da publicação pertinentes a esta proposta, fizemos o levantamento dos dados, culminando com a criação de gráficos e tabelas que ajudaram a visualizar e interpretar as informações.

Nosso *corpus* é composto por 52 edições do caderno *Cultura* publicadas em 2010. O número representa a totalidade dos suplementos veiculados naquele ano. De acordo com Bauer (2008), as *unidades de amostragem* são geralmente definidas fisicamente. É o caso de um jornal, um livro, uma notícia de TV etc. As *unidades de registro* estão contidas nas *unidades de amostragem*, como por exemplo, um artigo dentro de um jornal. Neste trabalho, as chamadas *unidades de amostragem* foram as 52 edições do *Cultura*. Já as *unidades de registro* foram os textos presentes em cada uma dessas edições, com exceção das legendas de imagens e linhas de apoio. Ao todo, foram analisados 422 títulos. Para cada um deles foi feita uma tabela com a ajuda do programa de informática Microsoft Excel contendo os seguintes tópicos de identificação: **Data** (dia da publicação); **Título**; **Página** (na qual está veiculada);

Editor (Luiz Antônio Araujo ou outro, de forma interina); **Cartola**; **Autor**; **Informações sobre o autor** (profissão, ocupações, instituição a qual está ligado etc.). Para apreender as características dos textos foram estabelecidas as seguintes categorias: **Valores-notícia**; (quais valores-notícia estão presentes no texto); **Gancho** (por que motivo aquele matéria está sendo veiculada); **Gênero** (em qual gênero narrativo pode ser enquadrada); **Tempo** (qual a referência temporal citada na matéria); **Lugar** (qual a referência de espaço a qual o texto se refere); **Tema** (qual é o segmento cultural contido no texto). São as informações alcançadas a partir dessa organização que serão apresentadas.

3.2 Valores-notícia apurados: parâmetros de tempo e espaço

Mesmo entendendo que os critérios de noticiabilidade não são compostos apenas pelos valores-notícia, mas sim por todos os fatores que podem influir no processo de produção do texto jornalístico (SILVA, 2005), eles foram por selecionados por se mostrarem um dos conceitos fundamentais na rotinização desse trabalho, tornando-o possível de ser executado. Como discutimos no capítulo anterior, os valores-notícia são essenciais na socialização profissional e prática dos jornalistas (HALL et al., 1993), que devem selecionar, entre tudo o que acontece, apenas alguns eventos. Esses elementos são naturalizados ao longo do exercício de sua função, atuando como estruturas ocultas que pressupõem um conhecimento consensual sobre o mundo (TRAVANCAS, 2010). Eles podem ser vistos como “mapas culturais” que formam um código particular de entendimento da realidade e que orienta o trabalho desses profissionais, como aponta Silva (2005), baseada em Hall et al. (1993).

Na leitura do caderno *Cultura*, escolhemos para a análise dos textos valores-notícia substantivos de seleção, de acordo com a classificação de Mauro Wolf (2008) seguida pelo português Nelson Traquina (2008). Isso porque apontam as características próprias do fato, intrínsecas a ele, e não fatores externos. Na tarefa de identificar os critérios substantivos de seleção presentes no suplemento, recorreremos à categorização proposta por Traquina (2008)²² por considerá-la um agrupamento sintético, que indica os principais valores substantivos

²² Para relembrar, os critérios substantivos de seleção propostos por Traquina (2008) são: morte; notoriedade; proximidade; tempo (novidade/atualidade, efeméride, continuidade); notabilidade; inesperado; conflito ou controvérsia; infração, valor ligado ao escândalo.

normalmente utilizados, separando-os dos contextuais e de construção²³. Identificamos, ao todo, 927 valores-notícia no *Cultura* em 2010. O número extrapola a marca total dos 422 textos, uma vez que a maioria deles continha mais de um valor-notícia²⁴. As informações encontradas estão representadas no seguinte gráfico:

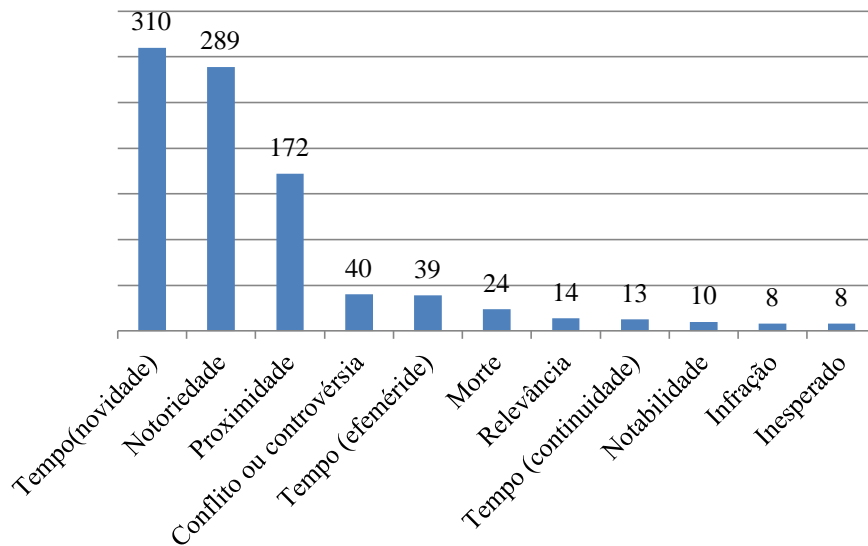


Gráfico 1 – Valores-notícia mais frequentes no suplemento *Cultura* durante o ano de 2010, em números absolutos, de um total de 421 textos.

Para acompanhar os resultados sobre os valores-notícia, realizamos o levantamento dos ganchos dos textos, ou seja, a razão jornalística que justificou sua publicação. O gráfico abaixo mostra a representatividade alcançada pelas categorias:

²³ Os valores-notícia de construção propostos por Traquina (2008) são a simplificação, a amplificação, a relevância, a personalização, a dramatização, e a consonância. Os critérios contextuais apontados pelo autor português são a disponibilidade, o equilíbrio, a visualidade, a concorrência e o dia noticioso.

²⁴ O único que ficou de fora dessa análise foi o conto “Ltoloxa”, de Olavo Amaral, publicado em 13 de fevereiro. Assim como Cardoso (2009), entendemos que a simples presença de um texto literário diz mais sobre a publicação e seu entendimento de cultura do que sua possível classificação, por isso escolhemos deixá-lo de fora. Encontramos outros textos ficcionais no caderno, mas eles foram considerados na análise dos valores-notícia por estarem inseridos em um contexto que justificou sua publicação naquele momento, diferente do conto de Amaral, que não tinha um gancho explícito.

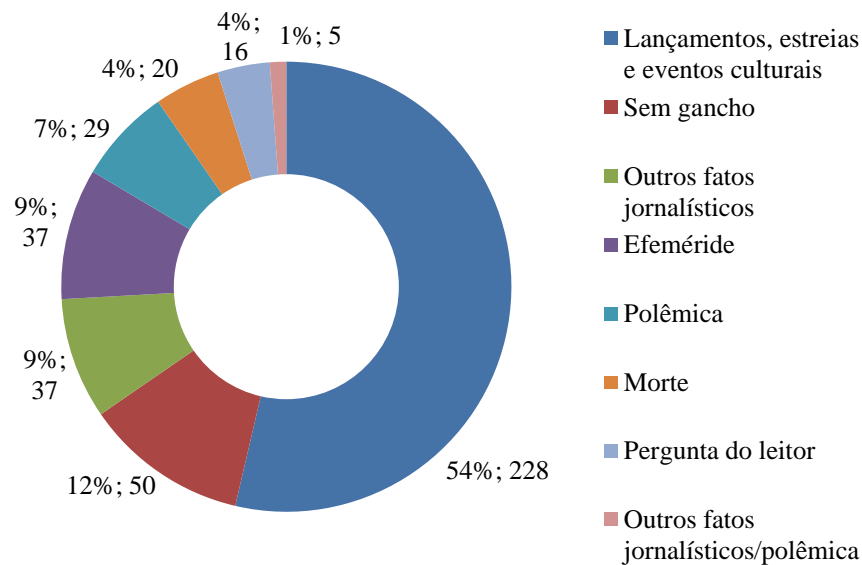


Gráfico 2 – Ganchos jornalísticos²⁵ identificados no suplemento semanal *Cultura* em 2010, em porcentagem e número absoluto, de um total de 422 textos.

A imagem demonstra que os ganchos mais frequentes nos textos do caderno *Cultura* estão ligados a um fator bastante caro ao campo jornalístico, o tempo. A seguir veremos a forma como a publicação utiliza esse elemento como critério para selecionar suas pautas. Combinamos ganchos com valores-notícia por entendermos que os dois fatores estão relacionados: o primeiro explicita a justificativa para a publicação de um assunto em determinado momento, enquanto o segundo faz parte das rotinas produtivas do trabalho jornalístico.

3.2.1 A prioridade do tempo: novidade, continuidade e efeméride

As proporções alcançadas nas duas análises mostram que o valor tempo permeia um grande número de textos, podendo aparecer de diferentes formas. De modo mais recorrente, temos a valorização da novidade dos fatos, característica que acompanha o jornalismo desde seu surgimento. Franciscato (2005) considera a atualidade umas das razões de ser do

²⁵ A categoria denominada *Outros fatos jornalísticos* refere-se a acontecimentos jornalísticos situados fora do campo de cobertura da editoria e que serviram de gancho para discussões apresentadas no caderno *Cultura*.

jornalismo, um dos elementos principais da noticiabilidade e um aspecto fundamental para a profissão, visto que as notícias teriam surgido para prover a sociedade com o relato de acontecimentos mais recentes que fossem relevantes para um grande número de pessoas. Para o autor, o jornalismo tem alguns compromissos sociais que fazem parte de sua imagem como instituição pública; um deles seria o de corresponder à expectativa social pela novidade.

Mesmo tendo uma lógica diferenciada do jornalismo diário, com maior liberdade em relação ao tempo, o caderno semanal *Cultura* seguiu a busca pelo novo, ainda que a atualidade às vezes tenha servido de gancho para se discutir outros aspectos ligados a um fato, atualizando a abordagem e justificando sua publicação naquele momento. O valor do tempo no sentido da novidade foi o mais encontrado, com 310 ocorrências, como mostra o gráfico.

De modo explícito, notamos esse valor em matérias referentes aos últimos acontecimentos da área da cultura, como lançamentos, estreias, shows, espetáculos, exposições e demais eventos, que serviram de gancho para 54% dos textos. Quando fizemos o levantamento das referências temporais mais recorrentes²⁶, os resultados corroboraram os atingidos com os valores-notícia. O gráfico demonstra as proporções alcançadas pelas referências temporais, expondo a predominância absoluta do tempo presente.

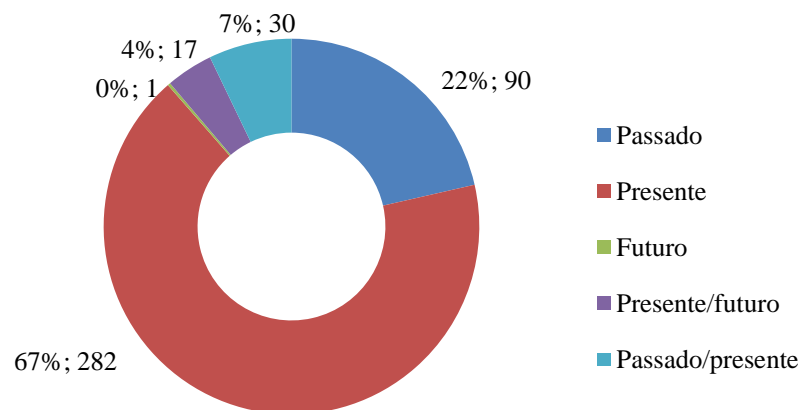


Gráfico 3 – Referências temporais mais frequentes no suplemento *Cultura* em 2010, em porcentagem e número absoluto, de um total de 420 textos

²⁶ Identificar as referências de tempo presentes nos textos do caderno *Cultura* em 2010 foi mais uma de nossas preocupações na tentativa de compreender os parâmetros de interpretação do sistema cultural. Para sistematizar as referências temporais, utilizamos três categorias principais: a) Passado; b) Presente; c) Futuro. Consideramos um total de 420 textos, já que dois deles não apresentaram indicações do tipo (o conto “Ltoloxa”, de Olavo Amaral, e o “Poema à Boca Fechada”, de José Saramago).

Os textos que utilizaram uma perspectiva situada no presente apareceram de duas formas. Em uma delas eles são escritos predominantemente a partir da atualidade, categoria que denominamos apenas como *Presente* e que representou de 67% do total de indicações. Exemplo dessa situação é “Acreditar ou não na arte”, de 2 de outubro, escrito pelo artista plástico e professor da UFRGS Eduardo Vieira da Cunha, que aborda um fato ocorrido na 29ª Bienal de São Paulo, em 2010. Duas obras receberam pedido de interdição, uma do artista brasileiro Gil Vicente, por apologia ao crime, e outra do argentino Roberto Jacoby, por crime eleitoral. O artigo usa como gancho esses acontecimentos para discutir a relação entre a arte, a realidade e a ficção. A outra forma de registro das referências temporais ligadas ao presente envolveu textos que o mesclaram com o tempo futuro. Na verdade, essa visão, uma perspectiva projetada para um tempo que ainda está por vir, não é frequente na amostra. A categoria *Presente/futuro* foi aplicada a 4% do conteúdo. Em todo o período, apenas um dos títulos fez referência somente ao futuro: uma notícia sobre o novo livro de Mario Vargas Llosa, *O Sonho do Celta*, na edição temática sobre o escritor, em 9 de outubro. Nela ficamos sabendo a data em que a obra seria colocada à venda nos países de língua espanhola, além de informações sobre seu contexto de produção.

O editor do caderno *Cultura*, Luiz Antônio Araujo, não vê a presença do futuro como algo específico do suplemento, mas uma preocupação do jornal como um todo:

O jornal de uma maneira geral está preocupado com isso. Tu vais encontrar isso na economia, tu vais encontrar na geral, na editoria de mundo, na editoria de esportes, na editoria de cultura. O *Cultura* fez, ao longo dos últimos tempos, [...] algumas edições consagradas a algo que poderia ser chamado de tendências. Seja um material sobre leitura digital, sobre as perspectivas da Internet, da sociedade em rede... Vários aspectos ligados à criação artística neste novo ambiente, ligados à educação. São coisas que de alguma forma passaram pelo *Cultura*, mas não acredito que seja uma coisa exclusiva do *Cultura*, está no jornal como um todo. (ARAÚJO, 2012)

De fato, o caderno parece não apresentar uma preocupação especial com o futuro. Na análise do suplemento ainda encontramos outra referência temporal, que se mostrou a segunda mais frequente: o *Passado*, que está em 22% dos textos. No caderno, alguns textos, mesmo tendo como gancho um evento atual, como um lançamento editorial ou uma estreia cinematográfica, podem ser escritos em uma perspectiva de memória²⁷. Um exemplo é o registro da morte de alguém notório na cena cultural. Embora o falecimento tenha sido

²⁷ Em situações como essa, se apenas o gancho estivesse situado na atualidade, mas toda a perspectiva do texto fosse baseada no passado, foi considerada essa última referência de tempo.

recente, o tom da matéria será a memória, pois recuará nos anos para resgatar aspectos importantes da vida da pessoa. Também está presente em textos mais históricos, como “Apesar dos porões” (30 de janeiro). Escrito pela mestre em História Taiara Souto Alves, é uma resenha do livro de James N. Green que analisa a atuação de grupos norte-americanos contra a ditadura militar no Brasil, contrários ao apoio dado pelos EUA ao golpe de 1964.

O caderno, assim, mostra que está ligado ao que é atual, sem perder o viés histórico. Conhecê-lo seria um passo importante para o aperfeiçoamento intelectual. Segundo o editor do suplemento, é importante oferecer ao público uma contextualização dos fatos:

Eu acho que o jornal – outra coisa é a gente discutir se ele consegue ou não fazer isso – [...] procura mostrar o que aconteceu, colocar as coisas em perspectiva, ele procura contextualizar. O que eu acho que é a grande vantagem do *Cultura* é que como o passado, para o leitor do *Cultura*, é uma coisa totalmente presentificada, digamos, seja na obra que continua sendo reeditada, seja nos problemas que continuam sendo tratados, que continuam sendo analisados. Eu acho que para o leitor do *Cultura* é uma coisa mais natural. O grande desafio é tentar encontrar formas novas de abordar esses temas, tentar recuperar o que talvez tenha sido jogado para baixo do tapete, tentar mostrar um ângulo novo de alguma história. (ARAUJO, 2012)

Essas informações fornecem indícios para entender como o *Cultura* lida com a tensão entre o passado, o presente e o futuro, algo recorrente nos suplementos culturais. A relação entre as três instâncias temporais é algo que a cultura comporta, conforme Araujo.

Eu não posso descartar alguma coisa em termos de cultura porque isso é velho. Assim como não posso descartar alguma coisa porque isso não é para agora, é para daqui a alguns anos. Eu acho que a cultura apóia essa diferença temporal entre essas várias instâncias. (ARAUJO, 2012)

Outros fatos jornalísticos recentes, situados fora da extensão temática tradicional da cultura, também foram abordados pelo caderno no período estudado. São eventos que tiveram repercussão na mídia e que foram tratados pelo suplemento semanal de uma forma mais aprofundada, beneficiados pelo seu tempo mais extenso de produção e justificando a entrada de temas culturais menos tradicionais.

Vimos que, apesar de valorizar a atualidade dos fatos sobre os quais fala, o *Cultura* tem liberdade para escolher temas que não estejam, necessariamente, ancorados no presente. Eles estão representados pelo grupo *Sem gancho* que, como o nome sugere, concentra publicações que não apresentaram gancho jornalístico aparente. É o caso de “Porto Alegre Social Club” (27 de fevereiro), sobre músicas e cantores que fizeram sucesso na noite da

capital nos anos 1950 e 1960; ou o perfil de Albert Göring (“O Göring esquecido”, 20 de março), irmão do marechal nazista Hermann Göring. Albert foi responsável por salvar a vida de centenas de judeus durante o Holocausto. Mesmo baseados em critérios de noticiabilidade como a proximidade, no primeiro caso, e a notoriedade, no segundo, os textos não se preocupam em explicitar algum fato que os justifique, ou que os relacione a uma discussão atual. Da mesma forma, a prática indica algumas condições de produção, como artigos sugeridos e enviados por colaboradores, material de agência e aqueles textos que ficam prontos, na gaveta, esperando um momento oportuno para publicação.

O tempo também pode aparecer no suplemento não no sentido da atualidade, da memória ou do futuro, mas como continuidade. Segundo Traquina (2008, p.82), esse valor é aplicado quando “um assunto ganha noticiabilidade e permanece como assunto com valor-notícia durante um tempo mais dilatado”. Esse grupo não foi tão frequente na análise, mas pôde ser acompanhado no desenrolar de algumas discussões. Está alicerçado na polêmica, que ao gerar reações e respostas a artigos publicados, favorece sua continuidade como pauta. Podemos citar como exemplo os textos que fomentam as discussões sobre a construção de uma nova sede para a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Osipa), que completou 60 anos em 2010. A Osipa é a segunda orquestra mais antiga em atividade ininterrupta no Brasil, perdendo apenas para a de Recife (PE). Em 1965 foi transformada em fundação e encampada pelo governo estadual, tendo sempre desenvolvido um trabalho fundamental na disseminação da música clássica.

Mesmo estando em atividade desde 1950, a Osipa até hoje não tem sede própria, fato que levou diversas personalidades do sistema cultural local a se manifestarem em favor da orquestra. O impacto que o tema produz sobre os agentes da comunidade gera a continuidade das discussões. Depois da reportagem “Impasses no aniversário” (de Fábio Prikkladnicki, em 20 de novembro), na qual foram abordados pontos de conflito envolvendo a Osipa – como a saída do diretor e regente Isaac Karabtchevsky, o baixo orçamento e a falta de um bom lugar para ensaios –, outros textos foram sendo publicados. No contexto cultural gaúcho, os assuntos relacionados à Osipa foram notícia uma vez e, devido à relevância das discussões para a comunidade, continuaram a ser pauta do caderno por um período mais extenso. A tradição dos suplementos culturais como espaços de debates e troca de ideias foi forjada historicamente a partir deste diálogo constante entre intelectuais.

O valor tempo está presente ainda na efeméride (o gancho na atualidade em função de um fato ter ocorrido naquele mesmo dia/mês/ano em algum momento do passado), que está

entre os cinco critérios mais identificados, com representatividade equivalente a 4,2%. Foi o terceiro entre os ganchos, ao lado da categoria *Outros fatos jornalísticos*. Geralmente, são lembradas pelo suplemento datas relativas aos temas tradicionais da cultura, como aniversários de morte e nascimento de artistas e escritores, aniversários de lançamentos de obras literárias etc., que podem se referir tanto ao cenário local quanto à movimentação nacional e internacional. Datas históricas também são lembradas, como independências de países ou regiões, revoluções, entre outras. Como exemplo, citamos a cobertura da passagem dos 100 anos da morte do abolicionista Joaquim Nabuco, em janeiro; ou quando foi comemorado o aniversário de 50 anos de Brasília (DF), em abril. Em outubro foi retratada a passagem dos 60 anos da Revolução de 1930, que rendeu uma edição temática sobre o assunto; em novembro, os 60 anos da Ospa e os 100 anos de nascimento de Rachel de Queiroz. Além de marcarem momentos importantes para o jornalismo cultural, as efemérides são um eficiente recurso editorial para um suplemento com tempo maior de produção. Por serem programados, possibilitam à equipe um planejamento mais bem elaborado e um tempo maior para organização e edição. Luiz Antônio Araujo cita essas datas marcantes como um dos elementos que podem ser antecipados em uma preparação das edições.

Há uma grande preocupação em procurar racionalizar, organizar e antecipar o que for possível em todas as áreas. No caso da área de cultura, que é uma área muito focada em agenda e também em efemérides, na medida em que há alguns marcos da cultura, os marcos do nascimento e da morte dos grandes autores, dos grandes artistas, os grandes momentos da história, da história cultural, da história política, do comportamento, as grandes obras, isso de alguma maneira nos permite entrar um ano como é este ano de 2012 pensando em efemérides como os 50 anos da publicação do último volume de *O Tempo e o Vento*, que foi *O Arquipélago*, publicado em 1962. (ARAUJO, 2012)

Em muitos dos textos cujo gancho é uma data desse tipo, a narrativa acaba apresentando um tom mais ligado à memória, já que tende a resgatar aspectos sobre a data que se lembra naquele instante, situada em algum momento do passado. Mesmo ancorada no tempo presente, a efeméride é um critério relacionado ao passado, que permite um apelo à memória por parte do suplemento.

3.2.2 Notoriedade como critério de seleção

Ligada à efeméride está a notoriedade dos sujeitos, elemento que se mostrou essencial para o *Cultura*. A publicação tende a valorizar indivíduos que já alcançaram um reconhecimento em seus respectivos campos, reforçando o prestígio que os envolve. Em nosso levantamento, a notoriedade ficou atrás apenas da novidade. Ela pode se referir à pessoa que escreve o texto, no caso dos colunistas e colaboradores, às personalidades que aparecem como tema das matérias ou ainda em função do lançamento de algum produto cultural que ganha espaço pelo interesse no seu autor. Na resenha de um livro recém-lançado, por exemplo, a notoriedade do escritor pode influir de modo decisivo na escolha. O lançamento, no Brasil, do novo romance do Nobel de Literatura J. M. Coetzee dificilmente não seria pauta, pela relevância do autor no cenário literário internacional. Da mesma forma, um livro de memórias de infância de Ana Luisa Escorel, filha de dois dos maiores intelectuais brasileiros, Antonio Candido e Gilda de Mello e Souza, tem grandes chances de ser escolhido como tema. O registro de eventos como o aniversário de 80 anos do ator e diretor norte-americano Clint Eastwood ou a passagem do teórico britânico Terry Eagleton por Porto Alegre também estão entre os textos permeados pela notoriedade dos envolvidos.

Além de acompanhar a tendência do jornalismo cultural em valorizar o autor/artista, a presença significativa da notoriedade entre os critérios de noticiabilidade do caderno segue um princípio do jornalismo como um todo. Para a mídia, algumas pessoas são tão notáveis que apenas por aparecerem ou por dizerem alguma coisa já ganham espaço no jornal. Gomis (1991) atenta justamente para isso, as aparições comuns no jornalismo: a presença de pessoas conhecidas do público que aparecem ao terem seu comentário transformado em notícia. Além disso, o autor destaca os deslocamentos, eventos tipicamente noticiados pelo jornalismo cultural, como estreias, inaugurações, premiações. São situações nas quais muitas pessoas conhecidas se reúnem, provocando o deslocamento, e onde se tem aparições, já que ali estão presentes personalidades que se destacam no cenário cultural, como o diretor de uma peça teatral, o autor de um livro, um ator ou uma atriz, entre outros.

3.2.3 Proximidade geográfica ou cultural

Quando seleciona as pautas que terão espaço no jornal, sabe-se que *Zero Hora* preza a publicação de acontecimentos ocorridos no Rio Grande do Sul ou que afetem de alguma maneira o estado, estratégia comum à maioria dos jornais, que priorizam fatos próximos geográfica e/ou culturalmente de sua área de cobertura. Ângela Felippi (2008) percebeu um critério de noticiabilidade particular do jornal a partir de entrevistas com profissionais atuantes em ZH e da observação das rotinas produtivas, o localismo. Esse seria o principal valor da linha editorial:

Segundo esses jornalistas, o jornal busca, por meio desse valor-notícia considerado um dos mais determinantes na escolha dos assuntos a serem noticiados, dar conta dos interesses de seu público, os nascidos ou habitantes do espaço físico circunscrito no Rio Grande do Sul, fazendo com que os mesmos tomem conhecimento dos fatos ocorridos no estado ou relacionados a ele, os vejam no jornal, se vejam ou vejam os seus próximos. O critério se aproxima de valores-notícia tradicionais do jornalismo, como “proximidade” e “interesse”, mas é distinto, constituído na prática no jornal e que o marca. De acordo com as entrevistas, podemos entender que se enquadram no critério do “localismo” tanto os acontecimentos que têm como cenário a região de cobertura do jornal, o Rio Grande do Sul, como os que estão relacionados ao estado, mas não necessariamente ocorrem dentro de seu território físico e os que envolvem pessoas nascidas (gaúchos) ou que de alguma forma são consideradas do Rio Grande do Sul. (FELIPPI, 2008, p.65)

O localismo é uma estratégia geral de ZH que perpassa seus cadernos. O *Cultura*, sempre que possível, também busca enfatizar aspectos relacionados ao RS. Curiosamente, no levantamento dos critérios de seleção das pautas, a proximidade (seja ela cultural ou geográfica) foi o terceiro valor-notícia mais encontrado, e não o primeiro, como poderia ser esperado. A proximidade geográfica está presente em textos que fazem referência a eventos ou situações que acontecem na área de abrangência do estado do Rio Grande do Sul e/ou a capital Porto Alegre. Um exemplo que carrega sentido de proximidade física é “No coração do mapa” (24 de julho), que apresenta o livro *Rua da Praia – um passeio no tempo* (editora Libretos), dos gaúchos Rafael Guimaraens, Marco Nedeff e Edgar Vasques. O livro retrata um passeio por toda a Rua dos Andradas, no Centro de Porto Alegre, uma das mais famosas da cidade, da Usina do Gasômetro à esquina com a rua Senhor dos Passos.

Já a proximidade cultural se refere a passagens que, mesmo não tratando especificamente sobre eventos ocorridos no estado, estão ali por terem algum tipo de vínculo regional, típico recurso de *Zero Hora*. É o caso da entrevista com a psiquiatra Miriam Tetelbom que acompanha o texto “O retorno do medo dos céus”, de 2 de janeiro, que partiu de uma tentativa de explosão pelo grupo terrorista Al-Qaeda de um avião que ia de Amsterdã (Holanda) para Detroit (EUA), em 25 de dezembro de 2009, e que serviu de gancho para discutir os temores da população norte-americana. Em “Nova York mudou” ela, que mora desde 2000 na cidade, fala do trabalho com pacientes traumatizados pelos acontecimentos do 11 de setembro. Sua presença ali se justifica por ela ser gaúcha e morar no local da tragédia, aproximando o leitor da realidade estrangeira pela origem regional da entrevistada.

Para Felippi (2008), enfatizar seu local de atuação, buscando leitores com um apelo aos aspectos identitários e de pertencimento, é um caminho de mercado e de captação de leitores escolhido por ZH. Esse público está diretamente relacionado aos valores-notícia e sua aplicação por um determinado jornal. Guerra (2004) defende que eles revelam a expectativa da audiência para o jornalista, funcionando como uma idealização do leitor e fazendo com que os profissionais se esforcem para adequar as informações aos seus interesses presumidos. Como uma empresa em busca do lucro e de uma maior clientela, *Zero Hora* ancora-se no apelo ao local também para suprir as expectativas de sua audiência, procurando deixá-la mais ligada aos seus produtos ao utilizar uma estratégia de identificação.

Quando procuramos as referências espaciais presentes nos temas abordados pelo *Cultura*²⁸, porém, não encontramos a perspectiva regional como predominante, e sim uma tendência em escolher como pauta assuntos forâneos, como mostra o gráfico:

²⁸ Foram três os grupos a partir dos quais os classificamos: a) Regional (textos relativos a Porto Alegre e ao RS); b) Nacional (estados brasileiros menos o RS); c) Internacional (outros países que não o Brasil). No levantamento sobre as referências espaciais identificadas na análise das edições de 2010 do caderno *Cultura*, assim como fizemos ao buscar as indicações temporais, tentamos encontrar qual foi a predominante em cada texto. Em algumas situações, textos contiveram mais de uma indicação de tempo ou espaço sem que uma predominasse sobre a outra. Quando isso aconteceu, criamos uma nova categoria que abarcasse as duas. Mais uma vez ficaram de fora o conto de Olavo Amaral e o poema de José Saramago, por não terem indicação de espaço, assim como um artigo publicado em 2 de novembro, por ocasião do 54º Congresso Mundial da Federação Internacional para Habitação e Planejamento. De autoria do professor Marcio Rosa D’Ávila, o texto “Em busca do equilíbrio” não especificou nenhum território ao falar sobre sustentabilidade, impactos ambientais e o papel da gestão pública no combate à degradação ambiental.

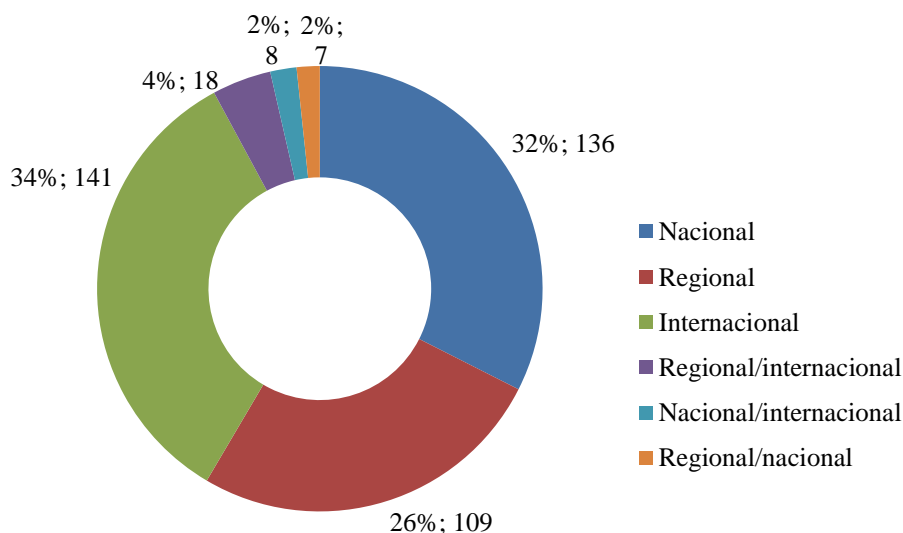


Gráfico 4 – Referências espaciais mais frequentes no suplemento *Cultura* em 2010, em porcentagem e número absoluto, de um total de 419 textos.

A categoria *Internacional* alcançou uma representatividade expressiva na amostra, 34%. A maior parte desses textos é escrita a partir de uma perspectiva regional, por quem atua profissionalmente no Rio Grande do Sul e tece suas discussões a partir desse lugar. Mesmo assim, os números indicam ao menos uma tentativa de aproximação com temas e debates que extrapolam as fronteiras do estado e do país, e que poderiam estar presentes em outro caderno de mesmo perfil. Entre os textos classificados como de temática internacional, temos o artigo escrito pelo desembargador Romeu Marques Ribeiro Filho, doutorando em direito por uma universidade de Buenos Aires, sobre o bicentenário de independência da Argentina (“Que linda que has de estar”, 22 de maio). Na passagem dos 65 anos do bombardeio norte-americano contra a cidade japonesa de Hiroshima, um texto de Ronald Bergan, do *The Guardian*, trouxe à tona a recusa da indústria cinematográfica de Hollywood em retratar o evento nos filmes que produz (“Por que Hollywood ignora Hiroshima”, em 21 de agosto).

Com uma proporção bem próxima da categoria *Internacional*, encontramos o grupo *Nacional*, que abarca os estados brasileiros. A maioria dos textos assim classificados, com algumas exceções, refere-se ao Brasil como um todo, e não a algum lugar específico. Essa característica é comentada pelo editor do caderno:

O que o *Cultura* não vai conseguir fazer, por exemplo, é discutir a fundo o forró eletrônico. O *Cultura* não vai discutir a fundo as letras das músicas dos novos blocos de carnaval do Rio de Janeiro. O *Cultura* dificilmente vai ser

um espaço para fazer um grande debate sobre Carnaval. [...]. Talvez esse seja um espaço para fazer um grande debate sobre o 20 de setembro. Tomara que ele consiga. (ARAUJO, 2012)

Um exemplo de abordagem dos temas nacionais é a entrevista com a antropóloga e historiadora Lilia Moritz Schwarcz que, junto com seu marido, é proprietária da editoria *Cia das Letras*. Em “Todo brasileiro se sente uma ilha de democracia racial cercada de racistas”, de 4 de setembro, entrevistada por Araujo, ela falou sobre história e identidade nacional a partir do tema das raças. Um texto de temática nacional focado em um local específico é “Entrevista com o Vampiro” (3 de abril), sobre a polêmica envolvendo os escritores paranaenses Miguel Sanches Neto e Dalton Trevisan. Sanches Neto, outrora discípulo de Trevisan, tinha há pouco publicado o livro *Chá das Cinco com o Vampiro*, obra na qual teria retratado satiricamente Trevisan e outras figuras da cena literária de Curitiba (PR).

A tensão entre o local e as referências a outros espaços é vista pelo editor do suplemento como algo inerente ao próprio estado do Rio Grande do Sul. Essas relações acabariam refletidas no *Cultura*. Mesmo assim, ele ressalta o compromisso com o regional.

É uma tensão eu acho que está muito ligada com a própria natureza do caderno. Eu acho que é muito difícil no Rio Grande do Sul, um estado de fronteira, com uma imensa comunidade imigrante de vários pontos do mundo, pensar na cultura em termos estritamente locais. [...]. E acho que vai continuar sendo assim, mas a ideia é que o centro de gravidade do caderno seja o local. (ARAUJO, 2012)

Apesar de ter aparecido somente em terceiro em representatividade, os temas regionais ocuparam boa parte das preocupações do suplemento. O gancho no local é um dos aspectos centrais da publicação. Um exemplo de texto incluído na categoria *Regional* é o que o jornalista Eduardo Veras produziu sobre as fontes de arte, esculturas e chafarizes feitos de ferro fundido importados da região de Haute-Marne, na França, para o Rio Grande do Sul no fim do século XIX (“Relíquias em ferro fundido”, 2 de janeiro). Curiosamente, muitas dessas peças, espalhadas por Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas, sumiram de forma misteriosa do cenário das cidades. O gancho foi um livro que seria lançado na semana seguinte, escrito por José Francisco Alves, especialista em arte pública, que rastreou as peças que se espalharam por esses locais. Até o futebol, aspecto presente no imaginário sobre a cultura gaúcha, foi abordado, com a rivalidade entre os dois times mais tradicionais do estado, Grêmio e Internacional. No mesmo dia em que o professor da USP Jean Lauand escreveu a respeito dos significados das expressões contidas nos hinos dos times brasileiros (“O passado que o

futebol canta”, 23 de outubro), os escritores gaúchos Cláudia Tajes e Fabrício Carpinejar falaram sobre as canções gremista e colorada.

Além das categorias principais, por vezes encontramos a combinação entre duas indicações de tempo. Dessa forma temos os grupos *Regional/Internacional*, *Regional/Nacional* e *Nacional/Internacional*, que juntos somam 8%, percentual bem menos significativo. Os resultados alcançados com a análise das referências espaciais encontradas mostram que há uma ênfase em assuntos forâneos, temas e discussões presentes em países estrangeiros. Ao mesmo tempo, o caderno busca apresentar temas próximos, tendo no regional uma referência que guia sua produção. Ao comentar essas relações, o editor enxerga uma relação estreita entre as duas indicações de espaço, especialmente no Rio Grande do Sul.

Wilson Martins dizia que tem duas grandes vertentes na literatura gaúcha, e eu acho que a gente poderia estender essa reflexão para cultura gaúcha: um tema é o local e o outro é o universal. Então é por isso que o Dyonélio Machado escreveu, por exemplo, um romance que se passava na Grécia. [...] inclusive o Erico [*Verissimo*] tem um romance que se passa em um país imaginário do Caribe. (ARAÚJO, 2012)

Nos assuntos considerados de âmbito nacional, devemos considerar que parte dos textos envolvidos por essa categoria eram pequenas notas sobre lançamentos editoriais do mercado brasileiro que o suplemento escolheu para destacar, contendo informações mínimas sobre as obras. Outra de suas características é que, mesmo tratando de assuntos relativos aos demais estados do Brasil e a diferentes países, a publicação tem dificuldade em trazer vozes que não sejam regionais para debater os temas, colocando-se como um veículo feito por gaúchos, para os gaúchos.

3.2.4 A morte e a vida de sujeitos célebres

A morte é um valor-notícia fundamental para os jornalistas (TRAQUINA, 2008). Especialmente quando envolve alguém célebre, esse acontecimento sempre terá grandes chances de ser transformado em notícia. Beatriz Marocco (2011) lembra que os jornais brasileiros tendem a não publicar a morte de pessoas de destaque no meio social na sessão de obituários, e sim como um perfil na editoria que combine melhor com sua trajetória. O *Cultura* segue essa tendência, dando espaço à morte em textos mais longos, principalmente na

forma de perfil, que lembrem aspectos da vida pessoal e profissional de indivíduos que tiveram reconhecimento no campo cultural. No processo de relatar a morte de alguém, o jornalista entra em uma “aventura narrativa”, como denomina Vogel (2011, p.3), “um encadeamento ou um desencadeamento, que constitui em si um arquivo de imagens e de memórias do morrer”. A cada vez que faz o registro da movimentação do campo, o jornalismo cultural, além de constituir uma fonte de referência sobre a morte de seus agentes, constrói a memória que se tem sobre eles.

A morte no caderno *Cultura* aparece principalmente no registro do falecimento de pessoas célebres no campo. Em 2010 passaram pelas suas páginas as mortes do diretor de cinema francês Eric Rohmer, do escritor norte-americano J. D. Salinger, do crítico literário Wilson Martins, do escritor português José Saramago, entre outros. Foi o sexto valor-notícia mais recorrente. Entre os ganchos jornalísticos, ficou na quinta colocação, empatado em proporção com o grupo *Pergunta do Leitor*, que apareceu especialmente na coluna *O Prazer das Palavras*, de Claudio Moreno.

Compartilhamos da ideia de Lorenzo Gomis (1991), que considera a morte como um tipo de aparição. Segundo ele, quando alguém conhecido morre, é como se os jornais o apresentassem novamente ao público, explicando sua história, sua vida e sua obra. Assim, mesmo aqueles de quem não se falava há anos na mídia, aparecem de forma triunfante nesse momento. Ao falar da morte, o jornalismo enfoca narrativamente a vida. Notamos esse tipo de abordagem, cuja intensidade varia de acordo com a notoriedade da pessoa em questão, no *Cultura*. Quando da morte de José Saramago, por exemplo, o suplemento dedicou uma edição inteira a ele, reeditando uma entrevista feita com o escritor, publicando depoimentos sobre sua obra e passagens pelo Brasil, além de poema de sua autoria, na contracapa. “É o momento propício para que aqueles que o conheceram – ainda que através dos meios – o recordem e talvez chorem, e os que não o conheciam saibam quem foi e o que fez, e entre assim, no último momento, em seu registro de personagens conhecidos” (GOMIS, 1991, p.127, tradução nossa).

Mais do que uma aparição, a morte no jornalismo cultural surge como uma celebração em que se exalta e se resgata a trajetória do morto, especialmente se é alguém notório para o público e que tenha deixado um importante legado. Para Fonseca e Vieira (2011), a vida de alguém é um acontecimento jornalístico desde que seja apreendida pelo jornalista e pela instituição na qual ele trabalha como algo importante para a compreensão da realidade. Ao terem suas vidas biografadas, esses sujeitos “são apresentados ao público não como uma

reinvenção, mas com um novo significado, com outra possibilidade de compreensão e registro de memória e de valor de sua trajetória” (FONSECA; VIEIRA, 2011, p.127). Veremos mais adiante que o jornalismo cultural está muito baseado no critério da personalização, enfatizando nos fatos elementos ligados aos sujeitos. De forma geral, ao fazer o resgate de suas vidas, o jornalismo acentua os aspectos positivos ligados às suas trajetórias, celebrizando as mortes como acontecimento jornalístico importante.

3.2.5 Valores ligados à negatividade: conflito, controvérsia, infração

No capítulo anterior, vimos que o jornalismo cultural costuma abordar os acontecimentos de que trata a partir de uma perspectiva positiva, apresentando de forma reduzida valores-notícia comuns a outras editorias, mais ligados à negatividade. A análise das edições de 2010 do suplemento *Cultura* mostrou que, mesmo presentes, critérios como conflito, controvérsia e infração não são uma de suas preocupações específicas. Na carta ao leitor escrita por Marcelo Rech e publicada em 1998 em *Zero Hora*, o então diretor de redação afirmou que o suplemento seria “a única válvula de escape na imprensa diária do Estado para apresentar controvérsias e mergulhar nas grandes questões do pensamento mundial”, e ainda que o *Cultura* abriria “espaço para o rico embate de ideias”. Notamos certa discordância entre o que o suplemento deveria oferecer ao leitor e o que de fato faz, já que o discurso apresentado foi de que o veículo seria um espaço para, principalmente, apresentar a controvérsia e promover o debate sobre as grandes questões do pensamento.

Se comparados com a infração, conflito e controvérsia tiveram presença mais relevante no *corpus* analisado, ficando em quarto lugar entre os valores-notícia. Mesmo assim, sua representatividade foi de apenas 4,31% do total de valores encontrados. A infração, embora presente, foi um dos menos identificados, representando 0,86%. Os dois grupos estão relacionados com o gancho *Polêmica* que, quando é contínua no caderno por meio de artigos publicados em resposta a outros anteriores, ajuda a construir um diálogo entre os colaboradores. Para o editor Luiz Antônio Araujo, a polêmica é um aspecto que deve ser trabalhado para não ser apresentado de forma gratuita.

Eu te confesso que eu acho que a polêmica tem que estar no caderno, mas ela tem que ser editada também, ela tem que estar de uma forma qualificada, ela tem que acrescentar alguma coisa. Eu acho que a polêmica no caderno

Cultura não pode ser a polêmica de simplesmente “o que pensa fulano e o que pensa cicrano”. Ela tem que ser tratada de uma forma inovadora. (ARAUJO, 2012)

A presença da polêmica e de temas ligados à negatividade ainda pode ser relativizada pelo seguinte contexto: 2010 no Rio Grande do Sul foi o último ano do mandato da então secretária estadual da Cultura Mônica Leal, e muitas eram as questões discutidas sobre a pasta naquele momento. Algumas apontavam para uma crise no setor, influenciada pelo fechamento da Sala de Cinema Norberto Lubisco, na Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre, e pela demissão do historiador Voltaire Schilling da direção do Memorial do Rio Grande do Sul; outras indicavam as expectativas para o novo ocupante do cargo. A edição de 6 de março apresentou algumas discussões, com a matéria principal “Para onde vai a Sedac?”, que discorreu sobre o presente da pasta e seus rumos. Os ex-secretários Carlos Appel e Luiz Marques participaram como fontes. Entre os pontos negativos apontados por eles estavam o baixo orçamento destinado à área, a necessidade de criação de uma nova Biblioteca Pública, o fato de não haver uma política cultural pública no estado e o descaso do governo com o setor. No texto de Daniel Feix foi lembrada até a polêmica envolvendo o ex-secretário Roque Jacoby, acusado de fraude na Lei de Incentivo à Cultura. Feix considerou não haver tantas cobranças dirigidas à pasta desde a posse da então governadora Yeda Crusius, quando houve rumores de que ela extinguiria a secretaria.

Já a infração foi representada por pautas como as que envolveram o escândalo do mensalão do partido Democratas (deflagrado em novembro de 2009), aliado ao aniversário dos 50 anos de Brasília (DF). O evento serviu como ponto de partida para discussões envolvendo o tema da política e que tiveram a infração como um dos seus critérios de seleção.

3.2.6 Outros valores-notícia: relevância, notabilidade e inesperado

A relevância, a notabilidade e o inesperado são outros valores-notícia propostos por Traquina (2008) identificados na análise, apesar de que em quantidade menor se comparado a outros. Os três podem ser encontrados no texto “O retorno do medo dos céus” (2 de janeiro), já citado aqui, que trata sobre uma tentativa de atentado da Al-Qaeda contra um avião com destino aos EUA. Apresenta relevância, pois esse ocorrido, e especialmente os fatos do dia 11 de setembro de 2001, tiveram impacto sobre a população mundial, demonstrando a

capacidade de um acontecimento incidir sobre a vida das pessoas, de um país e do mundo. Mais do que isso, o 11 de setembro alterou a geopolítica internacional, ajudando a formar novas configurações de forças após a Guerra Fria e a queda do Muro de Berlim, acentuando ainda mais as diferenças entre Ocidente e Oriente. O atentado que deu origem ao texto publicado no *Cultura* ainda pode ser considerado um fato inesperado, que surpreende a comunidade por não ser algo trivial, que acontece a todo o momento. E também é notável: como esclarece Traquina (2008), o acontecimento deve apresentar a qualidade de ser visível, tangível – o que pode ser atestada pelo número de pessoas envolvidas nele, por exemplo.

O perfil “Apenas um cérebro” (16 de janeiro) do historiador britânico Tony Judt, escrito por Ed Pilkington, do *The Guardian*, também apresenta o valor da notabilidade. Frequentemente o *Cultura* utiliza material produzido pelo *The Guardian*, jornal britânico conhecido pela qualidade da cobertura sobre cultura. Sendo uma das agências assinadas por *Zero Hora*, o caderno aproveita muito material fornecido pela publicação. Nesse caso, o texto foca na rara doença neurológica degenerativa de Judt, que lecionava na Universidade de Nova Iorque e foi autor de obras como *Pós-Guerra: uma história da Europa desde 1945*, com a qual concorreu ao prêmio Pulitzer em 2006. Em pouco mais de um ano, Judt perdeu as faculdades motoras, inclusive a força para respirar, passando a viver preso a tubos e a uma cadeira de rodas. A notabilidade está presente pelo registro do insólito, a doença rara que devasta o pensador e o transforma em “apenas um cérebro”, com um corpo inútil. O historiador viria a falecer em 6 de agosto de 2010.

A análise dos valores-notícia mais frequentes no suplemento de ZH, assim como dos ganchos que justificam a publicação dos textos e as suas referências de tempo e espaço, é uma etapa importante para compreender o entendimento que constrói do sistema local de cultura. Para finalizar esta etapa, lembramos que os critérios de noticiabilidade usados pelos jornalistas não são imutáveis; podem variar de uma época para outra e também de um veículo de comunicação para outro. Cada um tem suas particularidades, guiadas pela linha editorial do veículo no qual estão inseridos. A escolha dos fatos noticiados, “uma resposta prática ao fluxo ininterrupto e abundante de acontecimentos” (TRAVANCAS, 2010, p.96), deixa transparecer as ideias de jornalistas e veículos sobre o que consideram mais importante entre tudo o que acontece, e o que acreditam que vale a pena o público conhecer.

4 O CADERNO *CULTURA*, DE ZERO HORA: GÊNEROS, TEMAS E COLABORADORES

Neste segundo momento de apresentação dos dados alcançados com a análise de conteúdo iremos tratar dos gêneros, temas e colaboradores identificados na amostra de 2010 do caderno *Cultura*. Essas informações complementam aquelas apresentadas no capítulo anterior, sendo importantes para nos ajudar a montar um quadro da movimentação cultural que é proposta pelo suplemento de *Zero Hora*.

4.1 Os gêneros encontrados

Um de nossos questionamentos sobre o *Cultura* envolveu os gêneros dos textos publicados, pois pretendemos entender que tipo de material o caderno considera importante que uma pessoa culta – ou que esteja na busca desse status – leia. No intuito de facilitar a visualização quantitativa, organizamos a frequência dos gêneros do caderno em um gráfico que abarcou todos os 422 textos. A distribuição dos resultados está representada abaixo:

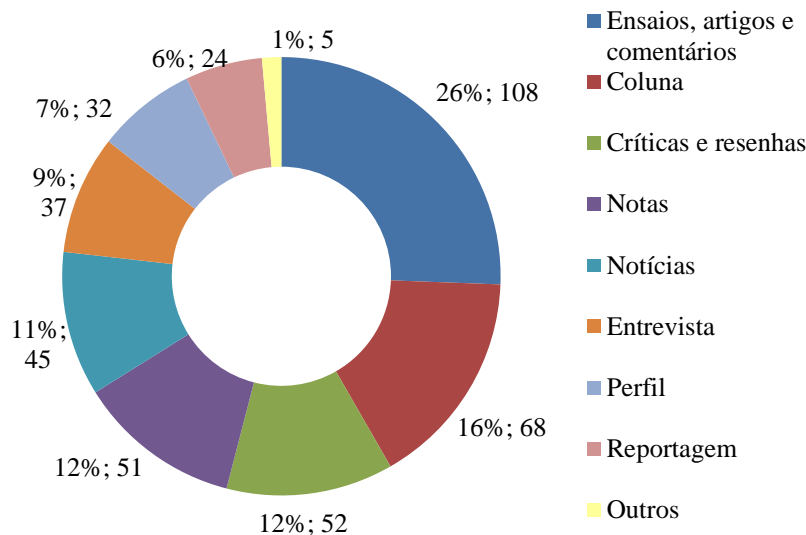


Gráfico 5 – Gêneros mais frequentes no suplemento *Cultura* durante o ano de 2010, em porcentagem e número absoluto, de um total de 422 textos.

O levantamento mostra que os gêneros mais presentes no *Cultura* são aqueles ligados à opinião. O grupo mais recorrente foi, justamente, o que denominados *Ensaaios, artigos e comentários*, seguido por *Colunas* (textos fixos mantidos no caderno, publicados quinzenal ou mensalmente) e *Críticas e resenhas*. Somando os números relativos a tais categorias temos 54% dos textos publicados em 2010 ligados de alguma forma a um posicionamento crítico por parte do autor. O caderno, assim, coloca-se como um espaço opinativo. Desse modo, acompanha a tradição formativa de publicações similares ao estimular o pensamento e a troca de ideias. O suplemento se mostraria uma ferramenta para o aperfeiçoamento intelectual, à medida que o leitor teria em mãos um veículo que estimula o debate ao oferecer textos densos e mais aprofundados do que os encontrados no jornalismo diário, formando sua própria opinião. Para Faro (2006, p.5), o jornalismo cultural é mesmo um segmento “marcado por uma forte presença autoral, opinativa e analítica que extrapola a mera cobertura noticiosa [...]”, perspectiva confirmada com a leitura do *Cultura*. O caderno tem a pretensão de não apenas informar sobre os eventos da área, mas proporcionar um aproveitamento diferenciado do texto. “Ele não é um caderno, por exemplo, que sirva para orientar o leitor a como ir para um determinado show, ou como adquirir um determinado livro. O universo do *Cultura* é um universo de reflexão, de recolhimento, de fruição do texto” (ARAUJO, 2012). Nessa tarefa, o suplemento de ZH reúne, além de textos analíticos, peças essencialmente informativas e textos literários, algo comum no jornalismo cultural e que faz com que o segmento seja visto como uma “plataforma interpretadora” (FARO, 2006), podendo servir como um dos meios utilizados para se registrar, pensar e interpretar a movimentação cultural e intelectual de determinado momento histórico.

Na distribuição de gêneros identificados no suplemento, logo depois dos textos ligados à opinião encontram-se as notas. Em sua maioria, elas dizem respeito a lançamentos do mercado editorial, indicando aos leitores informações mínimas sobre livros recentes. Apresentando rapidamente algumas obras, o caderno tenta acompanhar, ainda que em pequena escala, o movimento crescente do mercado editorial brasileiro. Não haveria espaço para textos mais aprofundados sobre todos os livros contidos nas pequenas notas, apresentadas sob a cartola *Lançamentos*. Ao explicar a relação de um suplemento semanal como o *Cultura*, que exige um tempo maior de leitura e de maturação das ideias, com o ritmo intenso do mercado, o editor da publicação comenta que

[...] no Brasil se edita cada vez mais. Embora a morte do livro esteja sendo decantada em prosa e verso, [...], há um número crescente de lançamentos no mercado. Então é muito difícil o jornal dar conta disso tudo, não tem espaço para dar conta disso tudo. Tem que ser o *Cultura*. O *Cultura* não pode deixar de registrar o movimento que o mercado editorial está fazendo. (ARAÚJO, 2012)

Outros textos essencialmente informativos foram identificados na amostra, como as notícias e as reportagens, gêneros típicos do jornalismo. Comuns no primeiro caderno, quando veiculados em suplementos semanais são tratados de modo mais elaborado, em artigos extensos e com tempo maior de produção. Entrevistas e perfis também foram utilizados. Eles estão relacionados com um dos valores-notícia mais frequentes no caderno, a notoriedade dos sujeitos. Ao publicar um perfil ou realizar uma entrevista, o suplemento mostra quem são aqueles sobre os quais se deve conhecer, os que merecem que o leitor dedique tempo e disposição exigidos pela leitura. Assim, legitima e reitera a crença do público na figura de algumas pessoas. É como se, para poder ser culto, o leitor devesse conhecer, ao menos minimamente, certas personalidades de destaque nesse sistema.

Para finalizar, apresentamos a categoria *Outros*, que abrange dois poemas, uma crônica, um conto e um trecho de livro de não-ficção²⁹. A publicação de textos literários, que se afastam do jornalismo propriamente dito, não é algo raro nos suplementos culturais. Tradicionalmente, esses são espaços em que jornalismo e literatura convivem mais proximamente, o que não ocorre em outro lugar no jornal. No caso do *Cultura*, o número de textos literários em 2010 foi pequeno: apenas cinco de 422. Quando estudou o *Caderno de Sábado do Correio do Povo*, Cardoso (2009) alcançou resultados bem mais significativos: 35% dos textos de sua amostra (entre 1967 e 1969) eram formados por poemas, crônicas, contos e outros textos literários. Lembramos que os dois são veículos distintos, situados em contextos históricos diferentes, se levarmos em consideração o período compreendido por nossa amostra, que não podem ser comparados diretamente. No entanto, os poucos textos literários distanciam o *Cultura* das características dos suplementos dos anos 1950 e 1960, mostrando ser apenas um resquício do que foram esses cadernos. Como tema, porém, a literatura é recorrente na amostra, como veremos no próximo item.

²⁹ No dia 27 de novembro, o caderno publicou um trecho do livro “Investigando Piero”, do historiador italiano Carlo Ginzburg, que naquela segunda-feira seria conferencista do ciclo de palestras *Fronteiras do Pensamento*, em Porto Alegre.

4.2 Segmentos temáticos

Na análise do *Cultura* buscamos identificar os temas mais frequentes no suplemento em 2010³⁰. O passo é importante para que possamos compreender, especialmente, aquilo que a publicação considera ser culto, já que os resultados indicam os assuntos que mereceram destaque em um veículo distintivo, com a função de indicar o que de melhor acontece na área cultural. Diferente dos suplementos diários, que têm a pretensão de mostrar, em um espaço limitado, um recorte do sistema de cultura que represente toda sua movimentação, os semanais desejam selecionar apenas alguns fatos para publicizar, destacando a ação editorial de julgar e hierarquizar. O gráfico mostra a proporção de cada segmento temático encontrado:

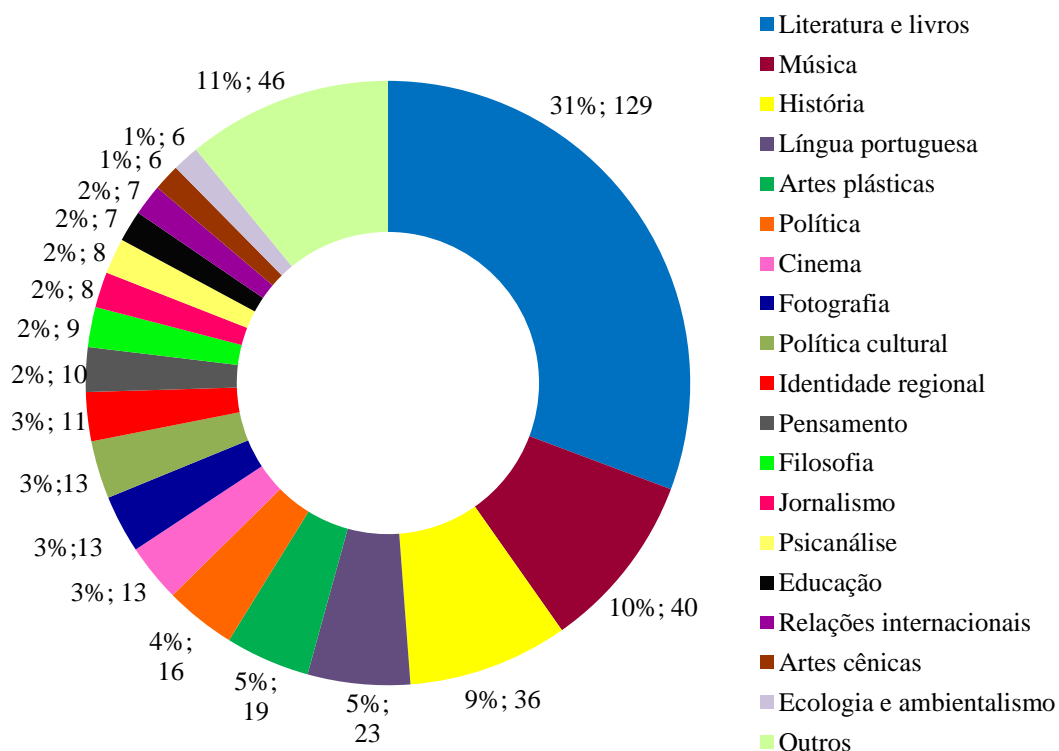


Gráfico 6 – Temas mais frequentes no suplemento *Cultura* em 2010, em porcentagem e número absoluto, sobre um total de 420 textos.

³⁰ O conto de Olavo Amaral e o poema de José Saramago não foram incluídos no levantamento. O poema *Uruguais*, publicado em 27 de fevereiro, foi considerado na análise temática por estar inserido em um contexto de reflexão política (por ocasião da posse do presidente eleito José Pepe Mujica no Uruguai, o caderno relembrou, na edição de 27 de fevereiro, a passagem da democracia à ditadura no país sul-americano durante os anos 1970. A publicação convidou o deputado Adão Villaverde e os jornalistas Paulo Totti e Luiz Claudio Cunha para fazer uma comparação entre os dois momentos históricos).

Nota-se que o suplemento abrange uma grande variedade de temas, mostrando que o *Cultura* não restringe suas pautas às manifestações artísticas tradicionais. Essa multiplicidade de assuntos pode estar relacionada à própria história profissional do seu editor. “Eu tenho na minha trajetória um conjunto de preocupações que vão desde a literatura até a história, até filosofia, sociologia, relações internacionais. Isso está ligado um pouco ao que eu fiz no jornalismo, e eu trouxe isso para o caderno” (ARAÚJO, 2012). Mesmo apresentando uma extensa variedade temática, o gráfico nos indica claramente qual foi o assunto mais recorrente no período analisado: a literatura e os produtos do mercado editorial.

4.2.1 A prevalência da literatura e do mercado editorial

A categoria que denominamos *Literatura e livros* apresentou um percentual de 31% sobre o total de textos, número expressivo e distante da segunda mais frequente, que alcançou 10%³¹. A predominância da literatura sobre outros temas é reconhecida por Luiz Antônio Araujo. Segundo ele, algumas vezes a produção do caderno deve ser policiada de modo que esse assunto não domine em demasia as discussões apresentadas.

[...] o *Cultura* é um caderno, como eu acho que todos os suplementos com o perfil dele, muito dominado por literatura, a ponto de isso às vezes desequilibrar um pouco. Quer dizer, a gente tem que, volta e meia, fazer coisas do tipo puxar o *Cultura* para ser um *Cultura* sobre cinema, para fazer um balanço de uma determinada personalidade, ou mesmo para ser um caderno que dê um olhar cultural sobre grandes acontecimentos. (ARAÚJO, 2012)

Entre os textos enquadrados nessa categoria destacaram-se especialmente aqueles ligados à literatura canônica e legitimada. Em sua maioria, são autores cujas obras fazem parte daquela que normalmente é considerada boa literatura. No período, duas edições temáticas foram dedicadas ao assunto. A primeira, em 19 de junho, foi sobre o português José Saramago, por ocasião de sua morte. Nesse dia foi publicada uma entrevista com o escritor feita em 1999 e que tratou especialmente sobre temas literários. Encontramos também depoimentos sobre ele, textos sobre sua vida e obra, suas passagens por Porto Alegre e um

³¹ É importante ressaltar que a quantidade de textos relacionados ao grupo predominante poderia ser ainda maior, uma vez que consideramos apenas os que trataram sobre literatura ou livros especificamente, sem concentrar-se na temática desenvolvida por eles. Nos casos em que um lançamento editorial serviu como gancho para reflexões sobre o assunto abordado pela obra, e não sobre o livro em si, o texto não foi classificado dentro desse grupo.

poema de sua autoria. Saramago foi ganhador do prêmio Nobel de Literatura em 1998. A outra edição temática foi publicada em 9 de outubro, homenageando o escritor peruano Mario Vargas Llosa, que então havia recebido a láurea. Na edição, além de uma longa entrevista, foram abordados tópicos como sua relação com o colombiano Gabriel García-Marquez, suas visitas à capital gaúcha, o novo livro (*O nome do Celta*), sua obra e sua vida política como candidato à presidência do Peru em 1990.

Mario Vargas Llosa ainda faria uma conferência no dia 14 de outubro em Porto Alegre pelo ciclo de palestras *Fronteiras do Pensamento*³². Desde 2010, justamente o ano que compreende nossa amostra, o Grupo RBS é parceiro da Braskem na realização do evento. O *Fronteiras* é recorrente nas páginas do *Cultura*, mostrando-se um aspecto central da cobertura da cena cultural local. Questionado sobre a obrigação de cobri-lo, uma vez que faz parte das ações culturais da RBS, o editor argumenta que

o *Fronteiras*, antes de ser ligado à RBS, já era pauta porque ele é pauta nacional. Não tem como ignorar uma programação do porte da programação do *Fronteiras*. Nem sempre os conferencistas são a capa e a página central do caderno, mas o *Fronteiras do Pensamento*, como evento, nós não temos como ignorar. (ARAUJO, 2012)

Em 2010 foram muitas as matérias ligadas ao ciclo de palestras e aos conferencistas que vieram a Porto Alegre ao longo do ano. Foi o caso de Vargas Llosa e de vários outros intelectuais, como acompanharemos mais adiante, quando apresentarmos os resultados referentes ao grupo *Pensamento*.

Dando continuidade ao detalhamento da categoria *Literatura e livros*, percebemos que outro escritor recorrente no *corpus* foi o sul-africano J. M. Coetzee, que recebeu o Nobel de Literatura em 2003. As páginas centrais da edição de 16 de janeiro foram dedicadas ao autor, com textos de Carlos André Moreira, jornalista de ZH, e de Kathrin H. Rosenfield, professora da UFRGS, motivados por um curso desenvolvido por ela sobre a visão de Coetzee contida no livro *Diário de um ano ruim*. Nesse dia, o caderno ainda apresentou brevemente as obras do escritor, com imagens das capas e breves sinopses. Em 3 de julho, Rosenfield elaborou uma crítica sobre o livro *Desonra*; no dia 24 do mesmo mês, o foco foi no romance *Verão*, então recém lançado no Brasil, em texto do professor Lawrence Flores Pereira. Mais um nome

³² O evento acontece desde 2006, criado pela Telos Empreendimentos Culturais em parceria com a Companhia Petroquímica do Sul (Copesul), segundo informações do seu site de internet. No ano seguinte, a empresa petroquímica Braskem incorporou a Copesul e deu continuidade ao evento, que traz a Porto Alegre conferências de intelectuais nacionais e estrangeiros. Desde 2007 o projeto foi expandido para outras cidades brasileiras, como São Paulo. Em Porto Alegre, as palestras acontecem no Salão de Atos da UFRGS.

internacional presente em 2010 foi o de J. D. Salinger, autor de *O apanhador no campo de centeio*. Ele foi tema de diversos textos em função de sua morte naquele ano, especialmente na edição do dia 30 de janeiro. Títulos clássicos como *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, também foram pauta. Em 2010 foi lançado o filme homônimo do diretor Tim Burton, o que levou a uma discussão sobre as obras de Carroll. Um texto de Jorge Furtado (“Alice através do espelho do tempo”, de 13 de março), diretor de cinema, escritor e tradutor (que traduziu *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, da editora Objetiva, com Liziane Koglund) abordou desde a relação de Carroll com a jovem Alice Lidell, que inspirou a personagem, até os dilemas enfrentados na tradução.

De modo geral, nosso *corpus* de pesquisa permitiu notar uma ênfase dada pelo caderno ao cânone internacional, que pode ser referendado por premiações como o Nobel de Literatura. São escritores já consagrados sobre os quais a publicação pretende informar, trazendo diferentes aspectos de suas vidas e obras. Ao apresentá-los, é como se dissesse que esses são os autores que se deve conhecer, ao menos minimamente. A partir da leitura do suplemento, cabe ao leitor, segundo seu próprio interesse, aprofundar-se no conhecimento sobre determinado autor e na leitura de sua obra, caso não os tenha.

Personalidades nacionais e regionais também foram assunto no *Cultura*. É o caso da escritora ucraniana naturalizada brasileira Clarice Lispector, pauta em função do lançamento de sua biografia escrita pelo jornalista norte-americano Benjamin Moser (“A paixão segundo Benjamin”, 23 de janeiro). Em termos regionais, citamos Simões Lopes Neto, tema de ensaio assinado por João Claudio Arendt, escritor e professor universitário (“O best-seller regional”, 27 de março). Os cem anos de *Cancioneiro Guasca* foram gancho para discutir a obra do autor e a relação entre o regional e o universal. A trilogia *O Continente*, do escritor gaúcho Erico Verissimo, foi assunto na época do falecimento do crítico literário Wilson Martins. Segundo Márcio Miranda Alves, jornalista e mestre em Literatura, autor do texto “O Crítico que reservou um lugar para ‘O Continente’”, de 20 de março, Martins foi um dos primeiros intelectuais a reconhecer a importância da obra de Verissimo.

É interessante notar a escolha do caderno ao falar da morte de um crítico como Wilson Martins, que ofereceu uma larga contribuição à imprensa, tendo sido conhecido pela coragem ao expressar suas opiniões. Ele foi um dos críticos brasileiros mais importantes, autor de diferentes livros, entre eles *História da Inteligência Brasileira*, além de ter lecionado no Brasil e no exterior. O que o suplemento escolheu para destacar foi sua relação com a obra de Verissimo, figura intelectual recorrente no caderno e cuja obra está ligada à cultura e ao

imaginário gaúcho. Nesse mesmo dia, o caderno fez uma breve apresentação dos livros de Martins, sob o título “Para conhecer Wilson Martins”, indicando o caminho para o leitor saber mais sobre o crítico brasileiro.

Outro aspecto do tema *Literatura e livros* que pode ser destacado é o prêmio *Fato Literário*, uma realização da RBS que acontece desde 2003 e que premia personalidades e instituições/projetos que tenham se destacado na cena literária do RS, escolhidos por um júri oficial e pelo voto popular. Os ganhadores são anunciados no encerramento da Feira do Livro de Porto Alegre. O suplemento *Cultura* costuma cobrir os desdobramentos da premiação, que em 2010 reuniu os seguintes finalistas: Aldyr Garcia Schlee, Kathrin Rosenfield, Lya Luft e Veronica Stigger (categoria Personalidade); Cirandar, Festipoa Literária, Revista Norte e Gauchão de Literatura (categoria Projetos). A premiação foi pauta a partir do mês de outubro. Na edição do dia 23 foram entrevistados os indicados da categoria Personalidade. No dia 30, o caderno mostrou como funcionam os participantes da categoria Projetos, que premia iniciativas que buscam difundir a literatura. Em 13 de novembro, os finalistas das duas categorias escolheram e comentaram livros importantes em suas vidas. Uma semana depois, foi noticiada a vitória do escritor Aldyr Schlee na categoria Personalidade, com foco no livro *Don Frutos*, romance histórico apresentado na Feira do Livro.

A Feira, tradicional evento na cena cultural porto-alegrense, é pauta frequente, mas em 2010 apareceu de forma secundária, ligada especialmente ao *Fato Literário* e à figura de Paixão Cortes, patrono daquela edição. Em 30 de outubro, quando foi publicado o texto sobre o tradicionalista, um pequeno box na página indicava o site especial que *Zero Hora* havia preparado sobre a Feira, com a programação do evento, notícias e outros materiais. Como parte importante desse grupo temático, ainda há o espaço dedicado aos lançamentos editoriais, com pequenas notas contendo breves informações sobre obras recentes. A coluna *Pesqueiro*, assinada por Luís Augusto Fischer, trata predominantemente sobre literatura, mas pode abordar assuntos diversos. Quando o segmento foi tema da coluna, foi incluído nessa categoria temática. Em 2010 o suplemento ainda ofereceu textos literários, como um poema e um conto, também computados na categoria *Literatura e livros*.

4.2.2 Música e a ênfase no clássico

Depois da categoria *Literatura e livros*, o grupo *Música* foi outro entre os mais recorrentes no *Cultura*, tendo alcançado uma proporção de 10%. Devemos ressaltar que um tipo de música se destaca nos textos, sobrepondo-se aos demais: a erudita ou clássica.

A expressão alcançada por esse tema se deve, em parte, ao espaço fixo dedicado à coluna de Celso Loureiro Chaves, publicada quinzenalmente e que trata, justamente, sobre a música de concerto. Sua coluna (que hoje se chama *Sonoridades*, mas antes da reforma gráfica de maio de 2010 era intitulada *Música*) é o único espaço disponível atualmente na imprensa gaúcha para a discussão da música erudita, segundo Freitas (2008). Em entrevista à pesquisadora, Chaves explicou que seus textos no *Cultura* objetivam despertar o interesse do leitor pela música. A partir desse contato, cada um, conforme seus gostos e vontades, poderia buscar mais informações sobre o assunto comentado naquela quinzena.

Não foram apenas as colunas de Chaves que versaram sobre música erudita em 2010; o tema foi recorrente em outros textos. Uma abordagem comum é o foco na vida de artistas que se destacaram nesse campo, como Robert Schumann, em texto do violoncelista britânico Steven Isserlis/*The Guardian* (“Reavaliando Schumann”, 17 de julho) devido ao bicentenário de nascimento do compositor, ou o violinista belga Django Reinhardt, em perfil do jornalista Márcio Pinheiro (“O selvagem cigano das seis cordas”, 27 de fevereiro).

Uma entrevista com o músico e crítico Arthur Nestrowski foi publicada em 27 de fevereiro tratando sobre sua recente nomeação como diretor artístico da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp). Na conversa conduzida por Luiz Antônio Araujo, o gaúcho Nestrowski, que com frequência vem a Porto Alegre, falou sobre sua administração, mudanças e novos desafios, além da importância da música de concerto. A origem do entrevistado é lembrada logo na frase de apoio: “Escolhido para moldar o novo perfil da principal orquestra brasileira, gaúcho comemora consolidação da era de ouro da música erudita em São Paulo”. Se não tivesse essa relação com o Rio Grande do Sul, talvez a nomeação do novo diretor da Osesp não fosse pauta do *Cultura*.

O suplemento é também lugar de uma música mais popular, embora apareça de forma restrita. Gilberto Gil e Caetano Veloso foram tema de uma matéria assinada por John Lewis, do *The Guardian*. (“O legado de um exílio”, 31 de julho). De viés histórico, o texto aborda o exílio forçado dos artistas, que tiveram que viver na Inglaterra durante a ditadura militar, e

como os anos longe de casa influenciaram o trabalho dos brasileiros. Um exemplo que mistura música pop com clássica é o artigo do professor e clarinetista da Ospa Augusto Maurer (“Música doméstica”, 7 de agosto), no qual discorre sobre a relação de seus filhos de 9 e 6 anos com os diferentes estilos musicais, passando por Michael Jackson, trilhas de cinema de videogames até chegar a um convite para assistir à audição da Terceira Sinfonia de Beethoven. Entre os textos que não versam sobre composições eruditas estão aqueles que falam da música feita no Rio Grande do Sul, mas não necessariamente uma música tradicionalista, e sim urbana. A partir do show que Vitor Ramil faria em Porto Alegre no dia 27 de março foi publicado “Milonga de la Milonga”, escrito nesse dia pelo próprio músico gaúcho, no qual comentou seu recente trabalho e como se aproximou da poesia de Jorge Luis Borges e João da Cunha Vargas. A obra de Ramil é bastante influenciada pela proximidade que o Rio Grande do Sul tem com países como Argentina e Uruguai, expandindo o alcance de sua música. Além de músico, Vitor Ramil é escritor, fato lembrado pelo caderno.

4.2.3 A perspectiva histórica como eixo editorial

O suplemento *Cultura* se preocupa em relembrar experiências históricas vivenciadas no Rio Grande do Sul, em outros estados ou no exterior, tentando resgatar a memória de fatos ou pessoas que tenham sido marcantes em sua época. Nossa análise indicou que o segmento temático *História* foi o terceiro mais frequente entre os temas identificados. Para o editor do caderno, a perspectiva histórica é importante por ajudar na construção do entendimento de nossas experiências atuais.

[...] cultura não existe só no presente. É impossível conseguir, eu acho, se posicionar diante de um grande momento da cultura como se ele fosse algo surgido do nada. Todos nós nos posicionamos no terreno da cultura de uma perspectiva que é histórica. Histórica na medida das nossas possibilidades. Ninguém vê um filme como se o cinema tivesse sido inventado hoje. Pessoas veem filmes de acordo com a memória, com o entendimento, com as preferências que elas têm. Eu acho que isso serve para todos os momentos da cultura. (ARAUJO, 2012)

Em meio aos textos que foram classificados como pertencentes à categoria *História* estão aqueles ligados a algum fato ou personagem marcante, o que confirma outros resultados já apresentados até agora, mostrando a valorização que o caderno dá aos sujeitos envolvidos

nos acontecimentos. A personalização é, inclusive, um dos valores-notícias de construção apontados por Traquina (2008). Para ele, quanto mais uma notícia for personalizada, mais chance tem de ser notada, uma vez que estudos já comprovaram que as pessoas têm interesse por outras pessoas. Um exemplo de como o *Cultura* tratou de personagens históricos, enfatizando aspectos importantes de suas vidas, é o texto sobre o embaixador brasileiro na França durante a Segunda Guerra Mundial, Luiz Martins de Souza Dantas, que ajudou a salvar as vidas de muitos judeus ao expedir vistos com permissão de entrada no Brasil (“O brasileiro que tentou deter o Holocausto”, 9 de janeiro). Mesmo que o gancho esteja relacionado à atualidade – o lançamento de um documentário – a perspectiva é predominantemente histórica, trazendo fatos do passado para montar um perfil de Dantas.

Entre as matérias de cunho histórico que apresentaram uma abordagem política ou de recuperação de fatos estão, por exemplo, “Entre o amor e a guerra” (20 de março), sobre os casos de amor entre soldados brasileiros e mulheres paraguaias durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), a partir de uma dissertação de mestrado realizada na Unisinos. Também é esse o caso da edição temática sobre a Revolução de 1930, em 16 de outubro, marcando os 80 anos do levante. Em suas páginas centrais, a caderno focou no papel dos gaúchos na sublevação, muitos dos quais deixaram o estado natal rumo ao Rio de Janeiro e por lá ficaram. A edição trouxe entrevistas com o historiador Sérgio da Costa Franco e com o escritor Lira Neto, que trabalha em uma biografia de Getúlio Vargas. Também apresentou um ensaio de Diorge Alceno Konrad, professor da Universidade Federal de Santa Maria, e um texto sobre como esses fatos marcaram a vida do escritor Erico Verissimo. Em sua autobiografia, intitulada *Solo de Clarineta*, ele relembra a despedida do pai, que partiu para São Paulo por conta da revolução. Mais uma vez, notamos a centralidade da figura intelectual de Verissimo, uma constante nas páginas do *Cultura*. O escritor, natural de Cruz Alta³³, é uma referência para a literatura e a intelectualidade do estado, tanto pelo seu trabalho de ficção quanto pelo registro de contextos históricos e características do modo de vida do Rio Grande do Sul, importância constantemente referendada pelo caderno.

³³ A figura de Erico Verissimo esteve presente no suplemento *Cultura* também na edição de 8 de maio, quando tratou do projeto fotográfico Nossa Antiga-Nova Cruz Alta, mantido pelo médico Alfredo Roeber. Ele fotografa cenários atuais da cidade, comparando-os com imagens do início do século XX, momento no qual lá viveu o escritor. Nesse dia o caderno trouxe ainda trechos do livro *Solo de Clarineta*, que contém referências a cidade onde Verissimo passou a infância e a juventude; uma pequena retrospectiva da vida do escritor; e um texto do professor Larry Antonio Wizniewsky sobre a representação da cidade de Cruz Alta presente em *Solo de Clarineta*.

4.2.4 Língua portuguesa e fotografia em colunas fixas

Como sabemos, o *Cultura* dedica espaços fixos a temas culturais com a participação de seus colunistas, alavancando a frequência desses segmentos na análise temática. Além da coluna destinada à música, sob responsabilidade de Celso L. Chaves, e da que aborda literatura e outros temas, de Luís A. Fischer, o caderno trata sobre nosso idioma e fotografia.

Assim, a categoria *Língua portuguesa* alcançou uma representatividade de 5% na amostra, aparecendo somente no espaço da coluna *O Prazer das Palavras*, assinada pelo professor Claudio Moreno, e não em matérias eventuais. Ao escrever sobre o idioma, Moreno trata de tópicos que levam ao correto uso da língua, indicando uma preocupação do caderno em divulgar a norma culta, além da origem de vocábulos e expressões, e não uma linguagem coloquial. Em sua coluna no caderno *Cultura*, é comum que o professor parta de perguntas enviadas por leitores de diversas partes do país, já que está presente também na internet: Moreno mantém, dentro do portal de internet *ClicRBS*, o site *Sua Língua*, que esclarece questões idiomáticas.

A fotografia é mais um assunto constante no *Cultura* em função da coluna mensal *Reflexo*, do fotógrafo Ricardo Chaves, que estreou em maio. Ele é o atual editor da seção *Almanaque Gaúcho*, de ZH, e na época de lançamento da coluna era editor de fotografia do jornal. No texto publicado em 14 de maio de 2010 no Blog do Editor discorrendo sobre as mudanças gráficas aplicadas ao suplemento, Chaves é apresentado da seguinte forma:

Entre as novidades previstas na reforma do suplemento está a coluna mensal **Reflexo**, que será assinada a partir da próxima edição pelo editor de Fotografia de Zero Hora, **Ricardo Chaves** (*na foto ao lado*). Ícone da reportagem fotográfica no Brasil, Kadão é gaúcho de Porto Alegre e já passou, entre outros veículos, por Veja, Jornal do Brasil e O Estado de S. Paulo. Cobriu extensamente os acontecimentos no Cone Sul nos anos 70 e 80 e, por Zero Hora, o fim da URSS e o impacto da glasnost em Cuba.

Como Ricardo Chaves tem relação direta com ZH, podemos questionar até que ponto a escolha da fotografia como destaque está relacionada à importância dada ao tema ou à proximidade do autor com *Zero Hora* e sua consequente disponibilidade. Mesmo com essa relação, a fotografia não está presente apenas na coluna, mas em textos diversos ao longo do período analisado. A morte do último sobrevivente da histórica foto da bandeira soviética sendo erguida sobre o prédio do Reichstag em Berlim (Alemanha), em 1945 (“Mão na foto”,

20 de fevereiro), por exemplo, serviu de gancho para contar os bastidores da realização da imagem, que incluiu manipulação em laboratório. O *FestFotoPoa*, festival internacional de fotografia que acontece anualmente em Porto Alegre, levou a uma discussão do pesquisador e crítico Rubens Fernandes Junior (“Quantos tempos tem a fotografia?”, 10 de abril) sobre a representação do tempo nas imagens fotográficas.

Ao escolher determinados assuntos para ocuparem colunas fixas, o suplemento disponibiliza um espaço físico relevante em suas oito páginas semanais, demonstrando uma importância conferida a esses segmentos. Os temas identificados nas colunas aproximam o conceito de cultura apropriado pela publicação das manifestações artísticas. Nesse grupo destacam-se a música erudita, as artes visuais (representada pela fotografia) e a literatura legitimada, além da norma culta da língua portuguesa.

4.2.5 As artes e suas formas tradicionais de expressão

Vimos que a literatura e a música são os dois assuntos mais frequentes na pauta do suplemento *Cultura* na amostra formada por edições de 2010. Além deles, outras manifestações artísticas tradicionais figuraram entre os segmentos culturais recorrentes na análise, especialmente as artes plásticas, o cinema e as artes cênicas. Assim, percebemos ao menos uma intenção do caderno em colocar-se como espaço de divulgação da arte, sugerindo que o ser culto passa também pelo domínio dos temas artísticos. A leitura do suplemento mostra que o *Cultura* não apenas indica aquilo que devemos saber, mas também o que consumir para o aprimoramento intelectual.

Os textos enquadrados na categoria *Artes plásticas* representaram 5% do total encontrado, fazendo referência, algumas vezes, a exposições que estivessem acontecendo em Porto Alegre. Uma delas foi *O Alfabeto Enfurecido*, que apareceu na edição de 10 de abril, e reunia obras de León Ferrari (argentino) e Mira Schendel (suíço-brasileira) na Fundação Iberê Camargo. A fundação ganhou uma sede inaugurada em 2008 na capital, projetada pelo arquiteto português Álvaro Siza, que colocou a cidade no roteiro internacional dos museus. Iberê esteve presente também em matérias focados no próprio pintor, com textos sobre ele e como sua cidade natal, Restinga Seca (RS), se relaciona com a lembrança do artista, publicadas especialmente em 15 de maio.

O *Cinema* esteve presente em 3% da amostra, com textos que abordaram principalmente filmes que estavam em cartaz naquele momento ou que estavam sendo lançados. Em 2010 tivemos o lançamento de *blockbusters* como *Avatar*, do diretor James Cameron, e *Alice no País das Maravilhas*, de Tim Burton, ambos tratados pelo *Cultura* naquele ano. No caso de *Alice*, foi publicada uma resenha sobre o filme assinada por Daniel Feix em 13 de março na qual o jornalista de ZH mostrou certo descontentamento com a obra, apesar de considerá-la uma grande experiência visual. Esse texto acompanhava outro cujo gancho também era o filme de Burton, mas que não entrou na categoria *Cinema*, pois o foco era o livro de Lewis Carroll e os dilemas de sua tradução para o português. O *corpus* de pesquisa abarcou ainda fatos marcantes na área, como a morte do diretor francês Eric Rohmer e os 80 anos do ator e diretor norte-americano Clint Eastwood. Nesse caso, além de um texto do *The Guardian*, o caderno apresentou, em 29 de maio, dicas dos editores de cinema de *Zero Hora*, que deveriam comentar seus filmes preferidos de Eastwood.

Entre os segmentos culturais lembrados pelo suplemento encontramos ainda as *Artes cênicas*, embora com pequena representatividade. Uma das matérias que tratou sobre o tema foi a entrevista com o diretor teatral norte-americano Bob Wilson (“Faço um livro visual em movimento”, 9 de janeiro), considerado pelo texto do historiador Gunter Axt “um dos mais importantes encenadores de teatro em atividade no mundo”. Wilson havia apresentado uma de suas montagens, a peça “Quartett”, na edição de 2009 do *Porto Alegre em Cena*, festival de teatro que não recebeu maior destaque no suplemento em 2010. O evento foi citado apenas secundariamente, como quando da passagem da artista alemã Ute Lemper pela capital, convidada do festival. Outro exemplo de como as artes cênicas figuraram no caderno é o texto sobre a peça *Mães & Sogra*s, uma tragicomédia que estava em cartaz no Teatro Bruno Kiefer, em Porto Alegre (“Culpa e outras tragicomédias”, 10 de abril). O artigo é de autoria de Leandro Sarmatz, o autor da peça, que discorre sobre como concebeu a obra, o que pretendia com ela e quais fontes serviram de inspiração, entre elas o teatro iídiche.

4.2.6 Conceito expandido: diversas manifestações da cultura

É comum que os suplementos culturais semanais trabalhem com uma gama de temas extensa, que não se limita às artes e à agenda de shows e espetáculos. Para Rivera (1995), o

jornalismo cultural lida mesmo com uma grande variedade de assuntos; a amplitude ou restrição do conceito de cultura de uma publicação poderá restringir ou alargar seu campo de interesses e as possibilidades de escolha temática de seus colaboradores. Pela análise do *Cultura* percebemos que ele é um daqueles cadernos que coloca ao lado das manifestações artísticas temas como política, filosofia, psicanálise, jornalismo e outros. Entre suas preocupações está o registro das discussões que cercam o circuito político da cultura, temas que devem estar presentes em uma publicação que se propõe a ser um veículo de divulgação de ideias e debates.

No período analisado, encontramos textos ligados às categorias *Política*, com uma proporção de 4%, e *Política Cultural*, com representatividade de 3%. Lembramos novamente que esses resultados devem ser contextualizados, uma vez que 2010, espaço temporal compreendido pela pesquisa, foi um ano de eleições estaduais e federais, com as perspectivas dos novos governos, além de ter registrado uma crise na área cultural do Rio Grande do Sul, que proporcionou uma série de discussões sobre os rumos da Secretaria Estadual da Cultura.

Entre os assuntos classificados na categoria *Política* podemos citar os artigos dos cientistas políticos da UFRGS André Marengo e Céli Regina Jardim Pinto sobre a sucessão federal, em 2 de novembro. O caderno propôs a eles que expusessem suas visões sobre a era “pós-Lula” no Brasil, em função da eleição, naquele ano, de Dilma Rousseff como presidente da República. Já entre o material classificado no grupo *Política Cultural*, exemplificamos com os textos envolvendo os impasses no cenário cultural que ocorriam no estado naquele momento. Conforme Luiz Antônio Araujo, o caderno poderia cobrir ainda melhor os temas da política cultural. Ele reconhece que 2010 foi mesmo um ano marcante para a área no Rio Grande do Sul.

Outra coisa que a gente tem que cobrir e que eu acho que poderia cobrir melhor é política cultural, principalmente em um estado como o Rio Grande do Sul, em que esta área está em crise permanente. 2010 foi um ponto de depressão na cultura do estado, um momento em que se achou que tudo iria pelos ares. E o *Cultura* abordou isso. (ARAUJO, 2012)

Temos ainda, entre os segmentos temáticos, a categoria que denominamos *Identidade regional* (3%), um tema que interessa prioritariamente ao jornal, por abordar tópicos referentes às características do Rio Grande do Sul e das pessoas que aqui vivem, ou de outros estados e seus habitantes. Ao tratar sobre o tema, o *Cultura* não necessariamente corrobora a representação hegemônica, já que reflete a opinião dos diferentes autores, e não do jornal em si. Um dos textos que evocam a questão foi o perfil do tradicionalista Paixão Côrtes, patrono

da Feira do Livro de 2010, falando sobre como ele ajudou a traçar a identidade gaúcha (“Um estudioso chamado Paixão”, 30 de outubro). Outro é o artigo de Carla Menegat, doutoranda em História pela UFRGS, “Festejar heróis, reverenciar o passado” (18 de setembro), motivado pela proximidade do 20 de setembro, data na qual se comemora a Revolução Farroupilha. A questão ainda esteve presente na coluna *Pesqueiro*, de Luís Augusto Fischer. O colunista abordou tanto aspectos da identidade regional gaúcha, em especial questões relacionadas ao tradicionalismo, como de outras regiões do Brasil, como Rio de Janeiro e Brasília (DF).

Outra categoria que expande o circuito da cultura é a que denominamos *Pensamento*, textos sobre personalidades relevantes no cenário intelectual brasileiro ou internacional e cujo foco residiu em suas ideias e seu trabalho. Novamente o *Fronteiras do Pensamento* é uma das âncoras da cobertura. As palestras que aconteceram ao longo de 2010 serviram de gancho para apresentar os conferencistas, destacando suas contribuições intelectuais e o que abordariam nas palestras em Porto Alegre. Em 1º de maio foi publicado um quadro com todos os conferencistas que participariam do *Fronteiras*, informando quem eram, qual o dia de sua participação, por que eram relevantes no cenário intelectual, o que ler de sua autoria e uma frase de cada um. Um texto anterior ao quadro explicou assim o evento:

O admirável mundo novo antevisto pelos profetas do final do século passado contrariou todas as previsões. A queda do Muro de Berlim não foi o ponto final da história, a união da Europa não significou o fim das fronteiras e da intolerância étnica e religiosa, a resposta americana ao 11 de setembro não inaugurou uma era de guerras incruentas. Humanismo, liberalismo, socialismo, democracia, religião – o século 21 coloca à prova todos os valores. O ciclo que se inicia na segunda-feira põe Porto Alegre no mapa do pensamento mundial.

Naquele dia, o primeiro conferencista foi o neurocientista Miguel Nicolelis, que concedeu uma entrevista ao caderno. Outro exemplo dos intelectuais que participaram do *Fronteiras* e foram eixo de matéria é o cientista social e economista Eduardo Gianetti, que em entrevista falou principalmente sobre o tema de sua conferência, a consciência humana e a dualidade entre mente e cérebro (“O mistério da consciência”, 11 de setembro).

A *Filosofia* foi mais um assunto abordado em 2010, comum nos suplementos culturais por incentivar a reflexão e o pensamento. No *Cultura* encontramos a filosofia representada especialmente em textos assinados por Kathrin Rosenfield, professora do Departamento de Filosofia da UFRGS, uma autora frequente. Rosenfield é a coordenadora do projeto *Mal-Estar na Cultura – visões caleidoscópicas da vida contemporânea*, promovido pelo Departamento de Filosofia e Difusão Cultural da UFRGS, um ciclo de estudos com aulas,

palestras e oficinas. Foi comum aparecer, ao lado dos artigos de Rosenfield, referências ao projeto, como boxes contendo informações de serviço: datas, inscrições, telefone e site para quem ficasse interessado. Alguns de seus textos são, inclusive, escritos a partir da participação de algum intelectual no projeto *Mal-Estar na Cultura*. Em “Para perceber as mudanças mais sutis” (25 de setembro), por exemplo, ela discorre sobre o trabalho do filósofo François Julien, que estuda o contraste entre o pensamento filosófico ocidental e o oriental. Julien faria uma palestra no Salão de Atos da UFRGS, parte da série coordenada por ela, informação explicitada no próprio texto e em um box informativo.

A *Psicanálise* também foi um segmento presente. Nessa categoria destacaram-se principalmente textos de autoria de Diana e Mário Corso, casal de psicanalistas gaúchos autor de livros sobre o assunto. Diana é colunista quinzenal do *Segundo Caderno*, suplemento cultural diário de *Zero Hora*, mostrando a repetição dos mesmos nomes ao se retratar a movimentação cultural da região. Três dos oito textos classificados com a temática da psicanálise são de autoria do casal, sendo um deles assinado apenas por Mário Corso. Juntos, eles escreveram artigos como “Complexo de Nardoni” (3 de abril), no qual falam sobre a relação entre pais e filhos a partir do caso do assassinato de Isabella Nardoni, então com cinco anos de idade, por seu pai e sua madrasta. No texto fazem uma relação entre o caso e a mitologia, e pais que abandonam seus filhos para formar uma nova família.

Porto Alegre é, na verdade, uma cidade de referência no circuito psicanalítico, com movimentação intensa de atividades e produção intelectual. Aqui existem diversas entidades como a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, a Associação Psicanalítica de Porto Alegre, o Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre, a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, contribuindo para o estudo do tema. O artigo “Homens ainda não choram?” (21 de agosto), por exemplo, do psiquiatra e psicanalista argentino Luis Hornstein, discorre sobre as características da depressão nos homens. O gancho para a publicação estava na ocorrência, naquela semana, de um ciclo de estudos apresentado por Hornstein, evento sobre o qual o caderno informou o leitor com um box de serviço.

A análise do ano de 2010 fez perceber a frequência de mais um assunto nas páginas do *Cultura*, a *Educação*. Nessa categoria, destaca-se a edição de 11 de dezembro. O principal texto desse dia, publicado nas páginas centrais, foi uma reportagem sobre os desafios da docência, na qual o caderno acompanhou o dia a dia de uma professora de rede estadual de ensino. No mesmo dia, um artigo de Esther Pillar Grossi sobre a polêmica envolvendo o palhaço Tiririca, recém eleito para o cargo de deputado federal, defende que a avaliação a ser

feita para definir se ele é ou não alfabetizado deveria ser conduzida por um profissional da área, e não um juiz eleitoral. Luís Augusto Fischer, que também é colunista do caderno, apresentou suas “Nove teses sobre ser professor”, indicando as características e os percalços pelos quais passam os que escolhem a profissão. Na contracapa foi publicada uma entrevista com Paulo Blikstein, brasileiro professor da Universidade de Stanford (EUA), na qual ele defende a reestruturação do sistema educacional.

O grupo *Relações Internacionais*, que abrange matérias que abordaram as relações entre países, foi mais um presente em nosso levantamento. Um exemplo dos textos que foram classificados com essa temática é “Política internacional pós-moderna” (4 de dezembro), assinado pelo historiador e professor da UFRGS Paulo Fagundes Visentini, sobre os vazamentos de documentos ocasionados pela WikiLeaks e o que eles podem representar. O artigo faz parte da cobertura sobre a organização transnacional, que publica em seu site documentos confidenciais, especialmente da diplomacia e do governo norte-americanos, que o caderno apresentou naquele dia. Outro que foi enquadrado na categoria *Relações Internacionais* é a entrevista feita com Elisabeth Roudinesco, historiadora e psicanalista francesa, em 12 de junho. Na conversa ela fala sobre Israel e antisemitismo (na França e no mundo) a partir do lançamento, no Brasil, de seu novo livro, *Retorno à Questão Judaica*.

A cultura judaica parece ser uma questão subjacente ao *Cultura*. O Rio Grande do Sul foi um dos principais destinos dos imigrantes judeus europeus que no início do século passado começaram a chegar no Brasil, deixando uma marca relevante na cultura regional. O editor Luiz Antônio Araujo enxerga a cultura judaica como uma das manifestações presentes no estado e que acaba influenciando o entendimento sobre a região.

Não tem como entender nada no Rio Grande do Sul se a gente achar que o Rio Grande do Sul é uma ilha. Não é. É um estado periférico, dentro de uma região que é muito grande culturalmente, muito forte, muito expressiva, e que tem uma presença da cultura europeia que vem desde o positivismo até o legado dos imigrantes alemães, dos imigrantes italianos, da cultura portuguesa, da cultura judaica... Uma infinidade de coisas. Está tudo cruzado o tempo todo. Está cruzado na obra de Moacyr Scliar, na obra do Verissimo, na nossa música erudita, na nossa arquitetura, nas nossas políticas culturais, na ocupação do espaço urbano, nos nossos monumentos. (ARAUJO, 2012)

A relação de *Zero Hora* com esse tema vai além da multiplicidade étnica característica do Rio Grande do Sul. O jornal pertence à família Sirotsky, como vimos ao resgatar a história do veículo, que é de origem judaica. Portanto, não é estranho que haja uma ênfase nessa questão específica na pauta do veículo.

Seguindo com nosso levantamento, encontramos a categoria *Jornalismo* em textos como “Biografia questiona ícone da reportagem” (6 de março), a respeito de um novo livro sobre a vida do jornalista polonês Ryszard Kapuscinski. Outro exemplo de como o jornalismo é retratado no suplemento foi a coluna *Pesqueiro* de 13 de fevereiro, na qual Luís Augusto Fischer elaborou “6 teses sobre crítica e jornalismo cultural”. Ali ele refletiu sobre a atual situação desse segmento, abordando desde a função de arena pública de debate e esclarecimento até a transformação da crítica em algo absoluto e narcisista, passando pela relação com o leitor e com o artista.

Para finalizar, citamos o grupo *Ecologia e meio ambiente*, no qual foram classificados textos como “O filme ‘Avatar’ nos alerta: somos muitos” (16 de janeiro), de Milton Mendonça Jr., professor da UFRGS. Tendo como gancho o filme lançado naquele ano, o artigo discute conceitos e problemas relacionados à ecologia. Ainda identificamos a categoria *Outros*³⁴, equivalente a 6% do total de textos. O grupo representa os assuntos que tiveram cinco ocorrências ou menos no período analisado.

4.3 Índice de colaboradores

Entre aqueles que colaboram com o *Cultura* produzindo textos que são publicados no suplemento, existem os que o fazem de forma fixa, como colunistas, e os que escrevem eventualmente. As pessoas que participam do caderno de forma eventual podem ser tanto jornalistas da própria *Zero Hora* (ou de outros veículos do grupo RBS) como profissionais de diferentes áreas do conhecimento que enviam material para publicação ou que são convidados a escrever. No período compreendido por nossa amostra, 319 textos dos 422 integrantes do *corpus* foram assinados³⁵. De modo geral, destacam-se entre os colaboradores mais frequentes do *Cultura* jornalistas, professores universitários e profissionais que trabalham na área

³⁴ Na categoria Outros (27,6%) foram concentrados temas que tiveram cinco aparições ou menos no caderno durante o ano de 2010. Com cinco ocorrências na amostra temos as categorias *Televisão*; *Leitura*; e *Cartuns e quadrinhos*. O grupo *Patrimônio* apareceu quatro vezes. Com três textos cada, o caderno teve as categorias *Identidade nacional*; *Comportamento*; *Internet*; *Esportes*. Com dois, *Ciências naturais*; *Moda*. Por fim, na amostra foram registradas apenas uma ocorrência dos temas *Ética*; *Publicidade e Propaganda*; *Religião*; *Ciências humanas*; *Humanitarismo*; *Semiótica*; *Astronomia*; *Urbanismo*; e as combinações *Política/história*; *Cinema/música*; e *Cinema/Ecologia e meio ambiente*.

³⁵ Em alguns casos, como uma matéria de capa com suas retrancas, apenas o texto principal levava assinatura. Nessas situações, não consideramos como se todos fossem de mesma autoria. Somente atribuímos um texto a algum autor quando isso foi informado de forma explícita. Além desses casos, notas não costumam ser assinadas, assim como outros eventuais textos publicados no caderno.

cultural. São professores, pesquisadores, historiadores, críticos, literatos, cientistas políticos etc. Nossa observação encontrou resultados próximos à análise de Isabel Travancas (2001), que identificou jornalistas (fixos dos cadernos e/ou colaboradores do próprio jornal ou outro veículo) e intelectuais (professores, acadêmicos, filósofos, escritores, cientistas sociais etc.) como os principais autores de artigos nos suplementos literários.

Essa relação é algo comum nos cadernos culturais, historicamente ligados à categoria denominada intelectuais. O sociólogo norte-americano Seymour Lipset³⁶ propôs uma definição do termo, dividindo-o em diferentes categorias, que foram resgatadas em trabalhos como o de Abreu (1996) e Travancas (2001). Lipset considera intelectuais as pessoas que criam, distribuem e fazem cultura, lidando assim com um determinado universo simbólico. Elas estariam divididas entre os criadores (artistas, filósofos, autores, alguns jornalistas etc.) e os distribuidores de cultura (os executores das artes, a maioria dos professores, a maioria dos jornalistas etc.). Um terceiro grupo seria formado por aqueles que integram de alguma forma a cultura em seu trabalho, como médicos, advogados e outros profissionais liberais.

Seguindo essa classificação, Abreu (1996) coloca os colaboradores dos suplementos literários dos anos 1950 entre os intelectuais criativos e os distribuidores de cultura, com a predominância do intelectual escritor, do poeta, cronista, ensaísta, crítico e historiador. Sobre o suplemento *Cultura*, podemos dizer que a publicação dá espaço para a produção de profissionais que se encaixam na definição e nas categorias de Lipset, uma vez que vão desde professores, acadêmicos e filósofos até artistas, escritores e jornalistas, passando por profissionais como médicos, psicanalistas, entre outros.

O termo intelectuais está historicamente ligado a uma participação social e política, mas essa percepção mudou ao longo dos anos. Pereira (2011) afirma que, se antes os modos de intervenção dessas pessoas estavam baseados em atos como manifestos e passeatas, “A mudança vem acompanhada de uma perda da legitimidade fundamentada no saber superior e no engajamento político e ideológico. Em seu lugar, impõe-se a necessidade de conquistar o grande público por meio da exposição de ideias e pensamentos de fácil assimilação nos meios de comunicação” (PEREIRA, 2011, p.24). Ao permitir a entrada de intelectuais que atuam em âmbito regional, o suplemento *Cultura* contribui para a formação desse campo local de circulação, ou ao menos mostra uma determinada representação do segmento proposta por um veículo hegemônico como ZH. Relaciona-se, em parte, aos suplementos de meados de século

³⁶ Citado por Abreu (1996) e Travancas (2001).

XX, que se colocavam como redes de sociabilidade para muitos intelectuais, servindo como parte do processo de estruturação do campo (ABREU, 1996).

Outra forma de colaboração no *Cultura* são os textos provenientes de agências de notícias nacionais ou internacionais. Uma das instâncias que mais se destaca nesse sentido é o jornal britânico *The Guardian*, que tem um forte acento na área cultural. São pacotes assinados por ZH e dos quais o suplemento aproveita textos considerados interessantes o bastante para serem publicados. Segundo Luiz Antônio Araujo, para ser utilizado, um texto de agência deve ter, acima de tudo, qualidade. “A matéria de agência é publicada quando ela é boa” (ARAUJO, 2012). Outros critérios entram em cena ao se decidir por uma pauta assim:

O tema tem que ter atualidade, ele tem que ter alguma relevância para o público da *Zero Hora*. Nós assinamos várias agências, assinamos vários jornais, todos de qualidade, além do *Guardian*, a *AP*, *AFP*... Agora estamos assinando pacotes do *New York Times*, que é um material muito bom, um material que eu leio, que eu gosto de ler, mas que não cabe no *Cultura*. Porque em geral, no *Cultura*, a briga é para estar ali, para botar o pé na página. Eu não me preocupo até em dizer “um determinado assunto eu vou ter”. Porque vão ter cinco assuntos querendo entrar. E aí vai entrar aquele que é mais da hora, que é mais atual, que é mais local, que eu tenho alguém para produzir um conteúdo que seja um conteúdo que se coadune com o localismo, com a atualidade. (ARAUJO, 2012)

Para que possamos ter uma visão geral dos colaboradores mais recorrentes do *Cultura* durante a amostra estudada, apresentamos a tabela abaixo³⁷. Foram considerados seus nomes, principal ocupação (da forma como é explicada no caderno, ao serem apresentados os autores), e sua instituição/empresa atual de atuação profissional.

Colaborador	Ocupação	Instituição vinculada	Textos
Celso Loureiro Chaves	Colunista	Zero Hora/UFRGS	26
Cláudio Moreno	Colunista	Zero Hora	24
Luiz Antônio Araujo	Jornalista/editor	Zero Hora	21
Carlos André Moreira	Jornalista	Zero Hora	15
Fábio Prikladnicki	Jornalista	Zero Hora	15
Luís A. Fischer	Colunista	Zero Hora/UFRGS	14
Ricardo Chaves	Colunista	Zero Hora	8
Daniel Feix	Jornalista	Zero Hora	7
Kathrin H. Rosenfield	Professor universitário	UFRGS	6
Moacyr Scliar	Escritor	Zero Hora	5

³⁷ A presente tabela mostra apenas os nomes que tiveram três participações ou mais no período. Uma lista completa, com todos os colaboradores do caderno em 2010, pode ser vista na seção de anexos deste trabalho.

Carla Menegat	Doutoranda	UFRGS	4
Léo Gerchmann	Jornalista	Zero Hora	4
Eduardo Vieira da Cunha	Prof.universitário/artista plástico	UFRGS	3
Joana B. de Figueiredo	Professor	Studio Clio	3
Patrícia Rocha	Jornalista	Zero Hora	3
Roger Lerina	Jornalista	Zero Hora	3
Wilson Alves-Bezerra	Professor universitário	UFSCar	3

Tabela 1 – Relação de autores com três ou mais textos publicados no caderno *Cultura* em 2010.

Ao todo, foram encontrados 155 autores diferentes entre os 319 textos assinados, demonstrando certa repetição de nomes. De modo geral, o suplemento apresenta uma dificuldade em apresentar vozes de fora do circuito local, valorizando alguns personagens recorrentes no cenário cultural gaúcho. Ao aparecerem no *Cultura*, eles acabam tendo seus lugares de prestígio nesse sistema referendados. A fim de simplificar a apresentação dos resultados, dividimos os colaboradores em grupos que serão explicados a seguir.

4.3.1 Os colunistas: saber consagrado pela vida acadêmica

Os dois autores mais frequentes do *Cultura* são os colaboradores fixos que nele escrevem quinzenalmente: Celso Loureiro Chaves, com sua coluna sobre música (inicialmente intitulada *Música* e, mais tarde, *Sonoridades*), e Cláudio Moreno, que escreve sobre língua portuguesa (*O Prazer das Palavras*). Moreno é doutor em Letras, professor e escritor. Lecionou nos cursos de Letras e Jornalismo da UFRGS; atualmente é coordenador da área de língua portuguesa em colégios do Sistema Unificado de Ensino. Chaves é formado em Música e Arquitetura, doutor em Composição, professor e crítico musical. Atua como professor titular de História da Música e Composição no Instituto de Artes da UFRGS.

O *Cultura* contava em 2010 com quatro colunistas fixos, que permanecem os mesmos até hoje. Um folhetim escrito por Tabajara Ruas passou a ser publicado, todos os sábados, na contracapa do caderno desde janeiro de 2012, não fazendo parte do nosso corpus de pesquisa. Além de Chaves e Moreno, colaboram periodicamente com o suplemento Luís Augusto Fischer, escritor e professor de Literatura Brasileira na UFRGS, autor de *Pesqueiro*, sobre temas variados, com ênfase na literatura; e o fotógrafo Ricardo Chaves, que escreve *Reflexo*,

sobre fotografia. Eles apareceram, respectivamente, na sexta e sétima posições na lista dos autores, tendo textos publicados mensalmente. Ricardo Chaves tem menos participações porque sua coluna estreou apenas em maio de 2010, junto com a nova reforma gráfica do caderno, enquanto a de Fischer já vinha sendo publicada. No período, Fischer esteve presente ainda como autor de outros textos além de sua própria coluna.

O editor esclarece que a escolha dos participantes fixos do *Cultura* se dá a partir de uma combinação de fatores: a relação com *Zero Hora*, a posição ocupada em suas respectivas áreas e a qualidade do texto.

Os colaboradores fixos têm a ver com uma relação com o jornal, evidentemente, mas essa relação é presidida pela contribuição que cada um tenha a dar na sua área. Os três colaboradores fixos, os quatro, são pessoas de absoluta autoridade nas suas respectivas áreas. E escrevem bem. (ARAUJO, 2012)

Três dos quatro colunistas possuem uma estreita relação com a UFRGS, tendo ali construído boa parte de sua formação acadêmica. A recorrência de nomes ligados à UFRGS será novamente explorada quando tratarmos dos colaboradores eventuais que são professores universitários ou estudantes de pós-graduação. A proximidade de Chaves, Moreno e Fischer com a vida acadêmica e o ensino demonstra, por parte do suplemento, uma intenção de apresentar ao leitor o saber reconhecido, consagrado, estendendo o prestígio conferido pela academia ao próprio caderno. Assim, corrobora a pretensão de ser um espaço formativo e diferenciado, que pretende aproximar-se do leitor por meio do conhecimento.

4.3.2 Predominância dos jornalistas de *Zero Hora*

Além dos colunistas fixos, existem pessoas que colaboram com o caderno de forma eventual, sem um compromisso periódico com a publicação. Entre elas destacam-se jornalistas que possuem vínculo empregatício com *Zero Hora*, pertencentes especialmente à editoria de cultura. “O *Cultura* é uma parte da produção do *Segundo Caderno*. Portanto, todos os colaboradores da equipe do *Segundo Caderno*, que são em torno de quinze jornalistas, produzem também para o *Cultura*” (ARAUJO, 2012). Jornalistas de outras editorias podem participar, mas isso não é tão comum em razão do planejamento que a equipe do suplemento consegue ter, segundo Araujo (2012).

Entre os nomes vinculados a *Zero Hora* que aparecem com frequência estão o do próprio Luiz Antônio Araujo. Com 21 textos publicados, ele é o terceiro autor que mais aparece no período. Em seguida vem Carlos André Moreira, repórter do *Segundo Caderno* (15 textos), com suas contribuições sobre literatura e livros. Ele participa eventualmente com traduções de textos estrangeiros. Com o mesmo número de participações está Fábio Prikladnicki, também repórter da editoria. Nesse grupo ainda se destacam Daniel Feix, editor assistente do *Segundo Caderno*, e Léo Gerchmann, repórter da editoria de Geral. Muitos ainda tiveram apenas um ou dois textos publicados durante a amostra.

Nota-se que a presença de um grande número de colaboradores ligados diretamente à própria empresa jornalística que edita o *Cultura* (identificados como pertencendo a ZH, ao Grupo RBS ou a outros veículos), indica um acento na produção local e da casa. Esses autores ganham visibilidade ao terem textos publicados em um espaço que se propõe um palco de debates e discussões mais aprofundadas, diferenciado em relação às outras partes do jornal.

Um dos autores que estudou a relação entre jornalistas e a atividade intelectual foi Fábio Pereira (2011), usando o termo *jornalistas-intelectuais* para designar aqueles que se dividem entre as redações e outras atividades de cunho intelectual. No *Cultura*, entre os autores considerados jornalistas identificamos os que ocupam outras funções além dessa, como Zuza Homem de Melo, jornalista, radialista, crítico, musicólogo e produtor musical; Leandro Sarmatz que, além de jornalista, é autor teatral e escritor; Jayme Eduardo Machado, jornalista e ex-subprocurador-geral da República etc., além daqueles exercem também um papel acadêmico como a docência, o mestrado e/ou o doutorado.

4.3.3 Conhecimento legítimo e institucionalizado: as universidades

Em nosso levantamento sobre os colaboradores do suplemento *Cultura* em 2010 destacaram-se aqueles ligados a universidades, pessoas que cultivam um trabalho acadêmico e têm no caderno um meio de exposição desse exercício. São autores vinculados a um conhecimento legitimado, produzido dentro da esfera acadêmica. A UFRGS é uma das instituições da qual é oriundo o maior número de colaboradores, mas outras também foram salientadas, como a Universidade Federal de Santa Maria, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), a Unisinos, e demais instituições nacionais e estrangeiras.

São professores universitários, pesquisadores, doutores e doutorandos, mestres e mestrandos, que representam o saber consagrado³⁸.

Uma vez inseridos no processo de produção jornalística, esses acadêmicos precisam, cada vez mais, submeter-se às regras desse campo para que possam ser compreendidos pelo público do jornal, que é bem mais amplo e heterogêneo que o das áreas especializadas. A questão das diferentes linguagens utilizadas em um meio e outro é trabalhada por Nina (2007), quando estuda a crítica literária nos jornais. De acordo com sua percepção, hoje a crítica está dividida entre aquela escrita pelos acadêmicos, que veem nos suplementos um meio para dar vazão à sua produção em um ambiente exterior à academia, e aquela produzida pelos jornalistas nas redações, profissionais que muitas vezes não possuem a especialização necessária para escrever um texto desse tipo. “São dois mundos distantes, pois revelam formas diferentes de perceber as obras e de transmitir essa percepção aos leitores” (NINA, 2007, p.29). A saída seria buscar o meio termo entre algo completamente teórico e puramente impressionista, no qual seja valorizada a clareza na exposição das ideias. Mesmo que muitos textos sejam escritos por pessoas acostumadas ao trabalho acadêmico, de forma geral eles se adaptam ao formato do suplemento. Muito disso se deve ao próprio trabalho do editor. Luiz Antônio Araujo comenta o processo de edição do material recebido, que segundo ele deve respeitar os propósitos do caderno.

[...] eu me dei conta que um editor, mesmo de um caderno que se propõe a ser um caderno de textos de alta qualidade, pode fazer muito para melhorar a qualidade do que é escrito. E essa responsabilidade é ainda maior quando ele lida com colaboradores que não são parte da equipe permanente do jornal. Nós temos um desafio, digamos, que é o de fazer com que pessoas que conhecem ao extremo, que conhecem de forma altamente competente, altamente especializada, suas áreas consigam escrever de uma maneira que seja vista pelo leitor da *Zero Hora*. O *Cultura* é um caderno que faz parte de um jornal dirigido para um público de 200 mil leitores [...], que ele seja visto por esses leitores não como um caderno especializado, como um caderno hermético, como um caderno obscuro, mas como um caderno que é dirigido para ele. Eu tenho a pretensão de que o leitor comum do *Cultura* pegue o caderno e diga: “puxa, esse caderno foi feito para mim”. Mesmo que esta pessoa nunca tenha ouvido falar do Clint Eastwood, que ela pegue uma edição dedicada aos 80 anos do Clint Eastwood, como nós fizemos em 2010,

³⁸ Na amostra analisada, os nomes mais recorrentes nesse sentido foram o de Kathrin H. Rosenfield, professora do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, com seis textos; o de Carla Menegat, mestre em História pela UFRGS, com quatro; o de Eduardo Vieira da Cunha, professor do Instituto de Artes da UFRGS e artista plástico, com três; e o de Wilson Alves-Bezerra, professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (SP) e tradutor, também com três. Podemos citar ainda aqueles que colaboraram com apenas um ou dois textos em 2010, que podem ser conferidos na tabela publicada em anexo.

e pense: “aqui tem alguma coisa pra mim, aqui tem algo que, se eu já não conheço, eu devo conhecer”, independentemente do grau de conhecimento que esta pessoa possa vir a ter sobre cinema ou sobre outras coisas. Então é muito frequente eu pedir que as pessoas reescrevam os textos. É muito frequente eu recusar textos. É muito frequente eu mexer nos textos e enviar para as pessoas. Eu acho que o editor, principalmente o editor de cultura, ele tem que fazer isso.

Quando eu comecei, quando eu editei o *Cultura* pela primeira vez, eu não pensava assim, eu às vezes tinha um pouco de pudor de pedir para um grande escritor ou para um professor com muitos anos de ensino, de pesquisa, para reescreverem. E eu perdi completamente este prurido. Eu tenho hoje isso como parte da minha missão [...]. (ARAÚJO, 2012)

Mesmo escrito por colaboradores de fora, os textos devem ser trabalhados jornalisticamente. Ao defender a acessibilidade do material ao leitor comum, o *Cultura* retoma os objetivos expostos em outras fases do caderno apresentados no capítulo anterior, como atingir todos os leitores, sem exceções, tentando não ser um veículo extremamente acadêmico. Além de autores vinculados às universidades, jornalistas e colunistas fixos, destacaram-se os agentes que atuam no circuito da cultura.

4.3.4 Os agentes culturais

Não é raro serem publicados no caderno textos de pessoas envolvidas de alguma forma no sistema de produção e distribuição da cultura, como diretores, escritores e até mesmo políticos. No período estudado é o caso, por exemplo, de Luciano Alarbase, diretor teatral e idealizador do Porto Alegre em Cena; Jorge Furtado, diretor de cinema, escritor e tradutor; Mônica Leal, então titular da Secretaria da Cultura do Estado; Aracy Balabanian, atriz; Carlos Rodriguez, barítono; Ismael Caneppele, autor de teatro e cinema; Claudia Tajés, Fabrício Carpinejar e Moacyr Scliar, ainda vivo na época, escritores, entre outros que tiveram textos editados em 2010. A questão da autoria é bastante valorizada. Percebemos isso no pequeno texto de apresentação que acompanha o nome de cada colaborador. Quando o autor de um texto é responsável por uma obra, a informação é sempre frisada. Após sua ocupação principal é colocado o complemento “autor de (título da obra e informações básicas)”. Para esta contagem, consideramos escritores apenas aqueles identificados como tal.

Esses agentes culturais têm nos suplementos semanais espaços importantes para sua expressão, uma vez que podem atuar como os próprios autores dos textos. Nos cadernos

diários sua aparição se dá principalmente como fontes consultadas nas matérias escritas pelos repórteres da editoria. Ao participar dos suplementos, agentes envolvidos nas instâncias de criação, circulação e divulgação de bens têm seus discursos validados e alcançam uma legitimidade para fazer parte desse sistema. Especialmente quando relacionados ao campo de produção local, eles ainda se tornam os próprios leitores desses cadernos. Isso acontece com os outros grupos de colaboradores, como os ligados à esfera universitária, jornalistas etc., fazendo com que a visibilidade alcançada nesse espaço chegue também aos pares, não apenas ao público externo às áreas especializadas. Na nossa amostra, notamos que muitos colaboradores se repetem ao longo do período, demonstrando um sistema composto por vozes reconhecidas e que apresenta dificuldade em abrir-se para novos autores, mesmo que isso aconteça em uma proporção reduzida. Aparecer como colaborador nas páginas de um suplemento nos moldes do *Cultura* é um indicativo de prestígio e distinção entre os pares e na relação desses autores com o público.

4.3.5 Geografia dos colaboradores

Na análise sobre os colaboradores percebemos que mesmo estando aberto a nomes nacionais e estrangeiros, o que aponta uma tentativa de aproximar-se de um caráter mais cosmopolita, além de uma busca por prestígio ao expandir as fronteiras, a grande maioria dos autores presentes nas páginas do caderno são locais. Dentre os 319 textos assinados, a proporção de autores gaúchos ou que atuam profissionalmente no estado representa significativos 84% (ou 269 ocorrências). A participação de autores locais acontece até mesmo quando se trata de um tema nacional ou internacional que não diga respeito necessariamente ao Rio Grande do Sul, mas que é abordado a partir de uma perspectiva regional. O gráfico abaixo mostra com mais clareza essa proporção:

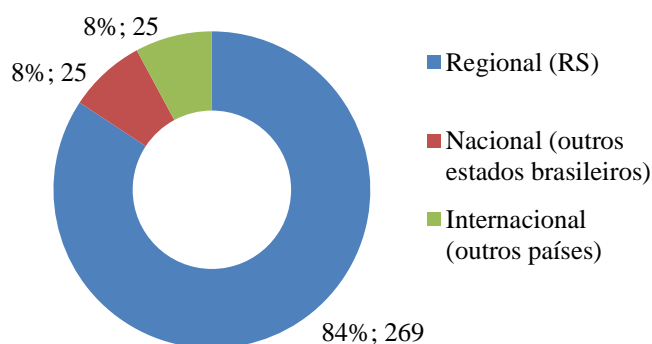


Gráfico 7 – Origem dos autores dos textos publicados em 2010 no caderno *Cultura*, levando em consideração seu local de atuação profissional. Porcentagens sobre os 319 textos assinados.

No caderno *Cultura*, as proporções de autores oriundos de outros estados brasileiros e de outros países, mesmo em menor quantidade, se somadas, alcança uma marca de 16% (ou 50 aparições ao todo). Entre os brasileiros, citamos como exemplo o jornalista Daniel Piza, falecido em 2011, de São Paulo; o diplomata e tradutor Jorio Dauster, do Rio de Janeiro; o professor Silvio Marcus de Souza Correa, de Santa Catarina, etc. Entre os estrangeiros, temos o jornalista argentino Edgardo Litvinoff, co-editor do jornal *La Voz del Interior* (de Córdoba). Em 2010 foram publicados textos de nomes de relevância no cenário internacional, como do teórico britânico Terry Eagleton e do historiador italiano Carlos Ginzburg, entre outros, muito em função da cobertura do ciclo de palestras *Fronteiras do Pensamento*, que trouxe personalidades do cenário cultural internacional para Porto Alegre.

A presença de autores atuantes em âmbito nacional e internacional em suplementos como o *Cultura*, mesmo não sendo maioria, indica uma busca dessas publicações por extrapolar as fronteiras físicas da sociedade à qual se referem. Ao mesmo tempo, há uma forte valorização da perspectiva local, da apresentação de temas e ideias seguindo uma lógica regional, o que mostra uma tentativa de estar sintonizado tanto com o que aqui acontece na esfera cultural quanto com o discurso já conhecido e enraizado nessa mesma comunidade.

Junto com os demais levantamentos conduzidos até aqui, essas informações nos ajudam a recolher indícios que atuarão na compreensão da representação feita pelo caderno *Cultura* da movimentação cultural de uma sociedade. No próximo capítulo, apresentaremos quais são as grandes ideias reforçadas pela publicação para construir esse entendimento.

5 A CARTOGRAFIA DO SISTEMA DE CULTURA

A fim de vislumbrar um quadro da movimentação cultural local, buscamos identificar os principais parâmetros de compreensão propostos pelo suplemento semanal *Cultura*, veiculado em um jornal hegemônico como *Zero Hora*. Nossa intenção é descobrir aquilo que a publicação repete e enfatiza ao retratar a vida cultural, propondo ao leitor uma determinada interpretação desse sistema. As inferências foram feitas a partir do contato que tivemos com a publicação e com os resultados obtidos durante a análise do material, apresentados nos capítulos anteriores. Também aproveitamos informações sobre os bastidores de produção do caderno recolhidas durante a entrevista com seu editor, Luiz Antônio Araujo, que complementaram os dados alcançados.

5.1 Mapas para interpretar a movimentação cultural

O jornalismo pode ser considerado uma das formas existentes de interpretação da realidade social (GOMIS, 1991). Entre tudo o que acontece, seleciona um número reduzido de fatos para que sejam de conhecimento do público, tendo conquistado historicamente uma legitimidade para produzir uma reconstrução discursiva do mundo (FRANCISCATO, 2005). Nesse processo, no qual se pressupõe a correspondência entre a realidade e o discurso jornalístico, atua um elemento fundamental, a credibilidade.

Para tornar o trabalho jornalístico possível de ser realizado são aplicadas rotinas produtivas que facilitam seu processo de produção. Entre elas está o uso de determinados critérios, resultado do partilhamento de valores em uma sociedade (FRANCISCATO, 2005), que ajudam a definir se um fato tem potencial para ser transformado em notícia. Ao selecionar os acontecimentos que ficarão visíveis, o jornalismo mostra apenas um pedaço pequeno do mundo, ajudando a formar a realidade social.

Como vimos, os valores-notícia podem ser vistos também como mapas culturais que ajudam a formar um certo entendimento do mundo. Ao repetir e enfatizar determinadas ideias, um veículo jornalístico acaba revelando qual é o mapa de interpretação da sociedade que oferece ao leitor. São os critérios que aí transparecem que, ao utilizarem valores comuns,

permitem que os fatos sejam assimilados e compreendidos pelo público, já que os relacionam com identificações culturais conhecidas. Como afirma Benetti (2010), o poder do jornalismo está na repetição e no reforço de ideias, podendo ser visto como um aferidor dos valores predominantes em determinado momento histórico. O caderno *Cultura*, como qualquer outro produto jornalístico, ao enfatizar determinados elementos, serve de guia para a identificação de parâmetros de compreensão do sistema artístico e cultural de sua comunidade.

No terceiro capítulo, quando apresentamos o levantamento da recorrência dos valores-notícia nos textos do suplemento seguindo a classificação de Traquina (2008), percebemos que o caderno oferece ao leitor um retrato da vida cultural baseado especialmente em três deles, com representatividade bem maior que os demais, que são, na verdade, normas de rotinização do trabalho jornalístico. São eles: a atualidade dos fatos, a notoriedade dos sujeitos envolvidos e a proximidade, física ou cultural, dos acontecimentos para com o público.

5.1.1 A atualidade como âncora editorial

Mesmo tendo uma periodicidade semanal, e portanto uma relação mais elástica com o tempo, o suplemento *Cultura* mostra uma acentuada preferência por tratar de assuntos atuais, estando frequentemente em busca da novidade. Franciscato (2005) destaca a forma padronizada com que o jornalismo enxerga os eventos, com um olhar direcionado de modo a destacar nos fatos aspectos que tenham atualidade. O *Cultura* considera a novidade um dos fatores mais importantes para atrair o interesse do público, seguindo a tradição histórica do jornalismo de apresentar os eventos mais recentes. Mesmo que algumas vezes apenas o gancho para a publicação de uma matéria esteja no atual, e o tom do texto seja ligado ao passado e à memória, a atualidade é um fator determinante. Com exceção da categoria *Sem gancho*, todas as demais justificativas de publicação estão ligadas de alguma forma ao novo. Sejam os lançamentos e eventos da área cultural ou acontecimentos jornalísticos situados fora desse campo, a efeméride, a polêmica, a morte, e até os leitores que se dirigem aos colunistas para tirarem suas dúvidas, todos estão ancorados de alguma forma no presente.

O editor Luiz Antônio Araujo afirma que o fato de o caderno ter periodicidade semanal não é contrário à sua intenção de registrar o novo. Em algumas situações, inclusive,

algo imprevisível pode ocorrer de última hora e a produção do suplemento tem que ser revista para que possa abarcar o novo acontecimento:

[...] a ideia de que o *Cultura* é um caderno semanal, do nosso ponto de vista, não pode ser contraditória com a necessidade do *Cultura* ser um caderno que responda as questões do dia. Nós não podemos imaginar que nós, por termos uma periodicidade semanal, possamos ignorar aquilo que acontece no dia. Eu vou usar dois exemplos: um deles, em 2010, quando morreu José Saramago. Saramago morreu numa sexta-feira, dia 18 de junho. O *Cultura* estava fechado. Sexta-feira pra nós não é um dia de edição, não é um dia de baixamento, é um dia em que o caderno segue para impressão, mas ele está pronto, no máximo, na quinta-feira à noite. Quer dizer, não se faz nada, não se muda nada, não se edita páginas, não se revisa, não se produz infografia ou texto ou fotografia na sexta-feira pela manhã – o *deadline* do caderno é às 12 horas. O Saramago morreu de madrugada, eu fiquei sabendo disso na sexta por volta das nove horas da manhã e o caderno, às 12h30, baixou uma edição totalmente virada, como a gente diz, focada no legado do Saramago. (ARAUJO, 2012)

O jornalismo é, de fato, uma das formas existentes de registro do presente, do que se fala, produz e do que se vive no agora. Se forem consultados, alguns anos à nossa frente, os jornais que circulam hoje poderão fornecer um vislumbre da movimentação social de nossa época, aquilo que estava chamando a atenção da comunidade jornalística. O caderno *Cultura*, de acordo com as informações obtidas com a análise de conteúdo, mostra-se um suplemento ligado principalmente à movimentação cultural contemporânea. Há um grande número de pautas relacionadas a lançamentos, estreias, eventos que estavam acontecendo ou que aconteceriam em breve, polêmicas instauradas no campo cultural e que geraram a continuidade, mortes recentes de personalidades, efemérides lembrando datas importantes do passado. Nesses dois últimos casos, o tom dos textos normalmente foge um pouco para a memória, já que costumam lembrar aspectos ligados à vida das pessoas e aos fatos a que se referem às efemérides.

Em um trabalho sobre o *Cultura* é importante frisar que, mesmo sendo bastante ligado à atualidade, o caderno não deixa de lado outras indicações de tempo, como mostra a presença marcante do passado entre as referências temporais identificadas nos textos. Quando resgata a memória, abordando momentos e personalidades que tenham sido importantes para o estado, para o país ou para o mundo em determinado momento, o suplemento de ZH demonstra uma intenção formativa, buscando informar o leitor sobre aquilo que considera mais importante em termos históricos. A história é, inclusive, o terceiro segmento temático mais presente no caderno, o que mostra a atenção dada ao tema pela publicação.

Também foram encontradas algumas referências ao futuro, mas em quantidade bem inferior se comparadas às indicações dos outros dois tempos. O futuro aparece muito pouco, geralmente acompanhado de uma perspectiva presente, mostrando que a principal preocupação do suplemento de ZH não é identificar e antecipar tendências. O suplemento pretende fazer um registro de seu próprio tempo, montando um quadro do sistema local e da movimentação em torno de temas que ocupam os debates sobre cultura.

5.1.2 Notoriedade e construção do prestígio

A análise do caderno *Cultura* revelou que a notoriedade dos sujeitos é um aspecto central da sua cobertura, sendo um dos elementos mais valorizados ao tratar dos temas culturais. A notoriedade pode se referir tanto aos agentes culturais que são tema das matérias quanto aos indivíduos que escrevem textos para o suplemento na condição de colaboradores, fixos ou eventuais.

A grande maioria dos autores que participa do caderno conquistou certa legitimidade em suas áreas para tratar com autoridade os assuntos que abordam. De mesmo modo, os sujeitos que são tema dos textos do suplemento são reconhecidos pelo campo, confirmando a perspectiva de que o jornalismo cultural baseia-se em artistas e obras notórias (SEGURA; GOLIN; ALZAMORA, 2008). Na verdade, o *Cultura* segue um preceito comum no jornalismo e já notado por Galtung e Ruge (1993), os primeiros autores que se preocuparam com a identificação e sistematização dos valores-notícia: a importância dada aos fatos que se referem às pessoas de elite, nesse caso, intelectual.

Se tentarmos montar um mapa do sistema de cultura de onde emergem os agentes que têm voz no caderno de ZH, perceberemos que as áreas mais realçadas pela publicação foram especialmente a literária, em função da predominância, entre os agentes culturais, de autores identificados como escritores ou ligados de alguma forma a essa atividade. Em uma segunda posição encontramos os colaboradores ligados à instância crítica, identificados como críticos das mais diferentes áreas da cultura; seguidos pelos profissionais da música. Em menor escala há as ocupações ligadas às artes plásticas, artes cênicas e ao cinema. Além das profissões relacionadas às artes, encontramos um número relevante de psicanalistas, reafirmando a importância do movimento psicanalítico em Porto Alegre. Médicos, historiadores e cientistas

políticos também fazem parte das ocupações que tiveram representantes com textos publicados em 2010.

Dando espaço a esses agentes intelectuais o suplemento atua na construção e reconstrução do prestígio que os envolve, ao mesmo tempo em que silencia sobre um número muito maior de nomes, temas e discussões. São pessoas que têm sua notoriedade, seu valor como sujeitos, criado e referendado pelo próprio campo cultural, pelo mercado ou pelo campo científico, de onde saem muitos dos colaboradores do *Cultura*, como retomaremos adiante. Assim o caderno reafirma o valor na criação e na autoria, aspectos centrais citados por Bourdieu (2009), quando busca compreender as dinâmicas do campo artístico. Segundo o autor francês, o artista, o criador, é um dos principais responsáveis pelo valor conferido a uma obra de arte. O campo artístico seria o lugar em que se produz e reproduz a crença no valor da arte e na criação. O mesmo acontece no jornalismo cultural.

No *Cultura*, além de ser recorrente a referência a autores reconhecidos, que já tiveram a crença na sua autoridade reproduzida, é muito comum a repetição de nomes entre os colaboradores, revelando um quadro restrito do sistema local de cultura, no qual sempre as mesmas pessoas adquirem visibilidade. Nesse grupo se destacam principalmente os colaboradores ligados às universidades. Valorizando em especial a produção acadêmica gaúcha, o caderno tem a intenção de ser um espaço para divulgação do trabalho desse grupo:

[...] o *Cultura* pretende ser também, e muito, uma porta de entrada para a intelectualidade, para a comunidade acadêmica, para os articulistas que não são necessariamente empregados da RBS ou da própria redação da *Zero Hora*. Nós queremos que o *Cultura* tenha muita participação, e achamos que poderia ter mais, da comunidade acadêmica gaúcha e de outros estados. (ARAUJO, 2012)

Dessa forma, o suplemento se coloca como um meio de formação do leitor, fazendo-o ter contato com a produção do conhecimento que é realizada dentro de instituições de ensino como as universidades, e que muitas vezes tem dificuldade de sair desse lugar. Podemos trazer a essa discussão as ideias de Bourdieu (2004), para quem o campo intelectual, como qualquer outro, é permeado por lutas e relações de força que se desenvolvem na busca de um capital caro à área, ao mesmo tempo instrumento e objeto das lutas: o reconhecimento ou consagração. A visibilidade conferida pela imprensa hoje é um dos meios para atingi-lo, especialmente porque o jornal se torna uma vitrine em que diferentes intelectuais podem expor suas ideias e trabalhos, tendo seus textos mediados pelo jornalismo, que aproxima a linguagem especializada do leitor comum.

O caderno *Cultura*, portanto, propõe ao leitor uma aproximação com a universidade, como instituição legitimada para produzir um saber reconhecido. Nesse sistema, a UFRGS é a principal voz de autoridade, de onde são oriundos a maioria dos autores dos artigos publicados pelo suplemento. A movimentação retratada pela publicação no período mostra Porto Alegre como uma cidade de agitação intelectual, por onde circulam expoentes de diversas áreas ligadas e onde se debate os temas que afligem a cultura. A recorrência do ciclo de palestras *Fronteiras do Pensamento* como pauta em 2010, assim como as discussões e polêmicas registradas no campo da política cultural, ajudaram a referendar o prestígio envolvendo os intelectuais que dele participaram. Da mesma forma, ao registrar a polêmica e as discussões acerca da política cultural no estado, reafirmou o valor de instituições como a Ospa e dos agentes a quem deu voz.

Construindo ou reforçando a aura que envolve determinados indivíduos, o suplemento segue a centralidade do discurso nos sujeitos, ou seja, costuma apresentar os fatos ocorridos na área cultural a partir dos indivíduos que deles fizeram parte. A personificação é mesmo algo comum no jornalismo, percebido por autores como Galtung e Ruge (1993) e pelo próprio Traquina (2008), que a coloca entre seus critérios de construção, entendendo-a como a valorização das pessoas envolvidas em um acontecimento. A morte de sujeitos célebres no campo cultural foi uma pauta constante no caderno e exemplifica como o jornalismo está atrelado aos indivíduos de quem fala. Bourdieu (2009) afirma que o valor do discurso de celebração, a biografia, reside no ato de transformar essa pessoa em um personagem memorável, que mereça aquele relato. Portanto, ao registrar falecimentos, o suplemento de ZH atua na construção da memória coletiva sobre os sujeitos, celebrizando-os e reforçando o reconhecimento que alcançaram em seus respectivos campos.

Nesse jogo de relações e de busca por um status cultural diante de diferentes instâncias, o suplemento pega emprestada a legitimidade dos agentes que expõe para si próprio, construindo uma imagem prestigiosa frente ao público. Ao longo do trabalho vimos que o status proporcionado por um suplemento cultural pode se estender ao jornal que o edita, ao público que o lê e aos colaboradores que nele publicam textos. Sendo parte do maior jornal em circulação no Rio Grande do Sul e o único herdeiro no RS da tradição dos suplementos históricos que marcaram a vida cultural em meados do século passado, o *Cultura* ganha especial relevo no jogo por visibilidade e status que envolve essas três instâncias.

Na verdade, esse é um sistema que se auto-alimenta. Lembrando as agências que participam da transformação de um fato em acontecimento público sistematizadas por

Molotch e Lester (1993), podemos dizer que fontes, jornalistas e público atuam como agentes centrais na construção das pautas escolhidas pelo *Cultura*. Os colaboradores que nele publicam e expõem suas ideias, como agentes do sistema cultural local, são ao mesmo tempo leitores do suplemento e as fontes às quais o jornal irá recorrer para conferir credibilidade às matérias. Muitas vezes elas serão os próprios temas desses textos, como no caso de um perfil ou uma entrevista, gêneros recorrentes no *Cultura*. Enquanto isso, também para os leitores, ter acesso a uma publicação diferenciada e reconhecida no campo cultural não deixa de ser um aferidor de distinção em meio aos demais. Para Gonçalves e Faro (2009), as características do jornalismo cultural implicam para o leitor um reconhecimento de sujeito dotado de prestígio social, que procura nessa leitura elementos para aperfeiçoar e construir seu conhecimento. O *Cultura* é um dos suplementos mais lidos de *Zero Hora*, segundo dados disponibilizados pela RBS³⁹, perdendo apenas para o caderno dominical sobre televisão *TV+Show*. Se as pessoas que participaram da pesquisa leem de fato o *Cultura* ou responderam que o fazem por acreditarem ser um hábito que deveria ser alentado, ambas situações indicam a aura de status e suposta erudição que o acompanha.

Portanto, notamos que assim como ocorre com as notícias do jornalismo diário, resultantes de um processo de construção entre agentes sociais distintos, o caderno é fruto da relação entre diferentes sujeitos que são envolvidos pela área cultural. Ao mesmo tempo em que se apropria do status conferido àqueles que fazem parte de sua produção, atua na construção e reconstrução do prestígio que os rodeia, apoiando-se no fato de que o jornalismo e a visibilidade que ele proporciona são meios de se adquirir essa qualidade.

5.1.3 Tensão entre o forâneo e o local: o mundo visto da aldeia

O suplemento *Cultura* também valoriza muito a proximidade, seja ela cultural ou geográfica, dos acontecimentos e temas que retrata com o Rio Grande do Sul, seu espaço principal de abrangência. É natural que o que acontece próximo do leitor desperte mais seu interesse do que aquilo que ocorre longe de sua realidade. No caso de *Zero Hora*, mesmo quando algum fato não está fisicamente ligado ao RS, o jornal busca relacioná-lo com uma perspectiva gaúcha, aproximando-o do público. Seu suplemento semanal de cultura segue

³⁹ A pesquisa foi realizada por Estudos Marplan EGM em 2010, com leitores da Grande Porto Alegre.

uma linha semelhante, procurando relacionar suas pautas, sempre que pode, à realidade regional, possibilitando assim uma maior identificação por parte da audiência.

Apesar de ter como norte o critério local, como foi explicitado pelo próprio editor, a proximidade foi o terceiro valor-notícia mais encontrado, ficando atrás da novidade e da notoriedade. Houve uma tentativa, por parte do caderno, de aumentar seu escopo de abrangência ao incluir na pauta temas nacionais e estrangeiros. Entre as referências espaciais presentes nos textos, a predominância foi, justamente, dos assuntos forâneos, ligados a uma perspectiva internacional. São escritores, artistas, obras, fatos históricos e diferentes acontecimentos jornalísticos relativos a outros países que não o Brasil, que aparecerem retratados nas páginas *Cultura*, embora o gancho para os textos esteja situado no local. Indo além das fronteiras do estado, o suplemento de *Zero Hora* demonstra uma intenção de fornecer um quadro amplo da movimentação cultural, não se restringindo apenas aos fatos que acontecem em sua própria comunidade.

Mesmo com esse objetivo, o apelo regional tem uma centralidade no seu contexto de produção que não pode ser negada, fazendo-o viver uma constante tensão entre assuntos forâneos e locais, como apontou o editor Luiz Antônio Araujo:

O primeiro grande critério é o critério local. [...] o *Cultura* é o principal suplemento com o seu perfil na Região Sul. Se ele não estiver voltado para a vida cultural do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre, da Região Sul, esse vai ser um vácuo que não vai ser preenchido por ninguém. (ARAÚJO, 2012)

Mesmo quando trata de alguma pauta com origem estrangeira, é comum que o caderno aproxime o tema da realidade do seu público. Um exemplo típico dessa tentativa de apresentar uma ligação com os temas forâneos se deu com a vinda a Porto Alegre (como conferencista do *Fronteiras do Pensamento*) do médico congolês Denis Mukwege, que realiza um trabalho com mulheres vítimas de abusos sexuais no seu país e já foi indicado ao prêmio Nobel da Paz. O texto (“Um Quixote no coração da África”, 26 de junho) foi escrito pelo médico gaúcho Milton Paulo de Oliveira, do Hospital da PUCRS, que conheceu Mukwege ao aceitar um convite para operar crianças no Congo, experiência relatada no artigo. A imagem que o acompanha é uma foto de Oliveira operando uma criança com fissura labiopalatina durante sua estada no país africano. A legenda destaca um elemento em especial: o médico usava um gorro com o distintivo do Grêmio.

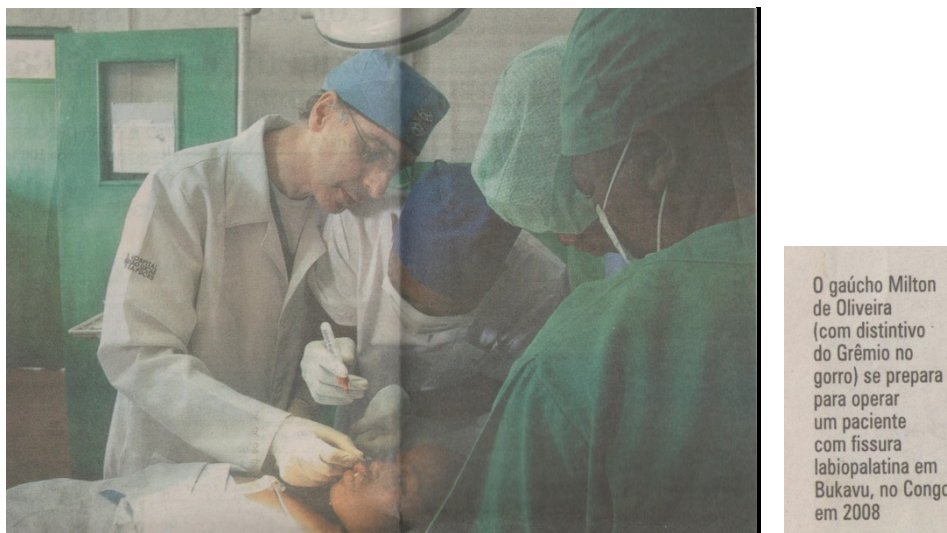


Figura 11 – Médico gaúcho opera criança com fissura labiopalatina no Congo. Ao lado, a legenda escolhida pelo caderno atenta para o gorro com o distintivo do Grêmio.

Esse tipo de abordagem pode ser aliado a outro que acentua bem a valorização da proximidade. A grande maioria dos colaboradores que escrevem no *Cultura* tem origem regional, tecendo seus pontos-de-vista a partir da realidade local. O suplemento apresenta certa dificuldade em trazer outras vozes para escrever os textos, apesar de termos encontrado, em menor grau, colaboradores que atuam em nível nacional e internacional. Assim, revela um sistema artístico e cultural que não se abre muito para outras perspectivas, valorizando e reforçando um olhar constituído no Rio Grande do Sul e formado com base nas referências dessa determinada região. Em muitos casos, mesmo quando um tema está ligado a uma realidade brasileira ou estrangeira, os textos são assinados por pessoas que atuam nesse local. Tais situações limitam uma tentativa do caderno rumo a um caráter mais cosmopolita.

O acento na perspectiva local sempre foi uma marca do jornalismo, mas não deixa de estar relacionado a uma nova tendência de valorização das diferenças locais, surgida diante da perspectiva de uma cultura globalizada, especialmente no Ocidente. Segundo Stuart Hall (2001), frente a uma tendência à homogeneização global, surge um fascínio com relação ao que é diferente, um novo interesse pelo local. Na verdade, o que nasce é uma nova relação entre os dois termos.

A globalização (na forma da especialização flexível e da estratégia de criação de “nichos” de mercado), na verdade, explora a diferenciação local. Assim, ao invés de pensar no global como “substituindo” o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre “o global” e “o local”. (HALL, 2001, p.77)

Nossa intenção aqui não é explorar a fundo as diferenças entre o que é considerado global, cosmopolita, e o que é local. Tampouco aprofundar-se na definição desses conceitos, mas podemos aproximá-los de nossa análise, visto que o caderno *Cultura* trabalha com a constante tensão entre o local e o forâneo. Na nova relação que se institui entre as duas perspectivas, surge o termo *glocalização*, cujo primeiro uso no Ocidente se deu por meio do sociólogo inglês Roland Robertson, referindo-se ao processo no qual se misturam características globais e locais. Para Barbosa (2001), é no âmbito local que a cultura global sofre um processo de refuncionalização por meio da assimilação e rejeição, constituindo, assim, a *glocalização*. Todos os lugares estariam relacionados ao global de sua própria maneira. Bencko (apud SANTOS, 2006) chama esse fenômeno de “glocalidade”. Para Santos (2006), adotar um tratamento localista não basta, já que o mundo está em toda a parte.

No capítulo anterior, vimos que o editor Luiz Antônio Araujo crê na relação inseparável entre a cultura do Rio Grande do Sul e outras difundidas pelo mundo que ajudaram a constituir o modo de ser gaúcho. Contudo, ao valorizar sobremaneira a produção intelectual local, especialmente em se tratando de um suplemento cultural, o caderno *Cultura* diminui sua comunhão com outras regiões, afastando-se do cosmopolitismo do modo como o entende Ulf Hannerz (1998), já que ele coloca o cosmopolita em contraposição ao local: uma postura que deveria envolver um relacionamento com uma pluralidade de culturas diferentes, uma verdadeira vontade de se envolver com o Outro.

5.2 As culturas do *Cultura*

Assim como é comum no jornalismo cultural, o levantamento dos temas abordados pelo *Cultura* em 2010 indicou a recorrência das expressões artísticas reconhecidas, principalmente a literatura e a música, o que demonstra uma noção de cultura que a relaciona às suas manifestações mais tradicionais. Dentro dos grupos temáticos identificados, percebemos ainda um acento na produção artística e cultural consagrada, como acontece, por exemplo, quando o caderno aborda obras literárias e autores canônicos ou a música de concerto. De modo geral, as pautas dos cadernos semanais de cultura são mesmo formadas por temas relacionados à ideia de erudição (PIZA, 2008).

O suplemento faz uma constante referência ao clássico, sendo esse conhecimento um dos elementos determinantes em uma caminhada rumo ao ser culto. No caso da música, a coluna de Celso Loureiro Chaves colabora para a predominância do gênero erudito sobre os demais, já que é assunto para praticamente todos os seus textos. Outro espaço, a coluna sobre língua portuguesa *O Prazer das Palavras*, do professor Celso Moreno, enfatiza a importância de se conhecer o saber legitimado, abordando questões relativas a uma linguagem formal.

O mesmo acontece com os textos que tratam sobre literatura. Entre todos os segmentos temáticos, esse foi o mais valorizado pelo caderno no período estudado, tendo tratado predominantemente sobre obras e autores consagrados. Sua recorrência aproxima o *Cultura* da tradição dos suplementos históricos. Basicamente, todos eles tiveram a literatura como segmento recorrente em suas edições. Nos anos 1950, por exemplo, *O Suplemento Literário*, do *Estado de S. Paulo* (criado em 1956), foi um dos que mais se destacou. A publicação pôde contar com a contribuição do crítico literário Antonio Candido, responsável inclusive pelo projeto do suplemento apresentado à direção do jornal (LORENZOTTI, 2007). Criado no mesmo ano, o SDJB, do *Jornal do Brasil*, também ficou conhecido pela qualidade das suas discussões literárias. Hoje, embora sejam mais comuns cadernos que, como o *Cultura*, lidam com temas diversos do mundo cultural, algumas publicações se mantêm pautadas especificamente pelo mundo dos livros. Um exemplo é o *Sabático*, encartado aos sábados no jornal *O Estado de S. Paulo* e lançado em 2010. Diferente das experiências históricas dos suplementos literários, ele é voltado para os lançamentos do mercado editorial.

Ao mesmo tempo em que valoriza as artes e suas formas clássicas de expressão, o *Cultura* tem a característica de ampliar seu escopo temático, apresentando discussões que vão da história à psicanálise, passando pelo próprio jornalismo, pela política, pelas questões do pensamento, entre muitas outras. Para Rivera (1995), o jornalismo cultural trabalha com uma gama variada de temas, que será reduzida ou ampliada de acordo com o conceito de cultura explorado por uma publicação. Ele retoma o pensamento de Edward Shils, para quem a heterogeneidade temática está ligada a uma decisão econômica, uma vez que assim pode atingir e agradar grandes públicos.

Com a análise temática do *Cultura* podemos observar que o caderno segue a tendência dos suplementos culturais de valorização das artes e da norma culta, expandindo a sua cobertura ao tratar de assuntos ligados a campos como a história, a política, a filosofia, as ciências humanas e as naturais, entre outros. Curiosamente, podemos aproximar os resultados alcançados com o estudo feito por Cardoso (2009) sobre o *Caderno de Sábado* do *Correio do*

Povo, mesmo relativizando a comparação por se tratarem de períodos históricos muito diferentes: 2010, no caso no *Cultura*, e 1967, 1968 e 1969, no caso do *Caderno*. Mesmo assim, lembramos que o pesquisador identificou um resultado semelhante ao nosso quando analisou as temáticas da publicação do CP. Seu levantamento mostrou a predominância do tema literatura e livros, seguido por história e música, para citar os três primeiros. Além deles, outros foram identificados nos dois trabalhos, como as artes plásticas, o cinema, a filosofia, a política, o teatro etc. Ter conhecimento sobre esses segmentos, portanto, seria um indicativo de cultura, assim como o aprimoramento da leitura de textos ligados à opinião, à informação aprofundada e à própria literatura. Mais do que saber muito sobre determinado assunto, a noção de cultura do suplemento de ZH implica que ser culto é conhecer um pouco sobre diversos aspectos relacionados ao campo cultural. Essa noção está relacionada também ao consumo, um dos pontos centrais da cultura contemporânea.

5.2.1 Guia de consumo em um mercado de fluxo contínuo

Vivemos um momento em que as noções de cultura e consumo andam lado a lado, uma hipermodernidade marcada pela lógica do extremo, na qual estamos sempre em busca do suprimento de nossas necessidades (LIPOVETSKY; CHARLES, 2004). Cultura e economia, nesse contexto, adquirem uma centralidade inédita, tornando-se aspectos fundamentais da sociedade contemporânea.

O sistema da cultura oferece produtos em fluxo contínuo no mercado de bens, no qual a oferta é muito maior que a demanda por eles. Os cadernos de cultura tentam seguir o ritmo frenético do mercado, buscando dar conta de registrar o grande número de produtos culturais que chegam às redações. Mesmo os suplementos semanais, relacionados a um tempo maior de maturação das ideias, não podem ficar fora da lógica mercadológica, procurando retratar, se não da totalidade, ao menos aqueles produtos que consideram mais importante o leitor ter e conhecer.

Já destacamos que os suplementos semanais são geralmente publicados nos fins de semana. Esses veículos não deixam de ser uma proposta dos jornais para que o leitor ocupe o seu tempo livre com um meio que ofereça uma leitura inteligente e que colabore com o cultivo do intelecto. Quando apresenta o que o público deve saber e também o que deve

adquirir para esse aperfeiçoamento, o jornalismo cultural associa o consumo cultural ao tempo de lazer (GOLIN, 2009). Selecionando determinados bens e excluindo outros, interfere nas escolhas do leitor. Conforme Golin (2009, p.27), a mediação operada pelo jornalismo cultural é um aspecto central “para avaliar a relevância desse segmento com determinados bens simbólicos. Muitas vezes, será apenas por meio daquele enunciado, daquela situação de leitura, que um sujeito terá acesso mínimo e parcial a uma determinada obra de arte ou experiência artística”.

Desse modo, os suplementos culturais atuam como verdadeiros guias de consumo, orientando um leitor perdido em meio a uma hiperescolha de produtos (LIPOVETSKY; SERROY, 2011). São tantas ofertas surgindo a cada dia e disputando a atenção do público que nada melhor do que alguém que lhe aponte o que há de melhor entre todas elas, especialmente porque consumir esses bens serve como um elemento de distinção social (CANCLINI, 1997, 2008; FEATHERSTONE, 1995). Essa distinção se dá também pelo próprio conhecimento de temas artísticos, como destaca Canclini (2008). De acordo com ele, para se apreciar uma obra de arte moderna, por exemplo, é preciso ter um bom conhecimento sobre seu campo de produção, saber distinguir traços renascentistas de impressionistas ou hiper-realistas. Tal disposição estética seria adquirida por pertencimento a um determinado extrato social, por se ter acesso a recursos econômicos e educativos, aparecendo assim como algo que se é, não apenas como algo que se tem.

A separação do campo da arte serve à burguesia para simular que seus privilégios se justificam por algo mais que pela acumulação econômica. [...]. As sociedades modernas necessitam ao mesmo tempo da *divulgação* – ampliar o mercado e o consumo dos bens para aumentar a margem de lucro – e da *distinção* – que, para enfrentar os efeitos massificadores da divulgação, recria os signos que diferenciam os setores hegemônicos. (CANCLINI, 2008, p.37)

O caderno de *Zero Hora*, ao mesmo tempo em que segue a tradição dos suplementos culturais ao tratar os assuntos e produtos de que fala com mais profundidade, buscando ir além de sua mera apresentação⁴⁰, enfatiza a centralidade do consumo na sociedade contemporânea quando apresenta pautas baseadas em produtos disponíveis no mercado, reforçando a importância da divulgação desses bens e da distinção que proporcionam. No capítulo anterior, os resultados apresentados indicaram a predominância da categoria *Lançamentos, estreias e eventos culturais* entre os ganchos jornalísticos presentes nos textos,

⁴⁰ Exceto nas notas sobre lançamentos editoriais, que contêm apenas as informações mais básicas sobre cada livro mostrado, e notícias breves.

ou seja, o suplemento pretende fazer o registro de lançamentos como livros, CDs, filmes, peças teatrais, shows ou qualquer outro que possa interessar ao público.

Um dos recursos utilizados pelo *Cultura* que demonstra a preocupação com a economia e o serviço são os boxes informativos que acompanham muitas matérias, recurso editorial comum no suplemento, que oferece ao leitor dados básicos e resumidos sobre o que está sendo tratado. Não apenas para eventos, o mesmo ocorre quando da apresentação de um produto específico, como os livros. Outra estratégia é publicar um pequeno trecho de alguma obra que esteja sendo apresentada. Quando o romance *Vidas Novas*, do escritor alemão Ingo Schulze, foi pauta do caderno, por exemplo, junto com a matéria foi publicado um pequeno trecho do livro, além de uma entrevista com o autor, Schulze, e com o tradutor para o português, o jornalista e escritor gaúcho Marcelo Backes.

A estreita relação da cultura com o mercado ainda aparece nas páginas do suplemento quando retrata produtos e eventos relacionados ao grupo RBS, algo que acontece com frequência, como observamos. Mais do que iniciativas de fomento à cultura, muitos desses projetos visam garantir lucro para a empresa. O editor Luiz Antônio Araujo acredita ser natural que o suplemento cubra iniciativas do grupo, sendo que não deixa de abordar algum evento por não ter envolvimento com a RBS.

É que eu acho que isso é natural, a RBS é uma grande empresa de jornalismo e entretenimento. Empresa numa posição muito sólida no estado. A *Zero Hora* cobre os eventos da agenda cultural. É natural que em um determinado momento isso se cruze com o que a RBS está fazendo. Nós não deixamos de cobrir algo em função de que a RBS não está participando. Não deixamos de cobrir algo em função de que outra empresa, um outro grupo, está fazendo. O que acontece é que normalmente não fazem. Normalmente, entre as empresas de comunicação é raro uma empresa trazer alguém, por exemplo, ou patrocinar um show, é raro. Pelo menos dentro da área do *Cultura*. (ARAUJO, 2012)

Além dos exemplos citados durante a apresentação dos resultados da análise de conteúdo, uma notícia do dia 27 de março mostra a ligação entre os produtos relacionados à RBS e à pauta do *Cultura*. Dentro da seção dedicada aos lançamentos do mercado editorial, um texto em destaque apresenta uma coleção da RBS Publicações sobre a história da Segunda Guerra Mundial. Na notícia estão claras todas as informações de venda, como preço, data das publicações nas bancas, e inclusive telefone e site para os interessados na compra.

Outro aspecto se mostra bastante presente quando analisamos os temas propostos pelo *Cultura* em sua cobertura da movimentação local: pautas ligadas aos eventos da agenda cultural. Apesar de o suplemento valorizar bastante o factual, não está obrigatoriamente

ligado a ele, seguindo a característica desse tipo de publicação de lidar com uma temporalidade mais elástica. Como vimos, quando noticia tais eventos, tenta avançar na reflexão, indo além das informações mais básicas. Mesmo assim, não deixa de ser pautado pela agenda, já que há uma grande recorrência de lançamentos, estreias, e outros tipos de evento que servem como ponto de partida para várias discussões propostas em suas páginas.

Quando atua para a compreensão, contextualização e apresentação de temas relevantes para a cultura local, o caderno mostra-se um meio para o leitor entender e conhecer discussões presentes na vida cultural de sua comunidade. Apresentando os produtos de um mercado que não para de lançar novos bens, sugere, mesmo que nas entrelinhas, que quem não tem acesso a eles pode acompanhar as discussões propostas (já que o caderno faz essa mediação), mas fica de alguma forma excluído do quadro completo da movimentação cultural. O acesso a esses produtos e eventos, assim, ficaria restrito à perspectiva apresentada pelo suplemento por meio da opinião dos colaboradores, fixos ou eventuais, que mediam a relação entre os eventos e a audiência do jornal, auxiliando a formar a interpretação do leitor.

5.3 Mediação do jornalismo especializado: o editor e seus leitores

O jornalismo especializado em cultura, ao lado de instituições como museus, galerias, academias, entre outras, faz parte do jogo de disputas que envolve o sistema artístico-cultural. É um lugar que pode legitimar ou condenar ao esquecimento obras, produtos e artistas ao conferir um capital simbólico precioso no campo, a visibilidade. No jornalismo cultural, esse elemento é ainda mais importante do que em outras editorias, significando prestígio e reconhecimento público (GADINI, 2009).

Segundo Golin (2009), a imprensa pode ajudar na construção de um quadro do sistema cultural de uma época, mas não nos dá acesso a tudo o que foi excluído durante o processo de edição, a todo o material que chega, aos montes, às redações todas as semanas e que não atinge o leitor final. Ao conferir visibilidade a determinados agentes e produtos, enquanto silencia sobre outros, o jornalismo diz aquilo que supostamente vale a pena conhecer, definindo o que considera cultura.

Dessa forma, atua como um mediador entre o campo cultural e o público. Enquanto nos cadernos diários esse papel é exercido pelo repórter que cobre os acontecimentos mais

atuais e supostamente mais relevantes da área, tentando fornecer ao leitor um quadro que contemple toda a movimentação do circuito, e pelo editor, nos suplementos semanais a mediação é feita especialmente por essa última figura. O editor atua tanto ao escolher os assuntos que serão publicados quanto ao receber os textos de profissionais pertencentes aos mais variados campos especializados, ligados a uma realidade acadêmico-científica, e fazer o intermédio com o leitor comum. No capítulo anterior, pudemos acompanhar esse processo na fala do editor do *Cultura* ao explicar que frequentemente pede para que os autores reescrevam seus textos, visando o entendimento de um grupo amplo de leitores.

Mas quem é esse leitor para quem fala o *Cultura*? O grupo RBS faz pesquisas sobre todos os cadernos de *Zero Hora*. Entre as informações coletadas⁴¹, está o perfil dos leitores, que no caso desse caderno, em um universo de 414 mil, indicam aspectos como predominância da classe B (59%), da faixa etária entre 40 e 49 anos (24%), do público feminino (55%), além de dados sobre estilo de vida, poder aquisitivo, educação, hobbies e interesses. No entanto, quando uma edição do suplemento é preparada, o editor não tem em mente um perfil específico. Busca atingir um público variado, em um contexto atual no qual o jornal disputa atenção com outros meios:

[...] eu acho que um jornal na posição da *Zero Hora*, [...] que atinge um público muito grande, muito amplo, não pode idealizar o seu leitor. Ele tem que ser permanentemente um jornal que tente dialogar com uma parcela muito grande de leitores, um perfil muito variado. [...] Eu, hoje se tu me perguntasses para quem tu fazes o jornal, eu faço o jornal para o menino de 10 anos, de 9 ou 10 anos, que está começando a ler, que começou a ler o jornal pelo *Segundo Caderno*, porque gosta de televisão, porque gosta de cinema, porque gosta de música, porque gosta de mulher bonita. Esse menino sou eu quando tinha 10 anos.

[...]

E eu tenho essa pretensão, de conseguir trazer para o jornal, para a leitura do jornal, leitores como eu era. Então se eu conseguir trazer esse jovem leitor, esse cara que [...] já está cheio de estímulo: ele pode ficar um bom tempo na frente da TV por assinatura, vai ter certamente muita coisa legal para ver na Internet... Se eu conseguir pegar um pouco do tempo dele eu me dou por satisfeito. (ARAUJO, 2012)

É interessante observar que esse não é o público que transparece em um suplemento como o *Cultura*. Talvez estivesse mais ligado a um produto com lógica diária e relação mais estreita com o entretenimento, como o *Segundo Caderno*. O suplemento semanal de ZH, escrito em tom mais acadêmico, propondo-se um espaço de divulgação desse tipo de

⁴¹ Esses dados foram disponibilizados à pesquisadora por *Zero Hora*, coletados em pesquisa por Estudos Marplan EGM em 2010, com leitores da Grande Porto Alegre.

conhecimento, dificilmente atinge de forma eficiente leitores que estejam buscando uma leitura mais descompromissada.

Ler o *Cultura* mostra-se um meio para que o leitor trabalhe seus conhecimentos, tomando contato com a produção intelectual da comunidade na qual está inserido. Mesmo que parte da audiência do caderno seja composta por indivíduos letrados, distribuidores e produtores de cultura, já envolvidos de certa forma nesse sistema, outro pedaço é formado por pessoas que talvez tenham ali uma das poucas formas de acesso a essa produção, e que têm na mediação proporcionada pelo jornalismo uma maneira de conhecer uma movimentação que, mesmo fisicamente próxima, não chega à maior parte da população.

Um aspecto interessante é que o *Cultura* segue uma estratégia da própria *Zero Hora*, abrindo espaço para que uma parcela desses leitores se veja representada no caderno por meio do Conselho do Leitor, grupo que tem a função de opinar e discutir sobre os rumos da publicação. Em ZH, a iniciativa existe desde o ano 2000, quando foi criado um grupo para fazer a ponte entre o veículo e seu público para expor demandas, críticas e sugestões, supostamente fazendo melhorar a qualidade do material jornalístico⁴². A prática referenda a posição do leitor como cliente, típica dos grandes conglomerados de mídia, que entendem o jornal e a notícia como uma mercadoria (FONSECA, 2008).

É importante não confundir a presença dos conselheiros do *Cultura* com um grupo que de fato represente o interesse de todos os outros leitores, mesmo que os participantes se identifiquem e se envolvam com o suplemento a ponto de desejar acompanhar seu processo de produção, e que isso demande tempo e interesse. Apesar do viés romantizado da iniciativa, como se a publicação genuinamente cedesse espaço ao público para ouvir suas sugestões e reclamações, tornando-o parte integrante da produção, a realidade não é bem assim. Ao

⁴² Na seção *ZH Responde* do site de Zero Hora, o atual diretor-geral de Produto do Grupo RBS, Marcelo Rech, responde da seguinte forma à questão “O que é o Conselho do Leitor? Para que ele existe? Quem escolhe e de que forma são escolhidos os seus integrantes?”: “Criado em 2000, o Conselho do Leitor é um dos canais de comunicação do público com a redação de ZH. A função primordial do conselho é opinar sobre a cobertura, as colunas e os cadernos do jornal, questionando decisões editoriais ou eventualmente referendando-as. ZH tem a convicção de que jornais, sobretudo os de alta circulação, são produtos diferenciados, em razão da repercussão no cotidiano das comunidades onde circulam. Por isso, o conselho é parte importante do arsenal de ações e instrumentos empregados por ZH para exercer criteriosamente seu papel social. Os conselheiros apontam falhas, avaliam coberturas, discutem enfoques com colonistas e editores. Mesmo quando um comentário não embute observação específica ou prática, ele é levado em consideração pelos jornalistas, porque reflete, mesmo que genericamente, a percepção de leitores sobre o trabalho da redação. Não raro, os conselheiros discordam entre si, mas dessas discussões também surgem reflexões que contribuem para aprimorar o jornal. ZH mantém conselhos para avaliar todo o jornal e em quase todos os cadernos. O conselho é formado a partir de convites a leitores que costumam enviar observações críticas ou que, por sua atividade, possam trazer visões diferenciadas para as reuniões mensais. Por não ser um método científico de avaliação, não há a intenção de que o conselho reflita à exatidão a composição do público de ZH. Os convites são formulados a pessoas de diferentes idades e estratos sociais.” (Disponível em <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/pergunta/zh-responde-5000/9782.html>).

estudar o Conselho do Leitor do jornal *Zero Hora*, Camila Arócha (2009) percebe que o grupo escolhido não representa exatamente todo o universo de leitores do jornal e que, mesmo que a empresa afirme que a iniciativa não seja uma estratégia de marketing, nela se percebem claras ações mercadológicas. A própria divulgação da formação e existência de um conselho que dá voz ao leitor já representa uma propaganda positiva para a empresa; do mesmo modo, ao colocar-se como um jornal que escuta e entende as necessidades do público, ZH programa uma forma para vender mais exemplares.

No caso do *Cultura*, seus sete componentes foram selecionados pelo editor Luiz Antônio Araujo a partir de uma chamada por interessados publicada durante algumas semanas no caderno. O grupo de 2010, que está ativo até hoje, apesar da ideia inicial de se promover uma eleição anual, teve que responder à seguinte questão: O que você gostaria de ler no *Cultura*? De acordo com o editor, a escolha final se deu pelas respostas mais interessantes.

Eu procurei selecionar aquelas pessoas que tiveram as posições mais surpreendentes, as sugestões mais criativas. Eram pessoas, por exemplo, que falavam sobre a necessidade de se escrever sobre tradução, a necessidade de se escrever sobre literatura estrangeira. Teve um leitor especificamente que assumiu que estava ingressando no Conselho do Leitor para promover o debate sobre filosofia, que era a área dele e que ele achava que estava relegada ao segundo plano, como realmente estava. (ARAUJO, 2012)

Mesmo com a imagem de ser um grupo de leitores que representa os interesses de todos os outros, opinando, sugerindo e influenciando a produção do suplemento, o Conselho tem um caráter apenas consultivo, não podendo interferir nos rumos da publicação.

O caráter do conselho é um caráter consultivo. Seria absolutamente impensável um conselho que se reúne mensalmente conseguir se tornar um órgão de edição de um suplemento que é semanal. Não tem como. Não há possibilidade. A decisão, o poder de escolher o que é o tema de uma edição, o que é a capa ou mesmo qual é o enfoque, é totalmente do editor. E isso acontece também em qualquer jornal. O papel do conselho é um papel consultivo, e a nossa ideia é de que ele seja um espaço de participação do leitor. É uma maneira de a gente, de alguma forma, medir como o leitor está vendo o jornal e o que ele quer ter dentro do caderno. (ARAUJO, 2012)

Como vimos, a relação do leitor com o caderno e o modo como recebe as informações ali contidas está ligada especialmente às instâncias de análise e opinião, dada a predominância dos gêneros opinativos entre os textos contidos na amostra. A partir das ideias dos intelectuais que ali expõem seu pensamento, esse leitor deveria encontrar subsídios para construir sua própria interpretação dos fatos. A opinião nos textos, porém, sofre um processo de mediação

centralizado na figura do editor, elemento principal na produção de um suplemento como o *Cultura*, na qual essa função, assim como a dos columnistas, é praticamente a única fixa.

5.3.1 Julgamento e hierarquização: o que fica para a história

Do mesmo modo como faz a mediação entre os colaboradores que exprimem sua opinião em veículos que pressupõem um maior esforço de reflexão por parte de autor e leitor, o editor dos suplementos culturais também atua ao julgar e hierarquizar discussões. Como reconhece Gadini (2009), os editores de cultura têm certa autonomia para escolher os assuntos que serão abordados pela editoria e, da mesma forma, a hierarquia das pautas dentro dos cadernos, definindo quais delas ocuparão maior destaque. “As coisas disputam entre elas e eu às vezes sou um árbitro, e às vezes eu tenho que desempatar, e aí eu desempato de acordo com a minha cabeça. [...] Eu acho que, se tu olhas o caderno, tu consegues entender um pouco a cabeça do editor” (ARAUJO, 2012). Esse profissional, de certa forma, define o que o caderno mostrará para a história, quando for consultado daqui a alguns anos, considerando a condição do jornalismo cultural de registrar a movimentação cultural.

A partir do contato com o caderno *Cultura* e com os resultados alcançados com a análise de conteúdo, podemos inferir que, nesse processo, o suplemento retoma, em parte, a evolução do conceito que relaciona a cultura ao cultivo da mente, a um processo de desenvolvimento do homem. Quando apresenta textos sobre debates da esfera da cultura, trazendo a opinião de agentes do próprio campo, propõe que o leitor elabore sua interpretação, reafirmando a intenção formativa, que tem como base o ideal iluminista de esclarecimento. Ao mesmo tempo, ainda mantém resquícios da noção romântica de cultura, que enfatiza as atividades artísticas e o trabalho intelectual, meios de aperfeiçoamento do homem, e que valoriza a figura do artista criador (WILLIAMS, 2003; THOMPSON, 1995; SIQUEIRA; SIQUEIRA, 2007).

O suplemento de ZH tem como ponto de partida da sua cobertura o mercado de bens culturais, indicando que uma formação se completa por meio de sua aquisição e consumo. O caderno também deixa essa necessidade implícita ao trazer informações adicionais sobre eventos e produtos, sugerindo que seu leitor vá além, frequente esses lugares e aproveite esses

bens. Ao lado das informações e opiniões contidas nos textos do caderno, eles possibilitariam uma formação mais abrangente.

O escopo temático trabalhado pelo suplemento indica ainda que ser culto não significa necessariamente ter um conhecimento aprofundado sobre uma determinada área, mas sim saber um pouco sobre vários assuntos importantes na esfera cultural. Entre eles, um lugar especial é destinado às diferentes manifestações artísticas, em especial suas versões legitimadas. Ter cultura para a publicação não é apenas dominar os assuntos das artes, mas também eventos e pessoas importantes da história, além das personalidades de destaque no campo cultural e as questões mais recentes discutidas nesse âmbito, tanto nas esferas regional e nacional quanto internacional. De modo geral, seu leitor deve ficar por dentro dos debates que estão em voga na atualidade.

Eu acho que o *Cultura* pelo menos tenta dar conta disso tudo. Tenta, não significa que consiga. Ele encara, eu acho, os grandes debates. Não vejo, por exemplo, pegando o ano de 2011, eu não consigo ver grande debate do ano que tenha ficado totalmente ausente do *Cultura*.

[...]

Ela vai ver nele, em todos os aspectos, muitas coisas que foram deixadas para trás, que não eram tão importantes, que foram ultrapassadas, mas ele vai ser, no mínimo, digamos, um periscópio pra esse momento que a gente está vivendo. Eu pelo menos acho que é isso. Não creio que seja papel do *Cultura* dialogar ou estar sintonizado com o leitor de 15, 20 anos à nossa frente. (ARAUJO, 2012)

Como o jornalismo serve de registro do tempo presente, os suplementos são meios para se tentar entender a cultura de uma época, as grandes questões que preocupavam e promoviam o debate cultural e intelectual. O editor do caderno acha que ele cumpre esse papel. “[...] tenho certeza que, se o leitor de 15, 20 anos à nossa frente quiser entender um pouco a cultura do estado, ele vai ter que vir ao *Cultura*. E, nesse sentido, o *Cultura* é um caderno feito para a história” (ARAUJO, 2012).

No recorte do sistema artístico e cultural proposto pelo suplemento podemos dizer que algumas instâncias presentes no campo foram privilegiadas, lembrando as sistematizações de Bourdieu (2009) e Rubim (2008). Durante o período estudado, passaram pelas páginas do *Cultura* especialmente aquelas representaram a pesquisa e o saber legitimado, as universidades; a crítica, que apareceu por meio das opiniões e dos colaboradores identificados como tal; a divulgação e o consumo, aspecto central da cobertura; assim como a criação, enfatizada quando o caderno valoriza os sujeitos e suas biografias. Podemos acompanhar ainda a recorrências das instâncias consagradas, dos locais de exposição e dos agentes

especializados. Ancorado na repetição dada à atualidade, à notoriedade e à proximidade, com certa dificuldade em diversificar as vozes que apresenta, o *Cultura* talvez não nos forneça, em alguns anos, um quadro completo da movimentação da comunidade a que se refere, mas sim uma visão mais restrita. De qualquer forma, o suplemento deixa para a história alguns pontos que se iluminam, possibilitando que recriemos um mapa de apreensão do sistema cultural local a partir do que a publicação propõe.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um momento em que praticamente todos os grandes jornais do Brasil mantinham suplementos culturais nos quais podiam dar vazão à produção intelectual e acadêmica de sua época e região, *Zero Hora* lançou, em Porto Alegre, seu próprio *Caderno de Cultura*, ainda na primeira fase do diário. A publicação, nascida com a intenção de sair a cada quinze dias, surgiu com certo atraso em relação a suplementos semelhantes do centro do país, que nos anos 1950 já circulavam e faziam história como espaços para reflexão de qualidade no jornalismo cultural brasileiro. Mesmo assim, o caderno de ZH pode ser visto como uma experiência marcante, tendo surgido meses antes de seu contemporâneo famoso, o *Caderno de Sábado*, do *Correio do Povo*, mais importante jornal gaúcho naquele momento.

Desde a estreia do *Caderno de Cultura*, em 1967, a ideia de manter um suplemento cultural que se aproximasse da tradição dos suplementos literários, publicações de prestígio no meio intelectual, permaneceu em *Zero Hora*. Aquele foi o embrião do que viria a ser *Cultura* que conhecemos hoje, veículo que durante sua trajetória passou por algumas reformulações até se transformar no caderno atual. Sua linha editorial segue alguns propósitos que estiveram presentes em todas as suas versões, explicitados em textos como editoriais e cartas ao leitor. De modo geral, o caderno sempre procurou ser um espaço de manifestação da intelectualidade local, um veículo que colaborasse com a formação do leitor. Com a intenção de atingir amplamente o público do jornal, e não apenas grupos reduzidos, por vezes a publicação reafirmou sua busca por um caráter cosmopolita, que fosse além das fronteiras geográficas e culturais do estado.

Independente de possíveis opiniões a respeito da cobertura do caderno *Cultura*, ele é, hoje, o único herdeiro disponível na imprensa porto-alegrense e gaúcha dos suplementos históricos que marcaram o jornalismo brasileiro. Mesmo com as diferenças consequentes da distância temporal que os separa, é o único espaço da região para que profissionais de diferentes áreas possam expor textos e ideias na imprensa, aproximando-se de um público amplo e heterogêneo, que talvez não tivesse acesso de outra maneira à produção dos campos especializados. Assim, não deixa de ser ponto de encontro para um grupo de intelectuais atuantes no Rio Grande do Sul e um veículo que ajuda a estruturar o campo artístico e cultural local. Sua singularidade é, no mínimo, curiosa, uma vez que Porto Alegre sempre teve uma vida cultural movimentada, característica formada ao longo do século XX, quando o porto era

um dos principais acessos para quem vinha de fora (GOLIN; KELLER; CARDOSO, 2011). E é justamente a imagem da cidade efervescente, com instituições relevantes e com expressiva circulação de eventos e ideias, que o caderno deixa entrever por meio das escolhas editoriais.

Nossa intenção ao estudar o caderno *Cultura* foi descobrir quais foram os parâmetros fornecidos por ele para construir o entendimento da vida cultural da comunidade a que se refere. Considerando o jornalismo como uma das instituições que ajudam a instituir os valores e reforçar os consensos presentes em uma sociedade, além de poder registrar as tendências culturais de um determinado momento histórico, pensamos os suplementos como espaços distintivos, que fogem da lógica diária da cobertura jornalística e que concentram os temas e discussões considerados mais importantes. A fim de cumprir esse objetivo, refizemos um percurso teórico que envolveu principalmente o jornalismo e seus suplementos semanais, além de registrar, provavelmente pela primeira vez, aspectos históricos sobre o próprio caderno de ZH. Trabalhamos com um *corpus* de pesquisa composto por 52 edições, todas as que foram publicadas no ano de 2010. No total foram 422 textos analisados, cada um classificado de acordo com características como valores-notícia, ganchos jornalísticos, gêneros dos textos, temas, colaboradores, referências temporais e espaciais.

Buscamos apreender nosso objeto de pesquisa a partir da constatação de que o jornalismo, ancorado no princípio da credibilidade, relaciona os fatos a identidades sociais e culturais conhecidas pelo público (HALL et al., 1993). Em nosso percurso teórico, passamos também pelos critérios de noticiabilidade. No processo de rotinização do trabalho jornalístico, eles permitem que determinados fatos sejam noticiados em detrimento de outros. Procuramos compreender o papel do jornalismo cultural como mediador entre o sistema artístico e cultural e o público, conferindo visibilidade a obras, agentes e produtos enquanto mostra-se cada vez mais ligado ao mercado. Retomamos a trajetória percorrida pelo termo cultura desde seu significado como cultivo do solo até chegar à lógica econômica da sociedade atual, dominada por uma centralidade do consumo e uma grande oferta de produtos. Em nossa base teórica, tivemos ainda a intenção de compreender as características dos suplementos, publicações que flertam com a prática literária e que têm um tempo de produção mais elástico.

Ao expor os resultados alcançados com a análise de conteúdo, dividimos esse momento em duas partes devido à sua grande extensão. Em um capítulo discorreremos sobre os dados obtidos com o levantamento dos valores-notícia mais recorrentes nos textos, relacionando-os com as referências de tempo e espaço identificadas. Em outro, apresentamos

as informações relativas aos gêneros e temas mais encontrados e colaboradores que participaram como autores dos textos publicados em 2010.

Após a análise dos resultados, percebemos que, ao propor um retrato do sistema cultural local, o caderno *Cultura* fornece mapas para a interpretação da realidade, enfatizando valores como a novidade, a notoriedade e a proximidade. Embora apresente uma maior elasticidade para tratar do tempo, já que publicou diversos textos que não tinham necessariamente um gancho na atualidade e que muitas vezes valorizaram a perspectiva da memória, esse foi um aspecto que se mostrou essencial para o caderno. Sua intenção foi principalmente retratar a movimentação do tempo presente, servindo como referência daquilo que se pensa e produz criativamente na cena cultural contemporânea.

A notoriedade é outro valor de destaque na cobertura, tanto em relação aos colaboradores quanto às pessoas sobre as quais falam as matérias. Entre os autores que participam assinando artigos, percebemos que a grande maioria já alcançou reconhecimento em sua área profissional e região. Quando confere visibilidade a certos agentes, o veículo reforça seu reconhecimento e legitimidade alcançados no campo. O *Cultura* atua, assim, na construção e reconstrução do prestígio que envolve esses sujeitos e que se estende a várias instâncias: aos leitores, aos colaboradores e ao próprio jornal.

Notamos que não há uma grande variação dos nomes que publicam textos no caderno; são os mesmos que constantemente se repetem, fornecendo assim um quadro restrito da intelectualidade local. Além disso, a grande maioria dos autores atua profissionalmente no Rio Grande do Sul, mesmo que esteja comentando assuntos que não se refiram a essa realidade. O local é mesmo uma referência importante na produção do suplemento. Sempre que é possível, encontramos uma tentativa de aproximação entre o leitor e publicação por meio da proximidade, geográfica ou cultural. Curiosamente, o valor-notícia da proximidade foi o terceiro mais encontrado, o que não seria esperado em um produto de *Zero Hora*, jornal em que o apelo regional é pré-requisito para a cobertura.

O *Cultura* lida, constantemente, com a tensão entre os temas forâneos e regionais. Identificamos na amostra uma predominância de assuntos ligados à perspectiva internacional: acontecimentos, personalidades e discussões relacionados a outros países que não o Brasil. Ao mesmo tempo em que existe a pretensão de um caráter cosmopolita, que vá além das fronteiras geográficas do estado, o caderno não consegue afastar-se de sua aldeia. Assim, mostra que não pretende se distanciar de sua principal referência espacial, considerada âncora

do suplemento e do próprio jornal, apresentando certa dificuldade em acomodar vozes diferentes em suas páginas.

Os assuntos sobre os quais os colaboradores escrevem fazem parte de uma gama temática extensa. O caderno expande seu conceito de cultura ao abrigar discussões que vão desde as manifestações mais tradicionais, com as artes, até temas que envolvam história, psicanálise, política, jornalismo, esportes e muitos outros, ligados especialmente às ciências humanas. Um especial relevo, porém, é dado às expressões artísticas, nas quais são destacadas principalmente a literatura e o mercado editorial. No tratamento dispensado a esses temas há uma constante referência ao clássico e ao canônico, o que mostra que o suplemento valoriza artistas e obras consagradas e reafirma esse reconhecimento ao conferir-lhes visibilidade.

Um aspecto central no suplemento de ZH são as pautas relacionadas ao consumo, corroborando a perspectiva de que cultura e mercado perpassam todas as esferas da sociedade contemporânea. O consumo adquire um contorno especial em um mercado de fluxo contínuo como é o dos bens culturais, em que a oferta é muito maior que a demanda. O suplemento, ao dar visibilidade a certos produtos e não outros, acaba atuando como um guia para orientar um leitor que pode se sentir perdido em meio a tantas opções. Mostra aquilo que, segundo seu julgamento, é bom e vale a pena ser conhecido e consumido. O caderno se baseia na perspectiva mercadológica, enfatizando eventos como lançamentos e estreias para apresentar ao leitor uma extensa oferta de bens, indicando a necessidade de consumi-los para uma formação cultural completa.

Após a análise dos resultados percebemos também que, ao propor um retrato do sistema cultural local, o caderno *Cultura* atua como um verdadeiro mediador. Ele aproxima os saberes especializados de um público amplo, expandindo o alcance do conhecimento produzido na esfera acadêmica e cultural. Notamos que procura seguir a tradição dos suplementos culturais ao oferecer uma possibilidade de aperfeiçoamento intelectual. Portanto, não procura se dirigir apenas a um público específico, que já tenha uma bagagem, mas sim a todos os leitores para quem fala o jornal no qual está inserido. Quando propõe mostrar o que de melhor acontece na vida cultural, o *Cultura* talvez não consiga oferecer um cenário completo, mas contempla alguns focos principais de discussão, apresentando uma perspectiva mais restrita, ancorada na produção regional e no olhar que é construído com base nessa realidade. Na amostra composta pelas edições de 2010, deu especial relevo às zonas de consagração como o saber legitimado, representado pelas universidades; a crítica; a divulgação e o consumo; a criação; e os agentes especializados.

Ao montar o mapa que ajudará o leitor na tarefa de interpretar a realidade social, assim como o sistema artístico e cultural da comunidade em que vive, o caderno *Cultura* propõe um quadro que privilegia especialmente o saber legítimo representado pela universidade. A cultura que oferece ao público está baseada no conhecimento produzido nas instituições acadêmicas e reconhecido por elas, visto que professores universitários e estudantes de pós-graduação *stricto sensu* compõem uma parcela significativa dos seus colaboradores. Em uma cidade como Porto Alegre, que aparece representada como lugar que comporta uma grande movimentação intelectual, a UFRGS é a principal instituição de autoridade científica, e onde o caderno busca a maior parte dos autores dos textos que publica. Ao enfatizar essa relação entre a cultura e o conhecimento construído na academia, o suplemento promove uma aproximação com os valores do próprio campo acadêmico, um espaço de lutas e disputas como qualquer outro, no qual os agentes estão em busca do reconhecimento de sua autoridade e da validade do seu discurso. Estampando com frequência as páginas do caderno, uma vez que nele não há grande rotatividade de autores, esses sujeitos assumem, diante do leitor, de seus pares e de si próprios, uma condição de legitimidade para transmitir a um público vasto e heterogêneo os saberes alcançados dentro dos campos especializados.

A partir do que é exposto pelos agentes a quem dá voz, em sua maioria participando por meio de textos ligados à opinião, a publicação fornece indícios para que o leitor possa construir sua interpretação dos fatos. Essa opinião sofre um processo de mediação ancorado no editor, que é quem exerce a fundamental ação de julgar e hierarquizar os temas que aparecem no suplemento, definindo o que deixará para a história. Mostra que ser culto não é necessariamente saber muito sobre uma área específica, mas ter uma visão geral dos temas e acontecimentos envolvidos pela cultura. Fornecendo informações de consumo sobre produtos e eventos, sugere ao leitor que vá além daquelas páginas e tome contato direto com eles.

Ao fim desta pesquisa, julgamos ter atingido os objetivos inicialmente propostos. Cabe ressaltar que este é apenas um primeiro trabalho sobre o *Cultura*, visto que até então ele não havia sido tomado como objeto científico. Este passo foi, em nosso ver, uma contribuição para o estudo do jornalismo cultural feito no Rio Grande do Sul ao resgatar aspectos históricos e atuais do suplemento semanal integrante do maior jornal do estado. Esperamos que a pesquisa que aqui se encerra não termine com esta dissertação, e que seja uma porta de entrada para outros estudiosos se debruçarem sobre o tema, buscando novos olhares e novos problemas a partir do mesmo objeto, que ainda tem muito para ser explorado.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: _____ et al. (Org.) **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.13-60.
- ALSINA, Miquel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós, 1996.
- ARAÚJO, Luiz Antônio. Entrevista concedida a Sara Keller. Porto Alegre, 6 jan. 2012.
- ARÓCHA, Camila Cardozo. **De leitores a conselheiros** – estudo de caso: o conselho do leitor do jornal Zero Hora. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Leopoldo, RS, 2009.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900 – 2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARBOSA, Suzana. A informação de proximidade no jornalismo online. Disponível em www.bocc.ubi.pt. Acesso em 14 de fevereiro de 2012.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: _____ ; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BENETTI, Marcia. O jornalismo como acontecimento. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (Org). **Jornalismo e acontecimento**. Florianópolis: Insular, 2010. p.143-164.
- BENTANCUR, Paulo. Ascensão e queda dos suplementos culturais. **Revista Vox**. Porto Alegre, n.0, p.5-11, out., 2000.
- BIRD, S. Elizabeth; DARDENNE, Robert W. Mito, registo e “estórias”: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Veja, 1993. p.263-277.

BORNHEIM, Gerd. Filosofia do Romantismo. In: GUINSBURG, J (Org). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1985. p.75-111.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

_____. **O Poder Simbólico**. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

_____. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CARDOSO, Everton Terres. **Enciclopédia para formar leitores: a cultura na gênese do Caderno de Sábado do Correio do Povo (Porto Alegre, 1967-1969)**. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

CARVALHAL, Tânia. Periodismo, P.F. Gastal e o Caderno de Sábado. **Continente Sul Sur: Revista do Instituto Estadual do Livro**. Porto Alegre, n. 2, p.11-16, nov., 1996.

CHAGA, Marco Antônio Maschio Cardozo. **Folhetim - Rapsódia de uma década perdida**. 2001. Tese (Doutorado em Literatura) - Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

DIMAS, Antonio. Um suplemento carnudo. **Continente Sul Sur: Revista do Instituto Estadual do Livro**. Porto Alegre, n. 2, p. 35-35, nov., 1996.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009. p.62-83.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FARO, José Salvador. Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. 4., 2006, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: SBPJor, 2006.

FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan. **Jornalismo e identidade cultural**: construção da identidade gaúcha em Zero Hora. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A reforma do Jornal do Brasil. In: ABREU, Alzira Alves et al. (Org.) **A imprensa em transição**: o jornalismo brasileiro nos anos 50. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.141-155.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. **Indústria de notícias**: capitalismo e novas tecnologias no jornalismo contemporâneo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

_____. O acontecimento como notícia: do conceito à prática profissional. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira (Orgs). **Jornalismo e acontecimento**. Florianópolis: Insular, 2010. p.167-185.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira; VIEIRA, Karine Moura. O acontecimento em processo: a Crítica Genética no estudo da biografia. In: LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo (Org.). **Jornalismo e acontecimento**: percursos metodológicos. Florianópolis: Insular, 2011. V.2.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009. p.280-304.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão (SE): Editora UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2005.

FREITAS, Ana Laura Colombo de. **Um intelectual na imprensa**: uma análise da coluna *Música*, de Celso Loureiro Chaves, no caderno Cultura do jornal Zero Hora. 2008. Monografia de conclusão de curso (Comunicação Social – Habilitação Jornalismo) Faculdade

de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

GADINI, Sérgio Luiz. **Interesses cruzados**: a produção da cultura no jornalismo brasileiro. São Paulo: Paulus, 2009.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. A estrutura do noticiário estrangeiro: a apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. In: TRAQUINA, Nelson (Org.) **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993. p.61-73.

GOLIN, Cida. Jornalismo cultural: reflexão e prática. In: AZZOLINO, Adriana Pessatte (Org.). **Sete propostas para o jornalismo cultural**: reflexões e experiências. São Paulo: Miró Editorial, 2009. p.23-38.

GOLIN, Cida; CARDOSO, Everton. Jornalismo cultural e a representação do sistema de produção cultural: mediação e visibilidade. In: BOLAÑO, César; GOLIN, Cida; BRITTOS, Valério (Org.). **Economia da arte e da cultura**. São Paulo: Itaú Cultural; São Leopoldo: Cepos/Unisinos; Porto Alegre: PPGCOM/UFRGS; São Cristóvão: Obscom/UFS, 2010. p.184-203.

GOLIN, Cida et al. Jornalismo e sistema cultural: a identidade das fontes na cobertura de cultura do jornal Diário do Sul (Porto Alegre, 1986-1988). **Comunicação & Sociedade**, n. 54, p.127-147, 2010.

GOLIN, Cida; KELLER, Sara; CARDOSO, Everton. 2011. Jornalismo cultural e cidade: uma perspectiva de Porto Alegre na cobertura do Diário do Sul (1986-1988). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. 9., 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: SBPJor, 2011.

GOMIS, Lorenzo. **Teoria del periodismo**: cómo se forma el presente. Barcelona: Paidós, 1991.

GONÇALVES, Elizabeth Moraes; FARO, José Salvador. O performativo no jornalismo cultural: uma organização discursiva diferenciada. **Revista Famecos**, n.38, p.86-92, abr., 2009.

GUERRA, Josenildo Luiz. Uma discussão sobre o conceito de valor-notícia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2, 2004, Salvador. **Anais...** Salvador: SBPJor, 2004.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 9ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o *mugging* nos *media*. In: TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993. p.224-248.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v.2, n.22, p.15-46, jul./dez., 1997.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: 5ª Ed. DP&A, 2001.

HANNERZ, Ulf. Cosmopolitas e locais na cultura global. In: FEATHERSTONE, Mike (Org.) **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p.251-266.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p.123-142.

HOHLFELDT, Antonio. Jornalismo cultural: uma perspectiva. **Continente Sul Sur: Revista do Instituto Estadual do Livro**. Porto Alegre, n. 2, p. 57-64, nov., 1996.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LORENZOTTI, Elizabeth de Souza. **Suplemento Literário: que falta ele faz!** São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

MAROCCO, Beatriz. Fragmentos de vidas exemplares. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. 9., 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: SBPJor, 2011.

MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é uma forma de conhecimento? **Media & Jornalismo**, v. 1, n. 1, 2002, p. 9-22. Disponível em www.bocc.ubi.pt. Acesso em 04 de abril de 2010.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993. p.34-51.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos – jornalismo cotidiano: do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

NINA, Claudia. **Literatura nos jornais: a crítica literária dos rodapés às resenhas**. São Paulo: Summus, 2007.

NUNES, Augusto. **Carta ao Leitor**. Zero Hora, Porto Alegre, 16 mai. 1992.

NUNES, Benedito. A visão romântica. In: GUINSBURG, J (Org). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1985. p.51-74.

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. Porto Alegre: Sulina, 2008. p.51-70.

PEREIRA, Fábio. **Jornalistas-intelectuais no Brasil**. São Paulo: Summus, 2011.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

RECH, Marcelo. **Carta ao Leitor**. Zero Hora, Porto Alegre, 1º mar. 1998.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.

RIVERA, Jorge. **El periodismo cultural**. Buenos Aires: Paidós, 1995.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Claudia. O processo de consolidação da imprensa brasileira. In: _____. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007. p.67-94.

RUBIM, Albino. Formação em organização da cultura no Brasil. **Observatório Itaú Cultural**. São Paulo, n. 6, p. 47-55, jul./set., 2008.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. 3ª Ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Paradigmas do jornalismo cultural no Brasil. In: DINES, Alberto (Org). **Espaços na mídia**: história, cultura e esporte. Brasília: Banco do Brasil, 2001. p.36-49.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo - razão e emoção. 4ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHIRMER, Lauro. **RBS**: da Voz-do-Poste à Multimídia. Porto Alegre: L&PM, 2002.

SEGURA, Aylton; GOLIN, Cida; ALZAMORA, Geane. O que é jornalismo cultural. In: **Mapeamento**: o ensino de jornalismo cultural no Brasil em 2008: carteira professor de graduação. São Paulo: Itaú Cultural, 2008. p.70-80.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v. 2, n. 1, p.95-106, 2005.

SILVA, Wilsa Carla Freire da. **Cultura em pauta**: um estudo sobre o Jornalismo Cultural. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; SIQUEIRA, Euler David de. A cultura no jornalismo cultural. **Libero**. São Paulo, n. 19, p.107-116, jun., 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009. p.51-61.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005. V.1.

_____. **Teorias do Jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. 2ª Ed. Florianópolis: Insular, 2008. V.2.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal**: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.

TRAVANCAS, Isabel. Etnografia da produção jornalística: estudos de caso da imprensa brasileira. In: **Brazilian Journalism Research**, v.6, n.2, p.83-102, 2010.

TUBAU, Ivan. **Teoria y practica del periodismo cultural**. Barcelona: ATE, 1982.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993a. p.74-90.

_____. Contando “estórias”. In: TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993b. p.258-262.

VARGAS, Herom. Reflexões sobre o jornalismo cultural contemporâneo. **Estudos de Jornalismo e Relações Públicas**. São Bernardo do Campo, n.4, dez., 2004.

VOGEL, Daisi I. Morte e narrativa. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. 9., 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: SBPJor, 2011.

WHITE, David Manning. O gatekeeper: uma análise de caso na seleção das notícias. In: TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993. p.142-151.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Palabras clave**: un vocabulario de la cultura y la sociedad. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ANEXOS

Anexo A - Entrevista com Luiz Antônio Araujo, editor do caderno *Cultura*

Data: Sexta-feira, 6 de janeiro de 2012

Local: Redação de Zero Hora, em Porto Alegre

Luiz Antônio, poderias falar sobre tua trajetória profissional até chegar à edição do caderno *Cultura*?

Certo. Eu me formei em jornalismo em 1987 pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria, na época Curso de Comunicação Social. Eu tive passagem pela Rádio Atlântida FM, pelo Correio do Povo, pelo jornal A Razão e posteriormente ingressei na Zero Hora, em 1996, portanto já há 15 anos. Ingressei como redator de capa; passei, como subeditor, pelas editorias de Geral e de Zero Hora Digital. Em 1997 eu assumi pela primeira vez a edição do caderno *Cultura*. Permaneci dois anos editando o caderno, até 1999, quando passei a ser editor de Política, editor de área, e permaneci por dez anos editando Política, de 1999 a 2009. E desde 2009 eu voltei a editar o *Cultura*.

E como é o processo de criação e fechamento de uma edição do caderno?

Bem, a Zero Hora hoje trabalha muito com o conceito de planejamento. Há uma grande preocupação em procurar racionalizar, organizar e antecipar o que for possível em todas as áreas. No caso da área de cultura, que é uma área muito focada em agenda e também em efemérides, na medida em que há alguns marcos da cultura, os marcos do nascimento e da morte dos grandes autores, dos grandes artistas, os grandes momentos da história, da história cultural, da história política, do comportamento, as grandes obras, isso de alguma maneira nos permite, por exemplo, entrar um ano como é este ano de 2012 pensando em efemérides como os 50 anos da publicação do último volume de *O Tempo e o Vento*, que foi *O Arquipélago*, publicado em 1962. Os cem anos da publicação de *Contos Gauchescos*, do Simões Lopes Neto. O aniversário de nascimento de Jorge Amado, o aniversário de nascimento de Nelson Rodrigues, que são datas cheias que vão abastecer a agenda, o debate, o próprio noticiário cultural no país. Então essa ênfase no planejamento, na antecipação, nos permite entrar um ano sabendo que alguns desses grandes momentos vão ser marcados na edição do caderno

Cultura, que é um caderno de resenhas, que é um caderno de ideias, que é um caderno de aprofundamento das grandes questões culturais do estado, e uma boa parte desse planejamento já pensado, agendado, organizado.

Por outro lado, nós temos alguns projetos que são projetos especiais, que a gente procura cada vez mais planejar com bastante antecedência. Este ano a gente vai ter uma série de entrevistas com doze autores de obras no campo das ciências humanas, das ciências sociais aplicadas, que tenham pensado e refletido sobre o Rio Grande do Sul. Isso demanda um planejamento, demanda uma negociação com esses autores, uma produção grande, na medida em que as entrevistas vão ser sobre livros específicos. Alguns dos autores são gaúchos, outros não são. Alguns são brasileiros, outros são estrangeiros. Então é preciso, de alguma maneira, planejar com muita antecedência.

Em terceiro lugar há aquelas coisas que sabemos que vão acontecer ao longo do ano, sejam lançamentos de livros, sejam lançamentos de discos, shows, que de alguma forma vão pautar o debate cultural ao longo do ano e que têm que estar presentes no caderno. Então a produção do caderno se dá em três níveis. Ela se dá no nível do planejamento mais em longo prazo, que é para todo o ano, isso vale para os grandes projetos, como eu falei, isso vale para os colunistas. Todos os colunistas já sabem em que data vão participar do caderno. Num segundo nível a gente procura apanhar os temas da agenda, um pouco mês a mês, de acordo com aquilo que está acontecendo na cidade, com a presença dos grandes nomes, e por outro lado a gente procura também sempre surpreender. Então, por exemplo, se há um tema que domina num determinado momento o debate, seja o debate cultural, seja o debate em termos mais abrangentes na cidade, e isso tem uma dimensão cultural, é certo que nós vamos tentar trazer para o Cultura também.

Como o Cultura lida com acontecimentos inesperados, que devem entrar na pauta de última hora?

Isso acontece com muita frequência e a ideia é sempre ter agilidade e trabalhar com o conceito de que o caderno... [pausa para mudança de ambiente]. Quando é necessário dar conta de um fato do momento que não tinha sido previsto... bom, isso acontece com muita frequência, e a ideia de que o Cultura é um caderno semanal, do nosso ponto de vista, não pode ser contraditória com a necessidade do Cultura ser um caderno que responda as questões do dia. Nós não podemos imaginar que nós, por termos uma periodicidade semanal, possamos

ignorar aquilo que acontece no dia. Eu vou usar dois exemplos: um deles, em 2010, quando morreu José Saramago. Saramago morreu numa sexta-feira, dia 18 de junho. O Cultura estava fechado. Sexta-feira para nós não é um dia de edição, não é um dia de baixamento, é um dia em que o caderno segue para impressão, mas ele já pronto, no máximo, na quinta-feira à noite. Quer dizer, não se faz nada, não se muda nada, não se edita páginas, não se revisa, não se produz infografia ou texto ou fotografia na sexta-feira pela manhã – o *deadline* do caderno é às 12 horas. E o Saramago morreu de madrugada, eu fiquei sabendo disso na sexta por volta das nove horas da manhã e o caderno, às 12h30, baixou uma edição totalmente virada, como a gente diz, focada no legado do Saramago.

Aconteceu também, recentemente, no mês de dezembro, de nós recebermos a notícia triste da morte do professor Alexandre Roche numa quinta-feira, o caderno estava fechado. Bom, mudou-se a capa do caderno e mudou-se a página central, com artigos de colaboradores. O Segundo Caderno da sexta-feira, dia seguinte à morte dele, já trouxe a informação, um balanço da trajetória dele na capa, e o caderno Cultura, como não podia deixar de ser, porque *monsieur* Roche era um colaborador do Cultura, passou então a ter na sua página central textos de dois colaboradores que o conheciam e tudo mais.

Em 2010 ele também foi tema do caderno, por ter recebido uma homenagem na UFRGS.

É, foi um artigo do Robson Pereira, um psicanalista que foi um dos que participou do movimento para dar a ele o título de doutor *honoris causa* na UFRGS. Eu pedi então que ele escrevesse um artigo para o Cultura.

O que faz vocês decidirem por uma edição temática do caderno, como a do José Saramago, ou como a dos 80 anos de Revolução de 1930, por exemplo?

Normalmente as edições temáticas são as edições que são planejadas com antecedência. Por exemplo, no caso da Revolução de 1930: era um dos projetos de reportagem da Zero Hora, de grande reportagem, para o ano de 2010. Porque se tratava dos 80 anos da Revolução de 1930. É o caso, este ano, de um caderno especial chamado Ouro dos Farrapos, que era focado na questão da dimensão econômica da Revolução Farroupilha. Foi uma reportagem planejada desde o início do ano, na verdade proposta sugerida por mim. Eu tenho essa peculiaridade: quando eu reassumi o Cultura em 2009, o diretor de redação me disse que eu seria um editor e um repórter especial com flexibilidade para produzir reportagens para todo o jornal. E

evidentemente produzir reportagens para todo o jornal significa pra mim, em primeiro lugar, produzir para o próprio caderno que eu edito e pelo qual eu sou um grande apaixonado. Posso me declarar sem problema nenhum, embora eu goste de fazer várias coisas dentro do jornal. Eu acho que a minha obrigação primeira e meu gosto primeiro está em produzir para o Cultura.

Os jornalistas que colaboram com o caderno são principalmente da editoria de cultura, da qual faz parte o Segundo Caderno...

...o

caderno Cultura é parte de uma editoria que nós chamamos aqui, internamente, de Segundo Caderno. A área é a área do Segundo Caderno. Tem uma editora executiva, que é a Claudia Laitano, tem vários cadernos... se não me engano são sete cadernos, é o Cultura, é o TV+Show, o Gastronomia, o caderno Donna... o Meu Filho, que era um caderno da editoria, veio para a editoria de Geral... Então são esses os produtos da área do Segundo Caderno. Ah, e o próprio Segundo Caderno, diário. Então isso é o que, digamos, é o grande guarda-chuva que abriga o Cultura. O Cultura é uma parte da produção do Segundo Caderno. Portanto, todos os colaboradores da equipe do Segundo Caderno, que são em torno de quinze jornalistas, produzem também para o Cultura.

Pode um jornalista de outra editoria, como Geral ou Política, escrever para o Cultura?

Pode e acontece com frequência, embora ultimamente isso não seja uma coisa tão comum em função de que a gente tem procurado ter um planejamento grande. Mas agora, por exemplo, eu tenho vários textos, alguns em produção ou já entregues, para os jornalistas de outras editorias que ainda não foram publicados em função da movimentação de final de ano. Acontece também uma coisa bem interessante, tem sido uma característica dos últimos anos: o jornal tem pedido que o Cultura assuma um papel um pouco de um grande caderno especial do jornal. Então, por exemplo, efemérides como os dez anos do 11 de setembro foram feitas no Cultura, com a bandeira do Cultura, mas evidentemente com o enfoque de caderno de reportagem, de reflexão, voltado para este tema do 11 de setembro, que foi um Cultura temático, sequer fui eu que editei. A mesma coisa a retrospectiva. Já há alguns anos, eu tenho a impressão que quatro anos, a retrospectiva anual da Zero Hora é feita no Cultura também, sob a bandeira do Cultura. Eu acho que é uma coisa positiva.

Inclusive a edição do 11 de setembro não saiu no sábado, saiu em um domingo...

Saiu no domingo, acho que foi a primeira vez na história do Cultura em que mudou o dia de circulação do caderno.

E sobre as imagens escolhidas para acompanhar os textos do caderno: a maioria é de arquivo. Como vocês escolhem essas imagens e quando um fotógrafo da Zero Hora é pautado para produzir material especialmente para o Cultura?

É assim, em geral as imagens são de arquivo em função de que o Cultura pretende ser também, e muito, uma porta de entrada para a intelectualidade, para a comunidade acadêmica, para os articulistas que não são necessariamente empregados da RBS ou da própria redação da Zero Hora. Nós queremos que o Cultura tenha muita participação, e achamos que poderia ter mais participação, da comunidade acadêmica gaúcha e de outros estados. Portanto, evidentemente que se alguém produz um artigo para o Cultura sobre, por exemplo, os 80 do Umberto Eco, eu não tenho como produzir uma imagem especificamente para este artigo, a menos que o Umberto Eco estivesse na cidade, que ele estivesse autografando um livro, ou que houvesse alguém que tivesse um souvenir muito próprio do Umberto Eco. Então o que nós fazemos? Nós usamos o material de arquivo e também usamos muito material dos ilustradores da Zero Hora, que para sorte de nós, leitores da Zero Hora, são um time que eu considero de primeira linha, todo reunido no departamento de arte do jornal.

A questão do projeto gráfico do caderno também é bem importante, não é? Isso venho percebendo desde as outras fases, em 1981, 1992, 1998, quando houve uma reformulação, o projeto gráfico sempre foi bem discutido nos editoriais. E agora recentemente, em 2010, teve uma nova mudança gráfica.

Teve uma mudança gráfica. É, na verdade assim: a grande questão gráfica do Cultura é que o Cultura sempre se propôs, desde o início, desde que o caderno circulou pela primeira vez, a ser um grande caderno de texto. Só que o jornal, do ponto de vista gráfico, teve uma evolução, teve um desenvolvimento muito grande em 30 anos, em que o próprio conceito de planejamento gráfico de design mudou muito. E se tu pegares, comparares, o Cultura de 1981 com o jornal de 1981, tu vais perceber muito mais similaridades do que 30 anos depois. Trinta anos depois houve, entre outras coisas, o advento da cor, o jornal *full color*, como é hoje a Zero Hora, uma ênfase muito grande na infografia, uma ênfase muito grande na imagem, numa imagem que não seja meramente uma bengala da reportagem e do texto, mas uma imagem que seja editada, que seja significativa, que seja encarada do ponto de vista de

fotojornalismo, de que ela tem que conter uma informação. Então a gente pode dizer que houve uma revolução gráfica no jornal, na Zero Hora, isso é muito claro.

No entanto o Cultura continua sendo um caderno de texto. Nós achamos que isso é certo. O Cultura tem que continuar sendo assim. O Cultura hoje é o único espaço do jornal em que se publicam textos de setenta centímetros num único conjunto de texto. E isso é assim porque ele é um caderno de ideias, ele é um caderno de texto. Então nós pensamos muito no projeto gráfico em função disso. E a reforma gráfica de 2010, mantendo essa presidência do texto sobre o conjunto do caderno, procurou valorizar a imagem, procurou criar uma brincadeira com a legenda, que aproxima o caderno um pouco da linguagem dos livros, especialmente dos livros de fotos, dos livros de arte, que é ter uma legenda deslocada... Ela deu destaque para o nome do colaborador que assina o texto e, enfim, teve um redesenho da capa que permite que a gente tenha várias chamadas na capa. São coisas que foram novas do ponto de vista do Cultura, mas mantendo essa identidade de ser um caderno de texto.

Ao mesmo tempo procurando facilitar a leitura, acho que esse também é um objetivo dessas reformas.

Sem dúvida. Tornar o caderno mais atraente, digamos assim, embora todas as indicações que nós tenhamos sejam de que o Cultura é um dos cadernos mais apreciados, mais queridos dos leitores. É um caderno que tem uma torcida, é um caderno que tem os seus leitores muito participantes. Nós temos um Conselho do Leitor, que colabora, que sugere, que critica, isso é uma coisa muito boa.

O Conselho do Leitor ainda está ativo?

O Conselho do Leitor, nos últimos meses, ficou um pouco adormecido, até porque o mandato desse conselho já deveria ter expirado, só que nós não conseguimos promover uma nova eleição. O final do ano não é um bom momento para se fazer a renovação do conselho, então nós provavelmente vamos fazer isso em março.

Mas em todo ano está sendo mantido?

Sim, tem um Conselho do Leitor. Este conselho atual foi eleito em julho de 2010. Ele deveria ter esgotado o seu mandato, a sua gestão, em julho do ano passado. Em função dos projetos

especiais, de outras iniciativas em que o Cultura tinha um peso, isso acabou não acontecendo. Nós vamos fazer agora em março.

O quanto o Conselho influencia mesmo no caderno? Ele pode mudar os rumos da publicação, sugerir pautas, ou faz mais uma avaliação do que já foi feito?

O conselho tem uma reunião mensal. O caráter do conselho é um caráter consultivo. Seria absolutamente impensável um conselho que se reúne mensalmente conseguir se tornar um órgão de edição de um suplemento que é semanal. Não tem como. Não há possibilidade. A decisão, o poder de escolher o que é o tema de uma edição, o que é a capa ou mesmo qual é o enfoque, é totalmente do editor. E isso acontece também em qualquer jornal. O papel do conselho é um papel consultivo, e a nossa ideia é que ele seja um espaço de participação do leitor, uma maneira de a gente, de alguma forma, medir como o leitor está vendo o jornal e o que ele quer ter dentro do caderno. E isso foi o que aconteceu com esse conselho. É um conselho muito ativo, muito participante. A gente pode também, às vezes, pensar em ter conselhos que tenham um perfil, por exemplo, mais afastado das ciências humanas e mais focado nas ciências duras, em biologia, em física.... Isso já nos passou pela cabeça, porque essa é uma área na qual nós somos carentes. O Cultura se ressentia de mais participação dessas áreas, para trazer debates como foi, por exemplo, o grande debate sobre a questão de energia nuclear no ano passado, um debate necessário, e que estava um pouco presente no Cultura, mas que poderia estar mais. O jornal precisa disso.

Esses conselheiros procuram vocês de acordo com as chamadas publicadas no caderno. Depois como se dá a escolha das pessoas que farão parte do Conselho?

A escolha é feita da forma mais autocrática possível. O editor escolhe, mas eu tenho pedido, ano passado eu pedi, em 2010 eu fiz a seleção com base na seguinte pergunta: O que você gostaria de ler no caderno Cultura? Então eu procurei um pouco selecionar aquelas pessoas que tiveram as posições mais surpreendentes, as sugestões mais criativas. Eram pessoas, por exemplo, que falavam sobre a necessidade de se escrever sobre tradução, a necessidade de se escrever sobre literatura estrangeira. Teve um leitor especificamente que queria muito, e ele entrou, ele assumiu que estava ingressando no Conselho do Leitor para promover o debate sobre filosofia, que era a área dele e que achava que estava relegada ao segundo plano, como realmente estava. Aqui um parêntese: o Cultura é um caderno, como eu acho que todos os suplementos com o perfil dele, é um caderno muito, muito dominado por literatura, a ponto de

isso às vezes desequilibrar um pouco. Quer dizer, a gente tem que, volta e meia, fazer coisas do tipo puxar o Cultura para ser um Cultura sobre cinema, para fazer um balanço de uma determinada personalidade, ou mesmo para ser um caderno que dê um olhar cultural sobre grandes acontecimentos. A Revolução de 1930, ela não é cultura, estritamente falando, mas ela pode ser cultura. Uma reportagem sobre a Revolução Farroupilha não é o Cultura, mas ela pode vir para o Cultura no sentido de tentar trazer para o caderno um tipo de debate que normalmente não estaria presente. São coisas que poderiam estar em qualquer lugar do jornal.

Como é feita a definição das pautas, a escolha dos assuntos que vão entrar no caderno? Até mesmo pensando no grande número de livros que vocês devem receber... como escolhem quais serão resenhados? Quais são esses critérios?

O primeiro grande critério é o critério local. É o critério que, do nosso ponto de vista... O Cultura é o principal suplemento com o seu perfil na Região Sul. Se ele não estiver voltado para a vida cultural do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre, da Região Sul, esse vai ser um vácuo que não vai ser preenchido por ninguém. Então nós consideramos que esse é o primeiro ponto. O segundo ponto tem a ver com o que... há uma demanda específica para o caderno, que é uma demanda que vem desde o interior da redação até a própria comunidade, os leitores. Então é muito frequente a gente receber sugestões e acatar estas sugestões. Para te dar um pequeno exemplo, em novembro do ano passado nós recebemos uma sugestão de alguém dizendo que 2011 era o ano do cinquentenário da publicação da História da Loucura, do Foucault. E, em função desta sugestão, eu entrei em contato com uma professora da Unisinos, que é a Beatriz Marocco, e pedi a ela, que é especialista em Foucault, que produzisse um texto sobre esse autor e sobre esse livro. Foi publicado no final do ano. Então assim, às vezes há uma demanda que a gente procura atender. Nem sempre é possível. Com esses dois critérios a gente, digamos, faz o plano de voo mais geral. Quer dizer, todas as edições do Cultura vão estar, de alguma maneira, atravessadas por essas duas linhas: o que é local e o que é pedido, o que é sugerido, o que é proposto.

Bom, sobre resenha, comentário. As resenhas entram muito, e a gente tem consciência de que o espaço de resenha no caderno não é um espaço tão grande que nos permita dizer assim “nós queremos, nós temos a ambição de resenhar todos os livros de autores gaúchos que são lançados...”. Não, nós não fazemos isso. “Nós temos a ambição de ter um comentário sobre todos os filmes que estão estreando...”. Também não conseguimos fazer isso. Então assim: nós tentamos registrar, na medida do possível, os lançamentos. Tentamos não ignorar os

lançamentos. Tentamos, sempre que o Rio Grande do Sul tem um personagem que é um personagem importante e que tenha uma contribuição, e que isso de alguma maneira tenha, digamos, um mote jornalístico, a gente tenta que isso esteja no Cultura. Foi o caso do ano passado, de um caderno sobre a morte da Sandra Pesavento, no aniversário de morte, havia uma jornada dedicada a ela. Ela é uma autora de uma área específica, ela é uma autora de história que trabalhou com história das mentalidades, com história do cotidiano, que é algo que não é sequer consensual dentro do campo da história, mas ela, nesse terreno, teve um papel decisivo. E ela era uma gaúcha de Porto Alegre que fez toda a sua carreira, uma carreira de dimensão internacional, aqui em Porto Alegre. Então nós achamos que isso valia. E aí entra nessa coisa: tinha o fato de ela ser gaúcha, o fato de haver um evento dedicado a ela aqui e o fato de que várias pessoas nos disseram que isso estava acontecendo. Quer dizer, havia um grupo, uma rede de ex-alunos, colaboradores, que sinalizaram para nós que aquilo ali estava acontecendo e nós decidimos fazer. Agora assim, é muito autocrático, como toda edição de jornal, é muito... como eu te diria, sujeito a fatores imponderáveis que estão ligados ao cotidiano de um grande veículo jornalístico. E mais: de um veículo jornalístico que não pode se dar o luxo de ignorar o que a comunidade está fazendo, está pensando, está assistindo, está lendo. Então, por exemplo, nós não vamos poder ignorar, certamente, ao longo de 2012, que está sendo rodado um longa-metragem dirigido pelo Jayme Monjardim no Rio Grande do Sul baseado em O Tempo e o Vento. Isso aí é uma coisa que já está introjetada por nós como parte da nossa agenda e das nossas preocupações nesse ano.

E quanto de ti, do papel do editor, está presente no suplemento? Lembro que comentastes uma vez que as pessoas que te conhecem e que veem o caderno sabem que é o teu caderno, que é tu que editas, porque ele tem a tua cara. Quanto de ti está nele?

Eu acho que sempre o que eu faço tem a minha cara, mas talvez seja uma grande pretensão minha. O que eu acho que eu trouxe um pouco para o Cultura é, em primeiro lugar, uma preocupação... Eu tenho uma preocupação gráfica grande. Essa reforma, a última reforma do caderno, reforma gráfica, visual, do caderno, a mudança de identidade visual, foi proposta por mim. Eu tenho na minha trajetória um conjunto de preocupações que vão desde a literatura até a história, até filosofia, sociologia, relações internacionais, isso está ligado um pouco ao que eu fiz no jornalismo e eu trouxe isso para o caderno. E eu, desta vez especialmente, eu digo isso em comparação ao período anterior que eu editei o Cultura, que foi de 1997 a 1999, eu tenho uma ênfase muito grande em reportagem no caderno. Então eu tenho a impressão de

que, se o Cultura hoje é um caderno com peso muito grande de reportagem, isso tem haver com o fato de eu estar editando.

E qual a tua relação com os editores antigos do Cultura e como tu te baseastes no trabalho deles? Procurou alguma referência?

Acho que sim, eu acho que todos os editores colocam, deixam um pouco de si no caderno quando eles deixam de editar. Eu tenho o maior respeito, a maior admiração pelo trabalho de todos eles, sem exceção, e eu acho que nunca deixei de ser um leitor do Cultura. Eu digo que eu sou mais que um leitor, eu digo que eu sou um torcedor do Cultura e nisso não tem nenhum tipo de elogio fácil, eu acho que o torcedor é o torcedor nas horas boas e nas horas ruins. E o caderno, eu acho que teve grandes momentos. Grandes momentos que não estão em absolutamente nada ligados ao período em que eu fui editor. Eu acho que tanto com o Luiz Zini Pires, com o Eduardo Veras, que são meus amigos, meus colegas, quanto com o Jerônimo Teixeira, que não está mais na RBS, tanto o Pilla Vares, o Juarez Fonseca. O Pilla Vares, já falecido, mas era uma pessoa a quem eu admirava e que continuou sendo colaborador da Zero Hora até falecer. Eu acho que eles só contribuíram, só acrescentaram ao caderno.

E quando os textos chegam até vocês, qual o teu papel de edição dos textos prontos?

Bem, eu tenho uma pretensão que é a de influir nos textos, muito, e pedir que os textos tenham qualidade, certo? Essa pretensão está baseada no fato de que eu me dei conta de que um editor – isso eu me dei conta depois de alguns anos de profissão –, eu me dei conta que um editor, mesmo de um caderno que se propõe a ser um caderno de textos de alta qualidade, pode fazer muito para melhorar a qualidade do que é escrito. E essa responsabilidade é ainda maior quando ele lida com colaboradores que não são parte da equipe permanente do jornal. Nós temos um desafio, digamos, que é o de fazer com que pessoas que conhecem ao extremo, que conhecem de forma altamente competente, altamente especializada, as suas áreas consigam escrever de uma maneira que seja vista pelo leitor da Zero Hora. O Cultura é um caderno que faz parte de um jornal dirigido para um público de 200 mil leitores, se a gente for levar em conta a circulação da Zero Hora hoje. A Zero Hora está sempre batendo recordes de circulação, mas, enfim, os números que a gente tem são em torno desse patamar, que ele seja visto por esses leitores não como um caderno especializado, como um caderno hermético, como um caderno obscuro, mas como um caderno que é dirigido para ele. Eu tenho a

pretensão de que o leitor comum do Cultura pegue o caderno e diga: “puxa, esse caderno foi feito para mim”. Mesmo que essa pessoa nunca tenha ouvido falar do Clint Eastwood, que ela pegue uma edição dedicada aos 80 anos do Clint Eastwood, como nós fizemos em 2010, e pense: “aqui tem alguma coisa pra mim, aqui tem algo que, se eu já não conheço, eu devo conhecer”, independentemente do grau de conhecimento que essa pessoa possa vir a ter sobre cinema ou outras coisas. Então é muito frequente eu pedir que as pessoas reescrevam os textos. É muito frequente eu recusar textos. É muito frequente eu mexer nos textos e enviar para as pessoas. Eu acho que o editor, principalmente o editor do Cultura, tem que fazer isso.

Quando eu comecei, quando eu editei o Cultura pela primeira vez, eu não pensava assim, eu às vezes tinha um pouco de pudor de pedir para um grande escritor ou para um professor com muitos anos de ensino, de pesquisa, reescreverem. E eu perdi completamente este prurido. Eu tenho hoje isso como parte da minha missão. Eu peço para os colunistas reescreverem, eu peço para os colaboradores da Zero Hora, e principalmente para os colaboradores de fora. E com frequência, às vezes, o que é oferecido, mesmo com pertinência do ponto de vista jornalístico, do ponto de vista da qualidade, do ponto de vista das ideias que são desenvolvidas pelos autores, com frequência eu recuso. Porque há coisas que eu acho que têm que ser controladas e têm que ser calibradas no caderno. Por exemplo: sem citar nomes, eu há pouco tempo recebi um artigo dedicado a uma personalidade da vida cultural brasileira que morreu. E o texto que me foi enviado era um texto que começava com uma frase do falecido dirigida ao autor do artigo e elogiando o autor do artigo. Então eu acho que é errado usar o momento da morte de alguém para se autovalorizar. Eu acho que é errado escrever obituário na primeira pessoa, a menos que seja o nosso próprio obituário. E por isso eu recusei o artigo.

O caderno tem essa coisa de ser um espaço de sociabilidade entre os intelectuais, portanto deve aparecer muito a questão da vaidade, de ter que lidar bastante com isso. Ou não?

Eu acho que todo artista, todo pesquisador, todo professor, é vaidoso. Todo atleta é vaidoso. Todo político é vaidoso. Eu acho que a vaidade... o jornalismo te expõe à vaidade em grau extremo. Eu acho que a vaidade... a ponto de a gente já levar a vaidade como uma característica essencial do ser humano. Isso era uma coisa que às vezes me incomodava há algum tempo atrás, principalmente porque eu não considero que a vaidade seja algo inatural, mas também acho que na maioria das vezes a vaidade é um elemento que ajuda as pessoas a darem vasão ao pior de si mesmas, e não ao melhor. Às vezes ajuda a dar vasão ao melhor. E

eu achava muito triste ter contato com uma grande personalidade da cultura que se revelava nos detalhes, em pouco tempo, uma pessoa que valorizava o aspecto mais mesquinho da vaidade. E isso eu passei a ver como uma coisa natural. Eu acho que o jornalista tem que levar em conta critérios, tem que se pautar por critérios que lhe permitam encarar o fato de que o ser humano tem dessas características. E já esta no Eclesiastes: vaidade, vaidade, tudo é vaidade.

Antes já estávamos comentando um pouco sobre o público para o qual vocês escrevem, e também sobre a matéria do Clint Eastwood. Não tem quem chegue até vocês e diga que Clint Eastwood não deveria ser tema do Cultura, por exemplo?

Sim, isso... mas eu acho que esse debate é sempre muito positivo. Isso volta e meia se questiona: tal coisa deve ser o Cultura? Tal coisa deve ser cultura? Tal coisa é cultura ou não é cultura? Eu acho a grande questão é: o Cultura tratou bem Clint Eastwood? E tratou sem perder a sua identidade? Eu acho, por exemplo, que o Cultura não pode se limitar a fazer uma filmografia do Clint. Ele não pode se limitar a lembrar os grandes momentos da carreira do Clint, ou lembrar o fato de que o Clint foi prefeito de uma cidadezinha na Califórnia... não pode encarar o seu objeto como outra editoria qualquer encararia. Eu acho que ele tem que ter um olhar do Cultura, um olhar da reflexão, um olhar que tente trazer alguma coisa diferente, um olhar que tente pegar o leitor e trazer o leitor para a problemática da cultura, para o mundo da cultura, de uma maneira que não fique forçada, que não fique agressivo, que não seja persuasivo no mau sentido. Tem que ser uma coisa natural. Nós tínhamos, neste caso específico, um grande texto, que era um texto de agência, um texto do *The Guardian*, e tínhamos também sugestões dos nossos críticos de cinema. Então isso eu acho que foi uma forma de tratar essa figura como ela merecia, como um ícone da cultura pop, como um personagem que é meio emblemático, mas emblemático no sentido em que o Charles Chaplin é emblemático; no sentido de que o computador de “2001: uma odisseia do espaço” é emblemático.

Existem alguns dados sobre o público do caderno, alguns inclusive me foram repassados pela RBS. Vocês usam esse tipo de informação para montar uma imagem do leitor para quem vocês escrevem? Vocês têm essa imagem?

Eu, cada vez mais, me preocupo, em tudo o que eu faço, eu me dou conta do seguinte: eu acho que um jornal na posição da Zero Hora, que é uma posição, como a gente diz aqui internamente, de liderança, que atinge um público muito grande, muito amplo, eu acho que

não pode idealizar o seu leitor. Ele tem que ser permanentemente um jornal que tente dialogar com uma parcela muito grande de leitores, um perfil muito variado. E te dizendo sinceramente, Sara. Eu, hoje se tu me perguntasses para quem tu fazes o jornal, eu faço o jornal para o menino de 10 anos, de 9 ou 10 anos, que está começando a ler, que começou a ler o jornal pelo Segundo Caderno, porque gosta de televisão, porque gosta de cinema, porque gosta de música, porque gosta de mulher bonita, e esse menino sou eu quando eu tinha 10 anos. E hoje eu vejo, eu tenho um filho de 7 anos que está aprendendo a ler, esse ano começou a aprender a ler. Eu vejo que lá em casa ele é o primeiro a pegar o jornal, ele entra pelo jornal, como a gente diz aqui, a porta de entrada dele no jornal é a editoria de esportes, é o que ele mais gosta no jornal. O jornal para ele é um instrumento para entender o que está acontecendo no esporte com o time dele, para ver como o jornal deu o jogo do dia anterior, para ver quando é que vai ser o jogo daquela semana. Ele gosta do jornal, ele curte o jornal por aí. Eu era diferente, eu curtia o jornal, eu vibrava com a Zero Hora, muito em função do Segundo Caderno. E tem coisas que o Segundo Caderno fez lá em 1979 que eu me lembro. Tem reportagens do Segundo Caderno eu me lembro, por exemplo, do caderno de quatro páginas especial que a Zero Hora fez quando John Lennon morreu. Eu tinha acabado de começar a ouvir Beatles em 1980. Eu tinha começado a me interessar, querer ouvir, querer entender, e aí morre Jonh Lennon e a Zero Hora fez um caderno que tem coisas que eu até hoje me lembro. Eu me lembro das fotos, eu me lembro da seleção de frases do Jonh Lennon que a Zero Hora fez. E eu tenho essa pretensão, de conseguir trazer para o jornal, para a leitura do jornal, leitores como eu era. Então se eu conseguir trazer esse jovem leitor, que já está cheio de estímulo: ele pode ficar um bom tempo na frente da TV por assinatura, ele vai ter certamente muita coisa legal para ver na Internet... se eu conseguir pegar um pouco do tempo dele eu me dou por satisfeito.

Essa relação do público com a editoria de cultura é algo bem especial mesmo, não é? Principalmente com os suplementos semanais, que as pessoas chegam a colecionar. Como tu vê essa relação do público com o caderno Cultura? O que vocês recebem de *feedback* das pessoas?

Todo *feedback* que eu recebo em relação ao Cultura é muito positivo. Nós recebemos críticas, mas críticas que eu diria que são as críticas do torcedor. As críticas daqueles que querem ver o Cultura acertar. Por exemplo: se há um dado errado, se um determinado assunto está ausente, se nós nos concentramos muito nisso, por exemplo, em literatura e pouco em cinema. Os leitores têm mil formas de indicar aquilo que acham que tem que ser o Cultura. E eu, na

maioria das vezes, vejo isso, acolho isso como uma vontade do leitor, como aquilo que, que são as pessoas para quem eu faço o caderno, aquilo que essas pessoas querem ler, querem ter. Então o retorno que eu recebo é muito esse.

E tem leitores mais atuantes, que vocês já conhecem, por entrarem em contato frequentemente?

Sim, tem. Hoje o contato com o leitor no caso do Cultura... Assim, o Cultura, pelo fato de circular no sábado e pelo fato de não ser hoje um caderno de serviço, não é um caderno, por exemplo, que sirva para orientar o leitor a como ir para um determinado show, ou como adquirir um determinado livro. O universo do Cultura é um universo de reflexão, de recolhimento, de fruição mesmo do texto. Então aquele retorno mais básico do leitor, daquele leitor que liga para o jornal, por exemplo, no sábado, ele liga para o jornal para saber onde ele encontra o horário do show tal, ou para reclamar que um determinado programa na TV ele ligou e não está dando o programa e assim vai. E o leitor do Cultura dá o retorno muito por e-mail, e muito em termos de críticas e de sugestões. Tem muita gente que sugere artigos.

E a relação do caderno com a própria Zero Hora. Hoje ele é o único desse tipo no estado, e como tu falaste antes inclusive na Região Sul toda. Tu achas que um suplemento assim teria espaço hoje em outro jornal que não a Zero Hora? Um caderno desse perfil?

Olha, eu acho que todo jornal deveria ter um caderno com o perfil do Cultura.

Pois é, mas hoje talvez o espaço mais.... Os outros jornais tem os cadernos diários, mas esse espaço mais...

Eu acho que, com o Cultura, a Zero Hora estabelece assim, digamos, quase um padrão de alta qualidade para o jornalismo cultural. Acho que, num cenário ideal, o bom seria se o Cultura não estivesse sozinho, e que ele pudesse aí se concentrar, se diferenciar pelo específico, pelo particular. Hoje ele se diferencia pelo geral, ele é o único na sua missão, digamos assim. Mas não acredito que o fato de existir outros cadernos com o mesmo perfil fosse atrapalhar, pelo contrário. A gente vê um pouco, porque a gente sempre dialoga, na ausência de concorrência aqui na praça, a gente se volta para os cadernos de O Estado de São Paulo, do Valor Econômico, do Globo, da Folha de São Paulo. Eu não vejo mais, diferentemente do que eu via há 15, 20 anos atrás, um modelo pronto e acabado de caderno de ideias. Acho que exista muito mais... eu acho que um pouco a Internet é responsável por isso, porque há muito conteúdo desse tipo disponível na Internet.

Os jornais mantêm os seus suplementos com perfis... há uma abundância no mercado editorial, e talvez para que esses cadernos continuem a ser um diferencial, eles têm que procurar a sua vocação, eles têm que procurar o diálogo muito forte com o seu público. Acho que é isso.

Tu comentaste antes que o caderno não é um espaço de serviço, esse seria um papel mais dos cadernos diários de cultura, mas o suplemento é bastante ligado aos lançamentos e às estreias. E agora em 2011 tem a coluna Agenda da Semana, que não tinha antes. Como tu vês essa ligação desse espaço, que é um espaço distintivo, que exige um tempo maior de maturação das ideias, com o ritmo do mercado, que é outro?

O que acontece no caso da Agenda da Semana é que nós nos demos conta de algumas coisas. Em primeiro lugar: era necessário um espaço para lançamentos na área de literatura, fosse de ficção, fosse de não ficção. Isso em função de que no Brasil se edita cada vez mais. Embora a morte do livro esteja sendo decantada em prosa e verso, há uma tendência, há um número crescente de lançamentos no mercado. Então é muito difícil o jornal dar conta disso tudo, não tem espaço para dar conta disso tudo. Tem que ser o Cultura. O Cultura não pode deixar de registrar o movimento que o mercado editorial está fazendo. Por outro lado, há também uma agenda grande acadêmica, especializada, dentro dos institutos, dentro das ONGs, na cidade. O perfil de Porto Alegre mudou. Porto Alegre é uma cidade hoje que está incluída no grande eixo cultural brasileiro e vai ser mais, vai aumentar. Então eu fico feliz de que no ano de 2011, por exemplo, a exposição do Torres García no museu Iberê Camargo tenha tido lugar privilegiado no Cultura. Eu fico feliz que as passagens do prêmio Nobel tenham tido, não posso ignorar isso.

Na verdade é o gancho para uma reflexão mais aprofundada.

É o gancho porque essas pessoas estando presentes, ou essas atrações culturais passando pela cidade, nos permitem falar da obra dessas pessoas. Mas na verdade isso é da essência do jornalismo, quer dizer, nós fazemos um caderno, ainda que seja um caderno cultural, ele não pode ser confundido com um espaço acadêmico, por exemplo, com um espaço científico, ele é jornal. Mas é jornal sobre a área da cultura.

E as assessorias de imprensa têm um papel importante? Vocês chegam a ser pautados pelos releases das assessorias de imprensa no Cultura ou isso fica mais para o jornalismo diário?

É muito difícil. É raro uma assessoria de imprensa, digamos, sugerir algo que venha a se tornar uma capa do caderno. Agora é muito frequente, nós temos essa pretensão, por exemplo... Porto Alegre é uma cidade importante dentro do movimento psicanalítico. Há um fluxo impressionante de grandes autores, de grandes profissionais dessa área passando por Porto Alegre, fazendo palestras, seminários, conferências. Nós queremos que isso esteja no Cultura, então volta e meia quando a gente está sabendo de um evento desses, a gente pede que os assessores de imprensa enviem um material e às vezes até enviem artigos. Não é, eu acho, contraditório... São eventos, por exemplo, se vem um grande psicanalista, eu quero ter um texto dele para eu poder publicar antes. Para a pessoa que vai à palestra ter lido alguma coisa.

Tem também a questão da própria RBS e das iniciativas da área da cultura da RBS que são pautas do caderno, como o Fronteiras do Pensamento, o prêmio Fato Literário...

O Fronteiras antes de ser da RBS já era pauta porque ele é pauta nacional. Não tem como ignorar uma programação do porte da programação do Fronteiras. Nem sempre os conferencistas são a capa e a página central do caderno, mas o Fronteiras do Pensamento, como evento, nós não temos como ignorar.

E outros eventos também, tu poderias falar um pouco mais sobre essas iniciativas e a relação de vocês terem que publicar isso ou não?

É que eu acho que isso é natural, a RBS é uma grande empresa de jornalismo e entretenimento. Empresa numa posição muito sólida no estado. A Zero Hora cobre os eventos da agenda cultural. É natural que em um determinado momento isso se cruze com o que a RBS está fazendo. Nós não deixamos de cobrir algo em função de que a RBS não está participando. Não deixamos de cobrir algo em função de que outra empresa, um outro grupo está fazendo. O que acontece é que normalmente não fazem. Normalmente, entre as empresas de comunicação é raro uma empresa trazer alguém, por exemplo, ou patrocinar um show, é raro. Pelo menos dentro da área do Cultura. Então é isso que acontece.

Mudando um pouco o foco... O caderno trata muito do presente, mas tem também muitas matérias sobre o passado, algumas inclusive sem gancho na atualidade. Eu gostaria de saber como tu vê a relação destes três tempos. Como passado, presente e futuro estão presentes no caderno?

Eu acho assim: a cultura não existe só no presente. É impossível conseguir, eu acho, se posicionar diante de um grande momento da cultura como se ele fosse algo surgido do nada. Todos nós nos posicionamos no terreno da cultura de uma perspectiva que é histórica. Histórica na medida das nossas possibilidades. Ninguém vê um filme como se o cinema tivesse sido inventado hoje. Pessoas veem filmes de acordo com a memória, com o entendimento, com as preferências que elas têm. Eu acho que isso serve para todos os momentos da cultura. Portanto eu encaro isso de um ponto de vista muito plano. Eu acho que, por exemplo, se tu pegar uma obra do Paulinho da Viola. Vou pegar aqui um exemplo totalmente aleatório. O que é presente, o que é passado e o que é futuro na obra do Paulinho da Viola? Num certo sentido ela é toda passado, porque ele compõe em diálogo com os grandes compositores que ouvia quando era menino. Por outro lado, nós daqui a alguns anos vamos estar ouvindo Paulinho da Viola em plataformas totalmente diferentes daquelas para as quais ele compôs. Talvez o vinil e o CD não existam mais. Talvez o rádio seja algo totalmente diferente, mas nós vamos sem dúvida continuar ouvindo Paulinho da Viola. Então eu vejo isso como se o passado, em termos de cultura, como se o passado, o presente e o futuro estivessem na mesma linha. Eu não posso descartar alguma coisa em termos de cultura por que isso é velho. Assim como não posso descartar alguma coisa porque isso não é para agora, é para daqui a alguns anos. Eu acho que a cultura apóia essa diferença temporal entre essas várias instâncias. E eu acho que os grandes artistas são os artistas que fazem a síntese disso. Eu acho que os grandes filósofos, os grandes autores, os grandes intelectuais, eles deixam um pouco o universo numa casca de noz. Eles fazem com que essas coisas se dirijam a um ponto só, que é o ponto que eles procuram sintetizar. Agora, certamente nós vamos encontrar entre os leitores aqueles que acham, por exemplo, que falar da Revolução de 1930 é falar do passado. O próprio Rio Grande do Sul é um lugar em que o passado está sendo constantemente reencenado, e ao ser reencenado ele é atualizado, ele é trazido de volta pra vida. E a gente não pode se enganar, a gente está vivendo a nossa vida dentro desse molde, que é um molde que não dependeu de nós e que dentro da cultura eu acho isso muito, muito claro.

E talvez seja o único espaço no jornal que teria lugar para esse tipo de reflexão sobre o passado. Acho importante ter este lugar.

Mas eu acho que na verdade assim... Eu acho que o jornal – outra coisa é a gente discutir se ele consegue ou não fazer isso – mas eu acho que o jornal procura, pelo menos, fazer sempre.

Ele procura mostrar o que aconteceu, procura colocar as coisas em perspectiva, ele procura contextualizar. O que eu acho que é a grande vantagem do Cultura é que como o passado, para o leitor do Cultura, é uma coisa totalmente presentificada, digamos, seja na obra que continua sendo reeditada, seja nos problemas que continuam sendo tratados, que continuam sendo analisados... Eu acho que para o leitor do Cultura é uma coisa mais natural. O grande desafio eu acho é tentar encontrar formas novas de abordar esses temas, tentar recuperar o que talvez tenha sido jogado para baixo do tapete, tentar mostrar um ângulo novo de alguma história. Eu acho que o Cultura, modestamente, muito modestamente, conseguiu em alguns momentos recuperar coisas do tipo... a história econômica da Revolução Farroupilha é muito pouco estudada, daqui a pouco o caderno lembrou que, por exemplo, os farrapos, que todo mundo diz que fizeram a sua revolução contra os impostos e as taxas, contra o charque, instituíram impostos e taxas que eram às vezes mais altos que as do Império e eu fico feliz que isto esteja no Cultura. Para lembrar, para problematizar, para talvez levar para a sala de aula, para valorizar um trabalho de uma pesquisadora que está trabalhando com isso.

E no sentido de identificar tendências, com uma perspectiva do futuro, tu achas que o caderno tem esse papel?

É eu acho assim. A Zero Hora tem essa preocupação, inclusive hoje ela tem um foco nisso e tem, digamos, até uma editoria informal preocupada com tendências. Mas isso está muito diluído por todo o jornal. O jornal de uma maneira geral está preocupado com isso. Então tu vais encontrar isso na economia, tu vais encontrar na geral, tu vais encontrar na editoria de mundo, na editoria de esportes, na editoria de cultura. O Cultura fez, ao longo dos últimos tempos, algumas reportagens que poderiam, algumas edições consagradas a algo que poderia ser chamado de tendências. Seja, enfim, um material sobre leitura digital, sobre as perspectivas da Internet, da sociedade em rede... vários aspectos ligados à criação artística neste novo ambiente, ligados à educação. São coisas que de alguma forma passaram pelo Cultura, mas não acredito que seja uma coisa exclusiva do Cultura, está no jornal como um todo.

Na amostra de 2010, que era ano de eleições, o futuro apareceu algumas vezes em função da expectativa dos novos governos. Aqui no estado também, em função da Secretaria da Cultura, então foi um ano propício para que aparecesse o futuro no caderno.

Sim, nesse caso, 2010 teve uma série de coisas, foi um ano bem atípico. Era um ano em que a área da cultura aqui... Outra coisa que a gente tem que cobrir e que eu acho que poderia cobrir

melhor é política cultural, principalmente em um estado como o Rio Grande do Sul, que é um estado em que esta área está em crise permanente. Então 2010 foi um ponto de depressão na cultura do estado, um momento em que se achou que tudo iria pelos ares. E o Cultura abordou isso.

A polêmica e o conflito, que não são normalmente muito abordados nas editorias de cultura, aparecem bastante em 2010.

Apareceu em 2010. Eu te confesso que eu acho que a polêmica tem que estar no caderno, mas ela tem que ser editada também, ela tem que estar de uma forma qualificada, ela tem que acrescentar alguma coisa. Eu acho que a polêmica no caderno Cultura não pode ser a polêmica de simplesmente “o que pensa fulano e o que pensa cicrano”. Ela tem que ser tratada de uma forma inovadora. Eu acho que uma polêmica que é muito importante para o Rio Grande do Sul e que foi tratada pelo caderno em um período em que eu ainda não editava foi a polêmica levantada pelo Voltaire Schilling em relação à questão dos monumentos e das obras de arte doadas para o município. Eu acho que aquela polêmica marcou época. E tanto aquilo não é algo fortuito, no caso do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre, que hoje, praticamente dois anos depois, nós continuamos discutindo, por exemplo, o destino do mirante do José Resende junto ao Cais do Porto. E não se sabe o que vai acontecer com a obra, quem é responsável, se é a Secretaria de Cultura, se é a Secretaria de Obras, se é a Secretaria do Meio Ambiente.

Porto Alegre, essa cidade cheia de monumentos positivistas, é uma cidade em que o positivismo, ou seja, esculturas e obras de arte públicas muito marcadas por uma determinada ideologia do século 19, está muito presente. Está escancarado e é incrível que hoje talvez não se encontre mais do que um ou dois positivistas vivos, mas isso marcou tanto a nossa visão de mundo que a questão das obras públicas, do patrimônio cultural, o que é monumento público, o que é espaço público, isso aí é um problema permanente no Rio Grande do Sul. Eu sou fascinado por esse assunto. Eu acho que a gente devia até produzir mais sobre isso, pensar de que maneira esses monumentos que são monumentos mais conhecidos da cidade e do estado, de que maneira eles influenciaram a nossa forma de enxergar o que veio depois e que também está aí no mesmo espaço. Quer dizer, tu tens a obra do Resende no Cais do Porto e tu tens o monumento ao Julio de Castilhos na Praça da Matriz e tu tens a Biblioteca Pública... Porto Alegre ainda não tem praticamente grandes obras de todos arquitetos, mas já tem um museu projetado por um dos maiores arquitetos contemporâneos, que é o Iberê Camargo, e assim vai.

Falando sobre as colaborações, agora mudando um pouco de assunto. Como são escolhidos os colaboradores fixos, os colunistas, e os colaboradores eventuais? A gente vê que há uma tentativa de alternância entre os colaboradores, mas tem alguns que escrevem com certa frequência.

Os colaboradores fixos ele têm a ver com uma relação com o jornal, evidentemente, mas essa relação é presidida pela contribuição que cada um tenha a dar na sua área. Os três colaboradores fixos, os quatro, são pessoas de absoluta autoridade nas suas respectivas áreas. E escrevem bem. Quanto aos outros colaboradores, é algo muito baseado neste binômio que é o conhecimento que têm e a relação com o jornal. Por exemplo: eu não posso obrigar alguém que se recusa a escrever para a Zero Hora a escrever, por mais que seja um profundo conhecedor da sua área. Então tem que ter essas duas coisas. Os colaboradores mais frequentes certamente são aqueles que se propõem com mais frequência a colaborar. É muito difícil eu pedir um artigo para alguém e a pessoa me dizer não. É muito difícil.

Mas tu pedes os artigos e também tem aqueles que chegam...

Chegam, sim, sim.

Alguém que nunca escreveu, por exemplo, pode tentar mandar?

Manda, claro, claro.

E pode ser publicado.

Pode ser publicado, de acordo com os critérios que são os critérios do caderno. Se alguém me manda um artigo sobre a importância da pintura expressionista na Tailândia no final do século 19, certamente esse texto vai ter menos chance de ser publicado que algum outro texto que esteja mais voltado às questões locais, que tenha mais a ver com o perfil que eu falei antes do Cultura.

Agora tem uma coluna chamada Diário de Berlim. Vai ser mantida?

Terminou. Foram dois meses, o Caneppele já voltou.

E chegou a ter agora em 2011, uma participação do Carlos André Moreira, a Rato de Livraria. Apareceu uma vez.

Aquilo foi no caderno da Feira do Livro. Não teve mais, foi dentro do caderno da Feira do Livro. E é uma seção a gente tenta fazer daquilo ali uma seção dentro da cobertura da Feira.

Então os colunistas continuam sendo os mesmos: o Celso Loureiro Chaves, o Claudio Moreno, o Ricardo Chaves e o Fischer.

Sim.

E tu achas que o suplemento consegue dar conta dos grandes debates que hoje em dia estão em voga tanto na esfera cultural quanto na política, ou em outros campos?

Eu acho que o Cultura pelo menos tenta dar conta disso tudo. Tenta, não significa consegue. Ele encara, eu acho, os grandes debates. Não vejo, por exemplo, pegando o ano de 2011. Eu não consigo ver grande debate do ano que tenha ficado totalmente ausente do Cultura. Primavera árabe, a crise econômica mundial...

O próprio caderno do 11 de setembro...

O 11 de setembro. Os desdobramentos da sociedade em rede... Eu acho que essas coisas estão de alguma forma presentes.

Esses cadernos semanais têm historicamente uma pretensão de não só informar o leitor, mas ajudar a formar esse leitor. Tu achas que o Cultura consegue atuar nesse sentido?

Eu acho que sim. Acho que pelo menos esse é o objetivo do caderno.

Se daqui a alguns anos a gente pegar as edições do Cultura, a pessoa que ler daqui uns 10, 15, 20 anos vai conseguir ter uma noção daquilo que estava sendo discutido em nossa realidade no Rio Grande do sul?

Eu acho que sim. Ela vai ler esse caderno como um caderno do seu tempo. Ela vai ver nele, em todos os aspectos, muitas coisas que foram deixadas para trás, que não eram tão importantes, que foram ultrapassadas, mas ele vai ser, no mínimo, digamos, um periscópio pra esse momento que a gente está vivendo. Eu pelo menos acho que é isso. Não creio que seja papel do Cultura dialogar ou estar sintonizado com o leitor de 15, 20 anos à nossa frente. Mas eu tenho certeza que se o leitor de 15, 20 anos à nossa frente quiser entender um pouco a cultura do estado, ele vai ter que vir ao Cultura. E nesse sentido o Cultura é um caderno feito para a história.

Como outros que vieram antes dele também...

Como outros... Eu acho que o jornal é feito para a história, porque por mais que a gente pense e se foque muito no imediato, no presente, por mais que a gente tente antecipar as coisas, eu acho que todo grande jornal, a vocação dele é ser feito para a história.

Tem outra questão do caderno que é a publicidade. É um espaço de pouca publicidade, na capa e na página sete, um espaço que é cedido inclusive, mas de um tempo pra cá tem tido cada vez mais publicidade. Como tu vê isso num caderno de oito páginas, semanal, ocupando um espaço que podia ser de texto?

Eu adoro isso. E eu quero que tenha muita publicidade no Cultura. Talvez se o Cultura tivesse publicidade de anúncio de página inteira nas oito páginas ele fosse um caderno de 16 páginas, de 24 páginas. Então acho que esse tem que ser.... Isso é bom para o Cultura, eu quero dizer é isso. E eu não tenho dúvida de por que hoje ele tem mais anúncios: tem um movimento, que é esse movimento de que eu te falei, que é de chegada de grandes grupos editoriais no Brasil. Os anúncios que tu vais ver são anúncios da indústria do entretenimento, são os anúncios das grandes editoras, editoras estrangeiras, Planeta, do grupo Alfaguara, e outros. Das grandes universidades privadas... então é um pouco natural, eu vejo isto como uma coisa um pouco natural. É um espaço que esses anunciantes querem de alguma maneira ocupar.

É, realmente eles são ligados à área cultural de alguma maneira.

Ligados à área cultural, sem dúvida.

Bom, já comentamos um pouco, mas agora mais a fundo, a questão do local, do nacional e do internacional no caderno. Em 2010 eu pude notar uma forte presença de temas internacionais, mas escritos a partir da perspectiva local e mais livros de autores estrangeiros, acontecimentos de fora etc. Como tu vê essa tensão entre o local, o nacional e internacional no caderno?

É uma tensão eu acho que está muito ligada, ela tem a ver com a própria natureza do caderno. Eu acho que é muito difícil no Rio Grande do Sul, um estado de fronteira, com uma imensa comunidade imigrante de vários pontos do mundo, é muito difícil pensar na cultura em termos estritamente locais. Nós continuamos em 2011, ainda mais em 2011, com a presença grande... já te falei desde a Primavera Árabe, Ocupe Wall Street e outros temas. E acho que vai continuar sendo assim, mas a ideia é que o centro de gravidade do caderno seja o local.

É porque às vezes tem o gancho no local, como alguém que vai fazer uma apresentação aqui, por exemplo, mas o tema é internacional. Pelo menos na minha leitura a predominância é de internacional.

Sim. Eu acho que isso é um problema da realidade gaúcha. A capela positivista: o gancho está aqui, mas o positivismo não é uma ideologia gaúcha. O problema da música de concerto ou a questão, enfim, a questão do romance na literatura ocidental. O Erico Verissimo... a epopeia é um tema gaúcho ou não é gaúcho? Wilson Martins dizia que tem duas grandes vertentes na literatura gaúcha, e eu acho que a gente poderia estender essa reflexão para a cultura gaúcha, um tema é o local e o outro é o universal. Então é por isso que o Dyonélio Machado escreveu, por exemplo, um romance que se passava na Grécia. É por isso que uma boa parte das obras de Erico Verissimo está voltada... inclusive o Erico tem um romance que se passa em um país imaginário do Caribe.

E a questão dos temas internacionais sendo tratado por autores daqui. Porque se a gente for separar, mesmo nos temas internacionais, quem fala está falando daqui. Como tu vê isso?

Eu acho que é positivo. Eu acho que os gaúchos têm uma visão do mundo, eles têm uma vocação para isso. Claro que tem a ver com essas coisas que eu falei. Não tem como entender o Erico Verissimo sem levar em conta o período que ele passou fora do Brasil. Pobre de quem tentar fazer isso, ingênuo de quem tentar fazer isso. Não tem como entender a ficção na literatura gaúcha sem entender o contexto platino. Não tem como entender nada no Rio Grande do Sul se a gente for achar que o Rio Grande do Sul é uma ilha. Não é. É um estado periférico dentro de uma região que é muito grande culturalmente, muito forte, muito expressiva, e uma presença da cultura europeia que vem desde o positivismo até o legado dos imigrantes alemães, dos imigrantes italianos, da cultura portuguesa, da cultura judaica... Uma infinidade de coisas, está tudo cruzado o tempo todo. Está cruzado na obra de Moacyr Scliar, está cruzado na obra do Verissimo, está cruzado na nossa música erudita, está cruzado na nossa arquitetura, nas nossas políticas culturais, na ocupação do espaço urbano, nos nossos monumentos. Repito: eu acho que a missão do Cultura é tratar do local, mas logo no primeiro momento em que a gente começa a dizer “não, agora nós vamos ser locais”, nós já estamos sendo de alguma maneira mais universais do que talvez se a gente fosse um estado outro, que não o Rio Grande do Sul. Se a gente fosse Goiás seria impossível ser local na mesma maneira.

E o quanto essa questão do local está ligada à própria estratégia da empresa, desse acento no localismo?

Eu acho que isso é bem claro. A Zero Hora não pode ser, eu digo, eu fiz a contraposição entre o local e o universal. Agora a questão do local e do nacional. O Rio Grande do Sul não é um centro de poder, ele não é um centro da economia, ele é um estado muito específico. Ele é um estado num certo sentido periférico. Um caderno, um jornal produzido no Rio Grande do Sul ou qualquer produto cultural produzido no Rio Grande do Sul, não vai ser sequer entendido pelo conjunto dos brasileiros. No entanto, se a gente quiser fazer aqui um caderno, digamos, um jornal que seja brasileiro, ele não vai ser entendido pelos gaúchos. O Rio Grande do Sul tem uma peculiaridade muito forte. Eu tenho certeza de que se a RBS fosse uma empresa do Espírito Santo ela teria outro manejo do que é local. Talvez o peso de um noticiário de Brasília ou da cultura do Sudeste fosse muito maior. Não é assim porque o Rio Grande do Sul é o que é. Agora, claro que isso tem a ver com uma estratégia de empresa, que busca o lucro, que busca se afirmar, manter a sua posição, que é uma posição de muita força do ponto de vista econômico, do ponto de vista de mercado. E a RBS tenta manter isso.

É interessante que o nacional também está bastante presente no caderno, mas de uma maneira geral, não falando especificamente de São Paulo ou do Rio, e sim de assuntos nacionais de um modo geral.

Ah sim. O que o Cultura não vai conseguir fazer, por exemplo, é discutir a fundo o forró eletrônico. O Cultura não vai discutir a fundo as letras das músicas dos novos blocos de carnaval do Rio de Janeiro. O Cultura dificilmente vai ser um espaço para fazer um grande debate sobre Carnaval. Que tem a ver com a natureza. Talvez esse seja um espaço para fazer um grande debate sobre o 20 de setembro. Tomara que ele consiga.

E para finalizar, sobre matérias de agências. Às vezes saem coisas do Correio Brasiliense, da Agência Estado, do próprio *The Guardian* e outros. Quando uma matéria de agência é publicada?

A matéria de agência é publicada quando ela é boa.

Mas a preferência é para textos locais ou não tem isso?

O tema tem que ter atualidade, tem que ter alguma relevância para o público da Zero Hora. Nós assinamos várias agências, assinamos vários jornais, todos de qualidade além do Guardian, a AP, AFP... Agora estamos assinando pacotes do New York Times, que é um

material muito bom, um material que eu leio, que eu gosto de ler, mas que não cabe no *Cultura*. Porque em geral no *Cultura* a briga é para estar ali, para botar o pé na página. Eu não me preocupo até em dizer “ah um determinado assunto eu vou ter”. Porque vão ter cinco assuntos querendo entrar. E aí vai entrar aquele que é mais da hora, que é mais atual, que é mais local, que eu tenho alguém para produzir um conteúdo que seja um conteúdo que se coadune com o localismo, com a atualidade. Pra te dar um exemplo: eu tenho, vou publicar agora no sábado, estamos publicando, porque o caderno já está pronto, um artigo do Ismael Caneppele, que é um autor e escritor gaúcho, sobre um documentário a respeito de José Celso Martinez Corrêa. José Celso é uma figura tão importante, na minha opinião, no Brasil, que ele pode ser daqui a pouco ser capa do *Cultura*, como já foi. Uma entrevista com ele pode entrar derrubando todas as outras entrevistas. Agora, eu estava o tempo todo achando que aquela matéria poderia ser engavetada de novo. Ela estava esperando para ser publicada desde o ano passado. Daqui a pouco acontece alguma coisa do tipo morre o Hitchens, ou morre o *monsieur* Roche. Ou alguém escreve sobre os 50 anos do História da Loucura. Ou alguém escreve sobre os 80 anos do Umberto Eco. Então as coisas disputam entre elas e eu às vezes sou um árbitro, e às vezes eu tenho que desempatar e aí eu desempato de acordo com a minha cabeça.

Daí vai muito dos critérios pessoais...

Aí vai do critério do editor. Eu acho que se tu olhas o caderno tu consegues entender um pouco a cabeça do editor.

Até porque em algumas fases, dependendo do editor, alguns assuntos são mais tratados. Isso é uma coisa que eu me perguntei, se essa questão do internacional não tem a ver contigo também.

Eu acho que tem, mas eu me lembro, por exemplo, que o Luiz Zine Pires quando editava, e ele é um cara que gosta muito de internacional também, volta e meia internacional estava no meio. Eu mesmo fiz matéria, a pedido dele, com esse enfoque.

ANEXO B – Tabela completa dos colaboradores do caderno *Cultura* em 2010

Colaborador	Ocupação	Instituição vinculada	Textos
Celso Loureiro Chaves	Colunista	Zero Hora/ UFRGS	26
Cláudio Moreno	Colunista	Zero Hora	24
Luiz Antônio Araujo	Jornalista/editor do caderno	Zero Hora	21
Carlos André Moreira	Jornalista	Zero Hora	15
Fábio Prikladnicki	Jornalista	Zero Hora	15
Luís A. Fischer	Colunista	Zero Hora/ UFRGS	14
Ricardo Chaves	Colunista	Zero Hora	8
Daniel Feix	Jornalista	Zero Hora	7
Kathrin H. Rosenfield	Professor universitário	UFRGS	6
Moacyr Scliar	Escritor	Zero Hora	5
Carla Menegat	Doutoranda	UFRGS	4
Léo Gerchmann	Jornalista	Zero Hora	4
Eduardo Vieira da Cunha	Professor universitário/artista plástico	UFRGS	3
Joana Bosak de Figueiredo	Professor	Studio Clio	3
Patrícia Rocha	Jornalista	Zero Hora	3
Roger Lerina	Jornalista	Zero Hora	3
Wilson Alves-Bezerra	Professor universitário	UFSCar	3
Augusto Maurer	Professor universitário/músico	UFRGS/Ospa	2
Céli Regina Jardim Pinto	Professor universitário	UFRGS	2
Cláudio César Dutra de Souza	Mestrando	Universidade de Paris X	2
Clóvis Malta	Jornalista	Zero Hora	2
Elenita Malta Pereira	Mestranda	UFRGS	2
Gunter Axt	Historiador	**	2
Jorge Furtado	Cineasta/tradutor	**	2
Jorge Furtado	Professor universitário	PUCRS	2
Luiz Antonio de Assis Brasil	Escritor/Secretário da Cultura do RS	Governo do RS	2
Luíz Horácio	Escritor	**	2
Marcelo Träsel	Professor universitário	PUCRS	2
Mário Corso e Diana Corso	Psicanalistas	**	2
Mauro Gaglietti	Professor universitário	IMED (Passo Fundo)	2
Paula Ramos	Professor universitário/crítico	UFRGS	2
Sílvio Marcus de Souza Correa	Professor universitário	UFSC	2
Tatiana Tavares	Jornalista	Zero Hora	2
Ticiano Osório	Jornalista	Zero Hora	2
Abrão Slavutzky	Psicanalista	**	1
Adão Villaverde	Político	Governo do RS	1
Agência Estado	Jornalismo	Agência Estado	1

Aldo Mellender de Araújo	Professor universitário	UFRGS	1
Alexandre Fernandez Vaz	Professor universitário	UFRGS	1
Alfredo Fedrizzi	Publicitário e jornalista	**	1
Alfredo Jerusalinsky	Psicanalista	**	1
Alvaro Antonio Klafke	Doutorando	UFRGS	1
André Marengo	Cientista político	UFRGS	1
André Severo e Maria Helena Bernardes	Artistas plásticos	**	1
Anna Martha Silveira e Mariana Müller	Jornalistas	Zero Hora	1
Antônio Gonçalves Filho	Jornalista	Agência Estado	1
Aracy Balabanian	Atriz	Rede Globo	1
Armindo Trevisan	Poeta/professor/crítico de arte	**	1
Bianca Knaak	Professor universitário	UFRGS	1
Caco Coelho	Diretor teatral	**	1
Carlos Ginzburg	Historiador	**	1
Carlos Rodriguez	Barítono (músico)	**	1
Carlos Tavares	Jornalista	Correio Braziliense	1
Carlos Wagner	Jornalista	Zero Hora	1
Christopher Hitchens	Crítico cultural	**	1
Cinthy Verri	Médica/psicoterapeuta	**	1
Cíntia Moscovich	Escritor	**	1
Cláudia Tajés	Escritor	**	1
Conceição Freitas	Jornalista	**	1
Daniel Piza	Jornalista	Agência Estado	1
Daniel Weiller	Professor/pesquisador	**	1
Débora Cruz	Jornalista	Grupo RBS	1
Deisy Ventura	Professor universitário	USP	1
Denise Martinez Souza	Psicanalista	Centro de Estudos Psicanalíticos de POA	1
Diorge Alceno Conrad	Professor universitário	UFSM	1
Donaldo Schüler	Professor universitário (aposentado)	UFRGS	1
Ed Pilkington	Jornalista	The Guardian	1
Edgardo Litvinoff	Jornalista	La Voz del Interior	1
Eduardo Rodrigues	Jornalista	Grupo RBS	1
Eduardo Oliveira	Jornalista	Zero Hora	1
Eduardo Veras	Jornalista	Zero Hora	1
Elizabeth Bastos Duarte	Professor universitário	UFSM	1
Eron Duarte Fagundes	Crítico de cinema	**	1
Esther Pilar Grossi	Doutora em Psicologia	Universidade de Paris	1
Fabício Carpinejar	Escritor	**	1
Fernanda Zaffari	Jornalista	Zero Hora	1
Fernando Mascarello	Professor universitário	Unisinus	1
Fernando Meirelles	Diretor de cinema	**	1

Flávio Ilha	Jornalista	Zero Hora	1
Francisco Marshall	Professor universitário	UFRGS/Studio Clio	1
Gisele Teixeira	Jornalista	**	1
Hank Stuever	Jornalista	The Washington Post	1
Humberto Trezzi	Jornalista	Zero Hora	1
Isaac Karabtchevsky	Regente	Ospa	1
Ibsen Pinheiro	Político	Governo (Dep. Federal)	1
Ismael Caneppele	Escritor	**	1
Itamar Melo	Pesquisador	Zero Hora	1
Jackson Raymundo	Pesquisador	UFRGS	1
Jayme Eduardo Machado	Jornalista	**	1
Jean Lauand	Professor universitário	USP	1
João Carneiro	Presidente	Câmara Rio-Grandense do Livro	1
João Claudio Arendt	Professor universitário	UCS	1
João Gilberto Noll	Escritor	**	1
Joe Queenan	Crítico	The Guardian	1
John Lewis	Jornalista	The Guardian	1
Jonathan Jones	Jornalista	The Guardian	1
Jorio Dauster	Diplomata/tradutor	**	1
José Ernani de Almeida	Professor	Faculdade Anhanguera (Passo Fundo)	1
José Saramago	Escritor	**	1
Larry Antonio Wizniewsky	Professor universitário	Unijuí	1
Lawrence Flores Pereira	Professor universitário	UFSM	1
Leandro Demori	Jornalista	Associação de Jornalismo Investigativo de Roma	1
Leandro Sarmatz	Jornalista	Revista Vida Simples	1
Leila Endruweit	Jornalista	Zero Hora	1
Luciano Alarbase	Diretor teatral	**	1
Luís Augusto Fischer e Rodrigo Breunig	Colunista/Jornalista	Zero Hora	1
Luis Hornstein	Psicanalista/psiquiatra	**	1
Luiz Cláudio Cunha	Jornalista	**	1
Luiz Ernesto Cabral Pellanda	Médico/psicanalista	Sociedade de Psicanálise Porto Alegre	1
Marcelo Carneiro da Cunha	Escritor/jornalista	**	1
Marcelo Perrone	Jornalista	Zero Hora	1
Márcio Miranda Alves	Doutorando	USP	1
Márcio Pinheiro	Jornalista	**	1
Marcio Rosa D'Ávila	Professor universitário	PUCRS	1
Maria Lília Dias de Castro	Professor universitário	UFSM	1
Mário Corso	Psicanalista	**	1
Marisa Lajolo	Professor universitário	Unicamp/Mckenzie	1
Mark Lawson	Jornalista	The Guardian	1
Marta Sfredo	Jornalista	Zero Hora	1

Milton Mendonça Jr.	Professor universitário	UFRGS	1
Milton Paulo de Oliveira	Médico	PUCRS	1
Moisés Mendes	Jornalista	Zero Hora	1
Mônica Leal	Secretária Estadual da Cultura	Governo do RS	1
Olavo Amaral	Escritor	**	1
Paulo César B. do Amaral	Artista plástico/escritor	**	1
Paulo Fagundes Visentini	Professor universitário	UFRGS	1
Paulo Francis/Jaguar/Mario Prata	Jornalistas	**	1
Paulo Horn Regal	Professor universitário	PUCRS	1
Paulo Totti	Jornalista	**	1
Priscila Ferreira	Mestre/jornalista	UFRGS	1
Rachel Saslow	Jornalista	The Washington Post	1
Reges Schwaab	Doutorando/jornalista	UFRGS	1
Regis Fichtner	Secretário-chefe da Casa Civil	Governo do RJ	1
René E. Gertz	Professor universitário	UFRGS/PUCRS	1
Ricardo Araújo Barberena	Professor universitário	PUCRS	1
Robert Tait	Jornalista	Rádio Europa Livre	1
Robson de Freitas Pereira e Lucia Serrano Pereira	Psicanalistas	**	1
Rodrigo Orengo	Jornalista	Grupo RBS	1
Romeu Marques Ribeiro Filho	Desembargador/doutorando	Umsa (Buenos Aires)	1
Ronald Bergan	Crítico	The Guardian	1
Ronald Radde	Diretor teatral	**	1
Rosane Tremea	Jornalista	Zero Hora	1
Ruben George Oliven	Professor universitário	UFRGS	1
Rubens Fernandes Junior	Pesquisador/crítico	**	1
Ryan Gilbey	Crítico	The Guardian	1
Sam Leith	Jornalista	The Guardian	1
Steven Isserlis	Músico	The Guardian	1
Taiara Souto Alves	Mestre em História	UFRGS	1
Tatiana Zismann	Professor	ESPM	1
Terry Eagleton	Teórico da Literatura	Várias universidades	1
The Guardian	Jornal	The Guardian	1
Vinicius Vaccaro	Jornalista	Zero Hora	1
Vitor Ramil	Músico	**	1
William Hastings Burke	Jornalista	The Guardian	1
Zuza Homem de Mello	Jornalista/crítico	**	1
Textos não assinados	**	**	103